

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

PAULA RAMOS SMITH

**SÍSTOLES E DIÁSTOLES:
DE TEMPOS E VIDAS**

VITÓRIA

2012

PAULA RAMOS SMITH

SÍSTOLES E DIÁSTOLES:

DE TEMPOS E VIDAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Ana Paula Figueiredo Louzada.

VITÓRIA

2012

PAULA RAMOS SMITH

**SÍSTOLES E DIÁSTOLES:
DE TEMPOS E VIDAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Ana Paula Figueiredo Louzada
Universidade Federal do Espírito Santo

Profa. Dra. Leila Domingues Machado
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Kleber Jean Matos Lopes
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa, que por via da escrita e da experimentação, intenciona tomar contrações e dilatações do tempo, em suas relações com o modo como vivemos, aquilo que se convencionou chamar de tempo no contemporâneo. Em contraposição, há uma tentativa de experimentar um tempo, que precisamente forja desvios e desalinhos, em meio aos quais, delinea-se conceitualmente um tempo rizomático. Para tal, a pesquisa primou pela processualidade em seus fazeres, forjando seus aliados: pela troca de cartas que se encontram aleatoriamente dispostas de modo a acionar uma temporalidade outra; pela conversa, acompanhando olhares da cidade de Vitória (Espírito Santo) em oito de seus habitantes, por meio das quais se dialogam com os modos de habitar a cidade e sua relação com uma produção de subjetividade; pelas narrativas e transcrições de histórias de que apostam em produzir outras relações com a vida e o tempo, que ousam em divergir. E trouxe também como ferramenta os diários de borda. Em outras palavras, uma pesquisa que embrenhou-se pelos desatinos que potencializam a vida, em suas temporalidades. Para tanto, nas trilhas, especialmente, de Pélbart, Deleuze e Foucault encontrou-se seus intercessores.

Palavras-chave: Tempo; Vida; Subjetividade; Cidade;

ABSTRACT

It's a research that by writing and experimentation tends to take contractions and dilatations of time. Risks to trace processes of subjectification on the contemporaneous, and a "substancialization" of time. In contrast, there's an attempt of an experimentation of a time that precisely forges diversion and disorder, amid which, outlines conceptually a rhizomatic time. For that, the research topped by processuality on its makings, forging its allys: by the exchange of letters that meet randomly disposed in order to put in action another temporality; by conversation, accompanying views from the city of Vitória (Espírito Santo) by eight of its citizens, by each is possible to dialogue with ways of dwelling the city and its relationship with a production of subjectivity; by narratives and transcriptions of stories that ensure on building other relations with life and time, that dare on diverge. And as a strategy, brought also as a tool the registry made on research field. In other words, research entered by the follies that potentiate life in its temporalities. To achieve this, on tracks, specially, found on Pelbart, Deleuze and Foucault its intermediators.

Keywords: Time, Life, Subjectivity; City;

AGRADECIMENTOS

Agradeço, agradeço, agradeço...

talvez, uma gratidão infinita...

talvez, uma gratidão qualquer...

talvez, uma gratidão.

Gratidão, carinho, troca...

encontros, potencialidades, mais uma vez: grata.

Grata, imensamente, por todos.

Grata, pelo brilho nos olhos.

Grata, em demasia, pela coragem construída nas afirmações da vida.

Grata, pelo que não foi, pelas agonias, pelos desassossegos, pelo que se desfez.

Grata, pelo que ficou, pelo que se criou, pelo que se construiu.

Grata, pelos toques: no corpo, na voz, na vida.

Grata, pelos acolhimentos: sempre tão generosos.

Este é um trabalho que se constitui em meio a esta gratidão.

Grata à vida, única e irremediável.

Grata aos caminhos abertos

Grata aos caminhos que se fecharam

Grata aos desvios: tão potentes.

Extremamente grata.

A todos: gratidão.

SUMÁRIO

ARROUBOS: DE UMA PESQUISA QUE INSURGE PELO MEIO	p. 9
Um mestrado: três gestações, três tempos e muitos 'faz de conta'	p. 10
Rabiscos, desvios e atalhos de uma pesquisa	p. 13
CAPÍTULO I: SÍSTOLES E DIÁSTOLES DO TEMPO	p. 17
Sístoles e diástoles do tempo	p. 18
Apreendendo pelas palavras certas temporalidades	p. 22
Um pensamento, um tempo e uma escrita: linhas que se constroem no fora	p. 24
De uma outra troca: o canto das sereias de Blanchot e como escrevinhar um tempo que se desfaz	p. 29
CAPÍTULO II: UM TEMPO, UM CON(TEMPO)RÂNEO, UMA CIDADE	p. 32
Das conversas em meio à cidade: fragmentos	p. 33
Tempo, tempo, tempo, tempo	p. 35
Das conversas em meio à cidade: fragmentos – outros	p. 39
Sempre em frente, não temos tempo a perder	p. 41
Das conversas em meio à cidade: fragmentos – outros – outros	p. 47
Temos todo tempo do mundo	p. 52
CAPÍTULO III: DE TUDO QUE MOVE	p. 59
Criadores de brechas e de armas: de tudo que move	p. 60
Da primeira brecha: Maria bonita que se desmonta para se montar de novo	p. 76
Mais um gole de suco, para continuar a conversa	p. 81
De Armários e gavetas	p. 89
De uma Fabíola guerrilheira	p. 96
Da segunda brecha: maria maria é um dom, uma certa magia	p. 99
Da terceira brecha: uma ética ciclística e um olhar com a cidade	p. 117

Da quarta brecha: da moça que se faz... e atrapalha o fluxo	p. 125
Da quinta brecha: um duo que reverbera em toques à terra	p. 130
CAPÍTULO IV: DIÁRIOS DE BORDA – INTERSTÍCIOS INTEMPESTIVOS	p. 137
Interstícios intempestivos: do como contar um processo plural	p. 138
Acompanhando o caminhar das formigas	p. 138
Diário de borda: de como cheguei aqui	p. 143
Dos tateios e tropeços: um pouco do corpo/trajeto desta pesquisa(dora)	p. 146
O primeiro caminho proposto (do anteprojeto de pesquisa, 2010)	p. 147
Um transbordamento: uma certa escuta do tempo	p. 148
Conclusões inconclusas: do nosso modo de fazer	p. 154
Diário de borda: caminhamos pela transversal	p. 156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 160

ARROUBOS: UMA PESQUISA QUE INSURGE PELO MEIO

A meio caminho entre a filosofia, a clínica, o manifesto, a literatura, o gênero híbrido corre o risco óbvio de desgostar a todos. Aos profissionais do conceito, pelo aspecto ligeiro, aos da transferência e da vida, pelo caráter aleatório e duvidoso. Teriam um quê de razão, uns e outros, não fosse a circunstância particular de que determinadas experimentações teóricas e vitais têm na divagação e na digressão sua matéria-prima. Pois na sua textura mais íntima, mesmo quando atreladas a aparatos acadêmicos rigorosos, as experimentações teóricas comportam um quinhão irreduzível de ficção (PELBART, 1993, p. 11).

Arroubos de uma pesquisa que insurge pelo meio

Como adentrar em meio a esse trabalho, sem apagar-lhes os vestígios, sem esmagar as entrelinhas, o muito que perdeu-se ao ser composto esse plano de organização textual dissertativo? Não, leitor. Não farei desse texto um plano organizativo, imediato. Venha comigo, pelas entrelinhas, quase crateras, que insistem a curvar as linhas, transformando-as em desenhos-rabiscos, indefinidamente por fazer, certamente tortos... arroubos insurgentes.

Um mestrado: três gestações, três tempos e muitos 'faz de conta'

[...] precisava no meio do faz de conta falar a verdade de pedra opaca para que contrastasse com o faz de conta verde cintilante (LISPECTOR, 1998, p. 14)

agosto, 2012.

Deparei-me com este livro da Clarice, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, lembro-me que tentei lê-lo em outro momento e não consegui, não por gosto, mas por qualquer outro motivo, talvez tenha me prendido muito a pequenos detalhes naquela ocasião.

No passado, costumava ler um livro sempre com um pequeno dicionário ao lado e um caderno onde anotava as palavras que me encantavam e seus significados. Quando não encontrava o significado de alguma palavra, buscava o dicionário maior, vez ou outra, lia com os dois para não ter que parar a leitura e buscar o dicionário maior. Algumas palavras novas me cativavam e delas me apropriava, aumentava meu vocabulário como uma senhora vaidosa que está sempre cheia de adornos, carregava nos adjetivos como quem carrega na maquiagem: gostava de escrever peremptoriamente. Algumas outras palavras me causavam estranhamento e não conseguia fazer-lhes pérolas às minhas linhas vaidosas-textuais. Alguns significados me deixavam confusa ou por sua imensa variedade, ou por sua objetividade demasiada.

Voltando à Clarice, aqui no nosso Programa temos nos referido muito a ela, na maior parte das dissertações do PPGPSI, certamente encontraremos referência a Sra. Lispector. Confesso que fiquei até com certo pudor em usá-la. Pensava que fazer isso poderia ser como seguir algum tipo de modelo, mas percebi – a tempo – que o que nos atrai tanto em Clarice é menos o modelo de um padrão de dissertação e mais suas características tão peculiares de dizer das coisas, de nos fazer aperceber certas nuances que nos passam, na maior parte das vezes, anônimas e soltas. Sua forma de fazer operar em nós afetos, sua escrita é do tom da filosofia.

No presente momento, me alinho com Clarice no que diz respeito à sua vida, em determinada época. Clarice tinha filhos, como eu. E se dividia entre a vida de mãe de filhos e “sra. de um lar”, e escritora. Ou melhor, ela não se dividia, ela se multiplicava, configuravam ali, em seu cotidiano, inúmeras Clarices, tantas que sempre nos surpreendemos com seus textos – tamanha sua imensidão em ser outro, em outrar-se.

Clarice me faz pensar no muito, nos muitos, nas coisas que são, mas mais ainda nas que virão a ser... no estar, no estado estranho das coisas. Comecei o mestrado querendo falar do tempo. Lá em 2010, quando entrei, estava completamente apaixonada. Tinha encontrado o livro de Pélbart: *Tempo não reconciliado*, e achava tudo muito pertinente, era como um despertar, havia percebido o tempo de outra forma com essa leitura e precisava pesquisar, conversar mais, saber mais sobre isso. Hoje, 2012, meados... não sei mais da mesma forma, já me outrei em relação ao tempo, à pesquisa.

Às vezes, penso que o tempo se concretiza em nossas vidas de forma diversa e que cada vida carrega um tempo, dá forma a um tempo, mas aí vejo que de fato existe um tempo cronológico em que vivemos que nos marca, também. No entanto, para Deleuze, como será dito adiante, não é o tempo que é composto por nós, e sim, compomos um tempo.

Quantos tempos nas composições dos livros de Clarice. Ainda hoje, multiplicidades temporais em seus livros, mesmo que tenham sido escritos na década de 60 ou 70. E penso, também, no tempo que a cercava na época que

ela escreveu tal ou qual obra. Acredito que as confluências do tempo de sua época e de um determinado tempo que se agencia e atualiza em uma vida, criam ainda um outro tempo.

Como tomar o tempo nessa mistura? Como uma conclusão inconclusa, como uma gestação infinita, como um filho que nasce: nada se sabe sobre ele, quem é, quem será, o que virá a ser... mas ele vem, ele está e esta imprevisibilidade, este acaso é que o faz, é o que é.

E, durante esse tempo que passei/passou no mestrado, tive três gestações: a primeira o trabalho a que me propus. A segunda, o filho primeiro que tive no primeiro ano de mestrado. A terceira, o filho segundo que tive no terceiro ano. Este trabalho está altamente afetado por todas essas gestações e seus filhos, meus. Antes, quando pensava em falar sobre isso, me encontrava em dificuldade... Como vou falar do meu processo de maternidade?

Então, hoje, dia 13 de agosto, quando meu segundo filho completa 10 dias de vida, entendi... não tive dois filhos durante o mestrado, mas três. Um desses filhos foi/é este trabalho... E como é bom entender isso, pois um filho é algo sempre em mutação, indefinido. E assim afirmamos que desse mesmo modo é esta dissertação: aberta – de pernas pro ar, de cabeça para baixo, dando cambalhotas, se contorcendo, espremendo... Ela não tem conclusão, mesmo que aqui tenha um subtítulo com esse fim. É faz de conta, como disse Clarice, "... faz de conta que tudo o que tinha não era faz de conta..." (LISPECTOR, 1998, p.15).

Afinal, nossas dissertações não são um faz de contas? Afinal, nós mesmos não somos um faz de contas? Afinal, nossas vidas não são? Afinal, o que não é faz de conta não deveria ser? Será que o que precisamos, em grande medida, não é defender nosso corpo faz de conta? Nossa vida faz de conta? Não um faz de conta de historinha da Disney, não um faz de conta da carochinha, mas o faz de conta, a dimensão da inventiva, da criação, o que nos faz ser e não ser e para além e atravessa, e rompe com os nossos limites e o que achamos que são nossos limites... e o que achamos, sempre achamos.

Faz de conta que aqui tem uma dissertação do jeito que você gostaria...

Faz de conta que aqui tem uma dissertação...

Faz de conta...

Fabulações...

Fabular ...

ações...

Rabiscos, desvios e atalhos de uma pesquisa

Rabiscos como paradoxos de uma pesquisa na qual se quer colocar em análise o modo como vivemos, aquilo que se convencionou chamar de tempo no contemporâneo. Um tempo que se faz inexato, que força a aquilo que “em”-forma. Pensando nesse sinuoso ato de escritura, esse trabalho se constrói no quase, no entre, no absurdo. Não se quer tratado, não é nenhum esmero. Tudo aqui foi feito repentinamente, como um jorro. Num tempo encontrado como possível, num tempo criado para dar conta de tantas coisas que atravessam uma vida – a desta pesquisadora, neste processo literalmente gestacional de pesquisa.

Essa pesquisa foi feita, como já afirmado, aos solavancos. Movimentos e paradas. Precisa-se parar. A vida urge. A pesquisa, ao longo do mestrado, foi feita de paradas, às vezes, quase coma. Mas uma pesquisa tão entranhada na vida (como cavar outros modos de existir que não estejam tão afeitos às acelerações sufocantes) insiste, resiste, e teimosamente transmuta-se em outras, desvia-se.

Um quê de menos atordoa; mas não eram esses os planos iniciais, quantas mirabolantes estratégias foram moduladas em meio ao tateamento de intervenções urbanas? Algumas feitas, outras desfeitas, alinhavos puídos, deixados à beira do caminho.

Se há marcas fortes nesse trabalho são as insistentes e tonteantes paradas. Um trabalho, uma pesquisa que começa e para, e então começa outra vez e, de novo, para e segue com longas paradas. E quando retomada, já se constitui por

outros vieses, ou se desfaz. Uma pesquisa que para “por muito tempo” (em qual marcação? para quem?), que precisa parar, que precisa do tempo da parada para se refazer, para existir, para criar contornos... um pouco mais de fôlego... para ritmar uma outra cadência, que a joga para outro canto, compõe-lhe outro rosto.

Uma pesquisa que se perde em uma esquina, em um canto qualquer. Várias pesquisas existiram aqui e se perderam, entre as paradas necessárias ao caminhar que se estabeleceu neste processo. Quantos tempos desejados? Quantos outros vestígios esquecidos? Pistas deixadas? Quanto mudou desde o anteprojeto de pesquisa arrojado e intelectualizado, apresentado quando da seleção? Quanto ficou? Não sei dizer, talvez, num exercício forçoso, consiga entrever o como.

Não é inútil lembrar que o tempo da criação artística ou do pensamento também exige algo dessa ordem. Do dar tempo e paciência para que o tempo e a forma brotem a partir do informe e do indecيدido. O desafio é propiciar as condições para um tempo não controlável, não programável, que possa trazer o acontecimento que nossas tecnologias insistem em neutralizar. Pois importa, tanto no caso do pensamento como da criação, mas também no da loucura, guardadas as diferenças, de poder acolher o que não estamos preparados para acolher, porque este novo não pôde ser previsto nem programado, pois é da ordem do tempo em sua vinda, e não em sua antecipação. É quase o esforço inimaginável, não da abolição do tempo, mas de sua doação. Não libertar-se do tempo, como quer a tecnociência, mas libertar o tempo, devolver-lhe a potência do começo, a possibilidade do impossível, o surgimento do insurgente. Trata-se aí de um tempo que escaparia à presença, à presentificação, à continuidade, dando lugar a outras aventuras temporais (PELBART, 1993, p. 23).

Criação e pensamento, informe e indecيدido. O tempo em sua vinda... Um tempo para acolher o que ainda não estamos preparados para acolher, explodem com as previsões e programações tecnocráticas. Uma doação, uma libertação do tempo, possibilitar o insurgente, possibilitar aventuras temporais. Um canto ao embate que atravessa a pesquisadora tomada pela incerteza.

Um novo desvio de rota: essa dissertação não é feita de paradas, mas de intensa luta que arrasta um modo de fazer pesquisa no contemporâneo (com toda sua

produtividade, prazos e financiamentos), e um corpo que pede calma para
gestar, para possibilitar o insurgente. Um canto¹ insiste em tomar o corpo:

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para...
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara...
Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência...
O mundo vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência...
Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara.

Assim, entre solavancos e desalinhos, avanços apressados e bruscamente interrompidos, produção de pausas; necessariamente, tem-se um trabalho mais simples que se forja. E faz-se necessária essa simplicidade, como se fosse um ensinamento da vida que pede passagem e grita e bate e quebra e escancara: que uma pesquisa-vida não segue cartilhas, nem leis universais, que o caminho se faz com o caminhar. Aprendi isso. Pesquisa e vida... como conjugar um verbo em comum para essas duas instâncias aparentemente distantes, aparentemente distintas? Uma pesquisa se faz em uma vida, uma pesquisa que atravessa uma vida, uma vida que dá forma a uma pesquisa... é possível confluir, é possível encontro.

Para isso, nessa pesquisa optamos por alguns rabiscos metodológicos, tantas vezes feitos, desfeitos, refeitos:

¹ Paciência, Lenine. Disponível em <http://letras.mus.br/lenine/47001/>

- problematizar os conceitos de tempo, em Deleuze: fiando linhas rizomáticas que compõem a pesquisa;
- atravessar o *texto-dissertação-temporalidade-linearizada-numa-sucessão-de-páginas-ordenadas*, com cartas, inscritas em outros regimes de temporalidades não lineares, afeitas aos sentidos, ao que vaza/rasga as sucessões;
- analisar, junto a oito moradores de Vitória, como se constitui um modo de tracejar diferentes temporalidades. E ainda, como – mesmo com a homogeneização das vidas, dos espaços e com a rarefação do tempo –, vidas destoantes produzem escapes a essas lógicas;
- compor, através de narrativas e transcrições, histórias de que apostam em produzir outras relações com a vida e o tempo, que ousam em divergir.

CAPÍTULO I

SÍSTOLES E DIÁSTOLES

Nem treva nem caos.
A treva implora
Olhos que possam ver, como o ouvido.
Têm o som e o silêncio requerido.
E o espelho, a forma que ali mora.
Nem o espaço nem o tempo.
Afinal, sequer a deidade que premedita
O silêncio anterior à primordial
Noite do tempo, que será infinita.
O grande rio de Heráclito, o Obscuro,
Seu curso misterioso não empreendido,
Que do passado flui para o futuro,
Que do olvido flui para o olvido.
Algo que já padece.
Algo que implora.
Depois a história universal.
Agora.
(BORGES, 2009, p. 165)

CAPÍTULO I: SÍSTOLES E DIÁSTOLES

Tempo.

Seria como versa Borges em *Cosmogonia*? Um enigma? Ou, seria, ainda, como um rio seguindo seu curso? Seria algo que passa? Entidade, série de diversos momentos, ciclos, movimento, finitude, infinitude, conciliação? Deus, sábio, velho?

O que é o tempo? Ou torcendo a pergunta, como fabricam-se tempos e suas noções?

Quando nos propusemos a pensar e elaborar problematizações sobre tal conceito, não sabíamos que seria uma empreitada tão caleidoscópica, na qual, conforme mudássemos de mirada, estaríamos em contato já com um outro conceito, noção ou apreciação do tempo, não sabíamos o quão movediço e movente é este conceito.

E, se procuramos referências por aí, temos no senso comum, uma usual concepção: o tempo como algo que passa; o tempo dos relógios, que pode ser contado e que nos falta, por ser repartido, espacializado. Ou, ainda: tempo como clima, um tanto mais enigmático, se pensarmos que não sabemos quando vai chover e quando vai fazer sol, ou nevar. Entre outras formas usuais de se relacionar o tempo como momento, como época, como falta.

Os filósofos, que se desafiaram a contribuir para o entendimento dessa noção um tanto abstrata, diferem bastante em direções. Uns, o compreendem como uma noção humana forjada no interior de cada psicologia, aos moldes de Santo Agostinho, que concebe o tempo como uma distensão da alma, portanto, com um caráter psicológico.

Outros, o entendem como ontológico, como um ser em si, que existe e basta-se por si. Outros, ainda, o apreciam bem metafisicamente, como algo que transcende ao ser e que o põe em irremediáveis dualismos, como: eterno e finito, material e anímico.

Neste capítulo, nos alinharemos às noções de tempo em Deleuze (também atravessadas por outros pesquisadores); contudo, deixando claro: em nosso trabalho elas tornam-se, já outra coisa. Estaremos, ainda, em consonância ao tempo em suas linhas éticas, nessa intrincada composição rizomática; onde, nos vemos imersos, ora em um, ora em outro conceito, cavalcando as distintas linhas que se encaminham por este trabalho.

Faremos, no presente capítulo, uma breve conceituação do tempo como rizoma, por entendermos que essa noção perpassa o trabalho e os tempos aqui convocados. Não falaremos em momento algum da concepção bergsoniana de tempo, mas tocaremos em ressonâncias deleuzianas ao analisarmos atual e virtual, no Capítulo IV Tudo que move.

E, com todas as dificuldades acerca do tema, podemos nos arriscar em algumas afirmações. Experimentamos o tempo a partir de nosso nascimento. Daí para frente, somos induzidos a entender o tempo em etapas, dividido em passado, presente e futuro. O que nos faz ter uma concepção de tempo sucessiva, logo, cronológica e “compartimentalizada”. Mas será que o tempo Cronos é o tempo por excelência? Ou ainda, uma outra formulação: será que existe apenas este tempo dos relógios a se agenciar com nossas vidas?

Com isso, uma afirmação metodológica, para seguir adiante: este capítulo, como essa dissertação, é um risco, e se entende como tal. Sabe-se, que a noção de tempo e sua conceituação são extremamente difíceis, e que poucos filósofos se arriscaram nesta jornada, sendo que alguns que fizeram, perseguiram isso por toda a sua filosofia.

O que intentamos, todavia, não é nada disso – uma nova conceituação –, mas atravessar alguns questionamentos deleuzianos acerca do tempo, fazendo um corte, que é justamente o direcionamento que daremos a este trabalho.

Um ponto marcante em nossa caminhada é que não distanciamos tempo e vida. Entendendo este duo como composições de um tempo tomado por sua via ética, pensando ética como um exercício de vida; com isso, trazemos, aqui, as ressonâncias que atravessam essa via com a qual nos enamoramos. Afirmamos tempo como vida, como uma vida a se atualizar e vice-versa – um forjando outro,

outro forjando um.² O múltiplo dos devires, a afirmação da vida como devir, como potência.

A afirmação é o mais alto poder da vontade. Mas o que é afirmado? A Terra, a vida... mas que forma tomam a Terra e a vida quando são objetos de afirmação? Forma desconhecida por nós, que só habitamos a superfície desolada da Terra e só vivemos estados vizinhos do zero. O que o niilismo condena e se esforça por negar não é tanto o Ser, porque o Ser, sabe-se já há muito tempo, parece-se com o Nada como um irmão. É de preferência o múltiplo, é de preferência o devir (DELEUZE, 2009c, p. 31-32).

Nessa empreitada, contamos com intercessores: *Matéria em movimento: a ilusão do tempo e o eterno retorno*, de Regina Schöpke; *A experiência do fora Blanchot, Foucault e Deleuze*, de Tatiana Salem Levy; e *Tempo não reconciliado*, de Peter Pál Pelbart³; além de textos de autoria de Deleuze (2009a, 2009b, 2009c, 2004).

Logo abaixo, trazemos um trecho, em forma do diálogo, do filme *O Mahabharata*,⁴ em que um homem conversa com um rio: uma das simbologias do tempo. Na mitologia hindu, cinco irmãos estavam em exílio, atravessando uma floresta. Depois de longa caminhada por aquela, se encontravam com extrema sede. Avistaram um rio, e logo, um a um, se achegaram a ele.

Assim que lhe imergiam, o rio lhes dizia: “Não beba! Responda, primeiro, as minhas perguntas, e então poderá saciar a sua sede.” Os quatro primeiros homens, não resistindo à sede, beberam das águas do rio. Caíram mortos. O quinto e último irmão, ao encontrar os outros quatro caídos em volta do rio, assustou-se, e pensativo, tentou entender o que poderia ter matado seus irmãos, já que não havia sangue, nem qualquer vestígio de que haviam sido atacados.

Logo, adentra ao rio e tenta beber suas águas. O rio lhe alerta com a mesma advertência que deu aos irmãos. O homem, para. Parado, escuta o rio e assim, se dá o diálogo entre eles. O rio, enigmático, faz as perguntas, o homem, pensativo, responde.

² Essa discussão será mais ampliada no capítulo Tudo que move.

³ Os autores citados trazem alguns vieses deleuzianos do tempo.

⁴ O Mahabharata, filme de Peter Brook, 1989.

Um enigma, que nos remete, em alguma medida, talvez, às relações do homem com o tempo, logo, com a vida. Para nos confundir ainda um pouco mais, o belo trecho, abaixo:

- O que é o mais rápido que o vento?
 - O pensamento.
- O que é capaz de cobrir a terra?
 - Escuridão
- Quem é maior em número, vivos ou mortos?
 - Vivos, porque os mortos não mais existem.
 - Dê-me um exemplo de 'espaço'.
 - Minhas duas mãos, como uma só.
 - Um exemplo de dor.
 - Ignorância.
 - De veneno?
 - Desejo.
 - Um exemplo de derrota.
 - Vitória
 - O que veio antes: o dia ou a noite?
- O dia, mas somente um dia adiantado.
 - Qual é a causa do mundo?
 - Amor.
 - Qual é o seu oposto?
 - Eu mesmo
 - O que é loucura?
 - Uma 'estrada' esquecida.
 - E a revolta? Por que os homens se revoltam?
 - Para encontrar a beleza, na vida ou na morte.
 - O que, para cada um de nós, é inevitável?
 - Felicidade.
 - E qual é a máxima maravilha?
 - A cada dia a morte nos ataca,
 - e nós vivemos como se fôssemos imortais,
 - esta é a grande maravilha.⁵

Pensando, ainda potencializados pelo diálogo, no entre tempo e vida, esbarramos em algumas linhas, e suas variadas encarnações do tempo. Tempo e pensamento, tempo e escrita, tempo e corpo, tempo e fora, tempo e subjetividade: entrecruzamentos que proliferam tempos ao longo do trabalho.

O que traremos nesta pesquisa é esse miscigenado cruzamento de linhas, que, se cruzam potencializando a composição para uma noção de tempo: tempo rizomático, que flui suas linhas indefinidamente. Mais do que um cruzamento: expansões de linhas. O tempo tomado a partir de seu viés complicado,

⁵ Não estamos afirmando que o tempo é um enigma, mas que pode ser apreendido desta forma.

rizomático, sem conciliação, sem ciclos e sucessividades, um tempo outro para um pensar outro (PELBART, 2007).

Rizoma, para nós, é uma abertura, são os virtuais e suas atualizações. Um sistema não de pontos, mas de linhas. “Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mudem de natureza” (DELEUZE, 2009, p. 16).

Rizoma como heterogeneidade que opera variações infinitas, que subtrai o único da multiplicidade a ser constituída. Tem como principal característica as múltiplas entradas.

A estes sistemas centrados, os autores opõem sistemas a-centrados, redes de autômatos finitos, nos quais a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, se definem somente por um estado a tal momento (DELEUZE, 2009, p. 27).

Rizoma como a força que opera nesta pesquisa várias entradas e saídas, sem começos e fins, uma pesquisa que se fabrica, em grande medida, pelo meio é, forçosamente, rizomática: “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (DELEUZE, 2009, p. 37).

Apreendendo pelas palavras certas temporalidades

É importante, então, assim se faz, que pensemos um tempo que componha e comporte uma escrita, já que este trabalho é um trabalho escrito. Sendo assim, puxaremos fios, aqui, que nos remetem às linhas que se desenrolarão ao longo do trabalho e que estão, também, em sua composição.

Com isso, sabe-se que uma dada escrita está em uso neste percurso-trabalho. Uma escrita que é cheia de curvas, que não é ritmada, nem contínua, tampouco linear. Ela vai, ela vem, ziguezagueia, tonteia. Este trabalho é marcado por uma escrita fragmentária e descontínua, que se apresenta de variadas formas, conforme suas paradas e entradas. É marcado, ainda, por uma escrita que não é uma, já que se escreve em momentos distintos, em contextos variados, esta

escrita é mais uma escritura do tempo, de tempos que se constituem diferenciados em seu fazer.

Não vamos ter explicações, elucidações, mas um texto que vai seguindo um fluxo alinear, fluxo da memória, memória que nos força a pensar. Notamos que precisávamos de molejo para comportar uma escrita tão torta, de uma escritura que se percebe e faça desengonçada e que com tantas movimentações nos apresenta crucialmente isto: as variadas entradas e composições deste trabalho forjando nele uma temporalidade.

Portanto, a escrita torna-se tradutora, em parte, de parte do pensamento que a acompanha e que se constitui com ela. Conseguir criar continuidade entre um parágrafo e outro, entre uma frase e outra é, muitas vezes, uma tarefa hercúlea e desnecessária se analisamos o pensamento à luz do fora, do plano de imanência.

O que aqui se propõe é justamente não ceder a uma escrita que homogeneíza, que confina o pensamento e atravanca o processo, pessoaliza e se enraíza, sem poder sequer roçar o fora, quanto mais acompanhar seus “passos”. Acompanhar esse fluxo de pensamento-escrita, escrita-pensamento, tentando, ainda, trazer para o texto esse processo, essa construção.

Numa espécie de escrita-tempo, um corpo é convocado através das palavras e para além delas. Onde se produz uma construção de um tempo outro, por se tratarem da mesma coisa: a dobra do fora é a subjetivação e o tempo. No nosso trabalho, ao longo dele, encontra-se essa direção na escrita, uma escrita que pode ser entendida como uma tentativa de escrita de si.⁶

O pensamento que se afirma aqui não é da ordem da razão, contudo, é necessário um pouco desta para exercer esta escrita, numa coexistência de planos, planos que realizam em si coisas distintas, mas que se entrecruzam a todo instante: “[...] todos os planos, [...] todas as multiplicidades encontram-se num único e mesmo plano. Não há mais a separação entre o mundo e um além,

⁶ Uma das práticas de si, dos gregos antigos, no qual o exercício de si, dava-se, também, pela escrita; ver em Resende (2008).

pois todos os mundos se englobam no plano de imanência” (LEVY, 2011, p. 102).

Sobretudo, marcamos este paradoxo para que fique evidente: uma afirmação não nega ou invalida a outra; caminham juntas, ainda que, possivelmente, por trilhas distintas, pensamento paradoxo do qual este trabalho se pretende apropriar naquilo que se apropria.

Tensões, vias, desvios, pensamentos que nos direcionam a pensar o tempo das mais variadas formas. Tratam-se de junções, torções, rizomas, tateios, devaneios, sístoles, diástoles, interstícios, arroubos e afins.

Um pensamento, um tempo e uma escrita: linhas que se constroem no fora

Escrever é uma das formas de pôr a matéria pensamento a se mover, de impulsionar-lhe ao fora, e, assim, roçar o tempo:

O pensamento de Deleuze não cessou de explorar tais imagens de tempo, como se elas expressassem não só a variação do tempo, mas do próprio pensamento. E, de fato, mais e mais o tempo aparecerá ao pensamento como sua matéria mais íntima, como a força que a força ir ao seu limite, como seu Fora inapelável. O tempo à luz do Fora, e o sujeito como uma sua dobra defasada (PELBART, 2007, p. 189).

O pensamento⁷ não tem o cuidadoso aprumo das palavras ordenadamente elaboradas; surge, insurge, irrompe, brota, emerge – no quase, no entre, trata-se de um outro tempo – um tempo ainda não corporificado. Um pensamento que não é uma coisa nem outra; é, pode ser, uma coisa e outra, e ainda tantas várias. Veloz, não conseguimos seguir seus passos. Tentamos. Paramos. E nessa tentativa, transcrevemos como num quase sonho; quase acordados, escrita em transe – tempo dos incorporais:

⁷ Gilles Deleuze propôs substituir o que ele chamou de uma imagem do pensamento por um pensamento sem imagem. Imagem do pensamento significa grosseiramente uma forma à qual o pensamento está submetido. Ao contrário, forjar o pensamento sem imagem de pensamento, isto é, sem uma imagem prévia do que seja pensar (será isto possível? Ou trata-se apenas de outra imagem do pensar?) pode implicar em abrir mão de uma forma, um modelo. Um pouco como fez a arte abstrata, que ao dispensar a figuratividade pôde liberar cores, linhas e uma série de virtualidades pictóricas até então aprisionadas debaixo da representação figurativa (PELBART, 1993, p. 24).

Um pensamento que se processa ainda sem corpo, no combate de forças. Um pensamento que se estabelece e incorpora pelo coletivo, com ele – não é individualizante, não pertence a uma mente pensante, ou a um grupo especializado, nem, tampouco, tem autoria determinada. “Pensar é dobrar, é duplicar o fora com um dentro que lhe é coextensivo. A topologia geral do pensamento, que começa já ‘na vizinhança’ das singularidades, se completa agora dobrando-se o lado de fora ao lado de dentro” (DELEUZE, 2005, p. 126).

É, antes de tudo, um processo que se dá no coletivo, pré-individual. Uma batalha que se desenvolve no campo de forças virtuais e se atualiza, ganha matéria, se expressa, através de um corpo-pensamento, como um tempo a se compor, a ganhar forma. A escrita, que também não é de *um* autor, se torna uma incorporação de determinados pensamentos que se constituem sempre num aglomerado, coletivamente, na vida. Forças e linhas que se atravessam, justapõem, que concorrem, que se multiplicam, se descontrolam, que escapam.

A escrita como um corpo-pensamento se torna um tempo brotando em palavras. E este pensamento, que não é ordenado, tampouco transcendente - estaria mais próximo da imanência: no faro de Deleuze, entendendo imanência como uma vida, como uma singularidade que se dá em uma vida, em uma escrita, em um tempo. Um tal pensamento não é da ordem da razão; é, antes, sensorial. Pensamento-arte que se desdobra em invenção a cada conexão, a cada descontrolo. E nem por isso menos real e corpóreo.

Um pensamento que tem na escrita o barro a se moldar: o corpo, para lhe dar a forma da qual necessitava, o torna palpável, modulável. Um tempo que é convocado a esta tarefa artística, a este co-engendramento entre pensamento e escrita. Tempo que se traduz em palavras, que se constrói com elas, no encaixo da vida. Um tempo que se constrói eticamente, que tem a ética da vida como direção, uma outra pista. Para essa tarefa escriturária outro tempo é convocado, construído, incorporado.

Tempo Aion para uma escrita-tempo, por um pensar outro. Logo, por não ser linear, nem concordar que início rima com fim, o pensamento que se afirma nesta pesquisa, se lapida em fragmentos, transbordamentos, em instantes,

apontamentos, vai-e-vem, num balanço, numa cadência, que ora é samba e ora é rock'n roll, numa mistura, numa quizumba – pelo meio:

[...] é que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE, 2009, p. 37).

É um convite, um convite a pensar de outro modo, a forçar o pensamento a pensar o improvável, a criar uma brecha, uma rachadura – desmanchando as durezas sólidas e apostando no estado gasoso das coisas. Um pensamento que se processualiza no entre, e estes inúmeros entres que escapam e se incorporam, criam uma matéria que os faz dizer. Um corpo remendado para este pensamento fragmentado.

É preciso, então, ler e escrever. Ler para dialogar e aprender. Escrever para convocar essas forças, para fazer a escrita falar, para tentar colocar em expressão algo que traduza esse pensar sem significações estanques, um pensar da ordem das forças, que se faz e desfaz, conforme; pensamentos como imagens, não uma imagem fixa do pensamento, mas um pensamento que extrapola o verbo, sensorial.

É na escrita que o pensamento rende o mais que pode: a escrita convoca o trabalho do pensamento, e lhe traz maior acuidade e consistência [...] É um modo de exercer a escrita em que ela nos transporta para o invisível, e as palavras que se encontram através de seu exercício tornam o mais palpável possível a diferença que só existiria na ordem do impalpável. Escrever é traçar um devir. Escrever é esculpir com palavras a matéria-prima do tempo, onde não há separação entre a matéria-prima e a escultura, pois o tempo não existe senão esculpido em um corpo, que neste caso é o da escrita, e o que se escreve não existe senão como verdade do tempo [...] escrever é fazer letra para a música do tempo; e é esta música sempre singular, que nos indica a direção da letra, que seleciona as palavras que transmitam o mais exatamente possível seus tons, seus timbres, seus ritmos, suas intensidades (ROLNIK, s/d).

Nesse pensar que faz música com as letras do tempo, seguimos cheios de questões... Como é esse tempo e qual tempo é esse com o qual falamos? Aion e

Cronos, como se diferenciam? Levy nos ajuda, dando-nos pistas caras para algum entendimento:

Aion, em vez de cronos, em outras palavras, um tempo do acontecimento, e não da efetivação. O acontecimento é justamente o que acaba de acontecer e o que ainda vai acontecer, mas nunca o que se passa. [...] Ao contrário, a efetivação, característica do tempo cronológico, é o presente que passa. Resumindo, para cronos, é apenas o presente que existe no tempo; ao passo que, para Aion, são o passado e o futuro. Mas um futuro e um passado 'que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos, ao mesmo tempo (LEVY, 2011, p.120)

Com essas composições que fazemos com Levy e Deleuze, seguimos, talvez um pouco mais próximos do que seria esse tempo, talvez, um pouco mais confusos. Certamente repletos de questões, repletos de possibilidades. E aí, trazemos já um outro intercessor, que vem nos provocar em uma canção.

Tô bem de baixo prá poder subir
Tô bem de cima prá poder cair
Tô dividindo prá poder sobrar
Desperdiçando prá poder faltar
Devagarinho prá poder caber
Bem de leve prá não perdoar
Tô estudando prá saber ignorar
Eu tô aqui comendo para vomitar
Eu tô te explicando
Prá te confundir
Eu tô te confundindo
Prá te esclarecer
Tô iluminado
Prá poder cegar
Tô ficando cego
Prá poder guiar
Suavemente prá poder rasgar
Olho fechado prá te ver melhor
Com alegria prá poder chorar
Desesperado prá ter paciência
Carinhoso prá poder ferir
Lentamente prá não atrasar
Atrás da vida prá poder morrer
Eu tô me despedindo prá poder voltar⁸

Um pensar que se nomeia, se faz canção e segue sem nome; sem verso, sem ponto e se utiliza do ponto, sem vírgula e se utiliza da vírgula: quebrando,

⁸ Tô, Tom Zé, disponível em <http://letras.mus.br/tom-ze/164918/>

rompendo, rachando, louco, paradoxal. Quiçá, seja o pensamento do plano das forças, e a escrita um exercício de trazer para o campo das formas. E neste jogo, neste duo, nas duplicações que marcam posições diferentes emerge uma outra coisa qualquer. Um outro (indeterminado, cruzado, atravessado) tempo?

Nas vias deste escrever, que acompanham os rumos variados do pensar, neste pensar-transe, consegue-se não ordenar totalmente o pensamento, ou não se precisa disto, consegue-se, ainda, não mais ser um “Eu pensante”, perdem sentido os egos, caminha-se rumo ao Outro, o outramento faz parte deste processo de abertura, de alteridade. Para isso, desejamos não representar o que é pensado, mas acompanhar este pensamento, o entre deste pensamento, assumindo, contudo, o risco de cair em alguns momentos nessa escrita representativa, o que vale, porém, é este exercício de escrita, este labor da tentativa de um escrever que assuma outra lógica, uma escrita ética, uma escrita de si, uma abertura.

O homem é um modo de ser tal que nele se funda esta dimensão sempre aberta, jamais delimitada de uma vez por todas, mas indefinidamente percorrida, que vai, de uma parte dele mesmo que ele não reflete num cogito, ao ato do pensamento pelo qual a capta; e que, inversamente, vai desta pura captação ao atravancamento empírico, à ascensão desordenada dos conteúdos, ao desvio das experiências que escapam a si mesmas, a todo horizonte silencioso do que se dá na extensão movediça do não-pensamento. Porque é duplo empírico-transcendental, o homem é também o lugar do desconhecimento que expõe sempre seu pensamento a ser transbordado por seu ser próprio e que lhe permite, ao mesmo tempo, se interpelar a partir do que lhe escapa (DELEUZE, 2005, p. 445).

Esse exercício, numa dimensão sempre aberta, que comporta as linhas que compõem nossa subjetividade, equipara tempo e subjetividade, que faz um coextensivo e cocriador do outro, num processo infinitamente inacabado de coengendramento de um se fazendo o outro e vice-versa.

O tempo não cronológico, esse tempo originário do qual se está falando, nada mais é do que a dobra do fora. O tempo como sujeito...[...] viu-se que dobrar o fora, fazer a força se afetar é o movimento próprio da subjetivação. No entanto, essa dobra, segundo Deleuze, é mais o tempo em seu estado complicado do que uma dobra espacial” (LEVY, 2011, p. 120).

Se for preciso o fora para nos colocar em contato com o pensamento, para nos lançar na violência de um pensamento sem Eu, então, esse fora nos direciona a um pensar a-subjetivo, talvez, por isso mesmo, atue na modulação da subjetividade, pois ao lhe cortar ao meio; tornando-a impessoal, cavando-lhe, ou ainda, em sua porosidade, mergulhando no acaso, no disforme.

Pensar não acontece a todo instante, mas é fruto de um acaso circunstancial. Pensar depende de um encontro, de uma violência, de forças desconhecidas que esvaziam nossas certezas. Nesse sentido, pensar é uma possibilidade, algo que pode ou não acontecer, dependendo da ocorrência e da força dos encontros (LEVY, 2011, p. 123).

Escrever pode ser, então, forçar o pensamento a pensar, num certo exercício de equilíbrio: escreve-se, como sugere Deleuze (2000), no limite do que não se sabe, nessa tênue linha, nesse entre. Forçando o pensamento a pensar mais. Se se escrevesse só o que se soubesse, partiríamos de uma racionalidade, e tratar-se de uma outra coisa. Como acompanhar este pensar, esta escrita-rizoma, como dar-lhe voz?

Nosso intuito, no entanto, vale voltar a afirmar, é trazer “materialidade” para esses tempos muitos, com os quais dialogamos. Faremos isso, ao longo do trabalho, através das discussões trazidas em cada capítulo, nos quais afirmaremos temporalidades distintas. Faremos isso, também, através de uma escrita-outra que se insinua ao longo da dissertação sem sequer ser paginada, uma escrita-janela, uma escrita-transbordante, escrita-puída. Para isso, explicamos abaixo do que se trata.

De uma outra troca: o canto das sereias de Blanchot e como escrevinhar um tempo que se desfaz

Blanchot, em “O livro por vir” em um capítulo dedicado ao canto das sereias: em tudo não satisfatório, canhestro, claudicante, impalpável, no entanto: encantador. Algo como a natureza da narrativa, o ato narrativo, o ato de cantar: encantar e se desfazer.

Não devemos esquecer que esse canto se destinava a navegadores, homens do risco e do movimento ousado, e era também ele uma navegação: era uma distância, e o que revelava era a possibilidade de percorrer essa distância, de fazer, do canto, o movimento em direção ao canto, e desse movimento, a expressão do maior desejo (BLANCHOT, 2005, p. 4).

Nesse movimento que se faz e já desfaz, desmancha, aparece e desaparece e encanta, segue-se narrando o mundo, seguimo-nos narrando nossas aventuras, desventuras, enfim, narrando-nos, inventando mundos e inventando tempos.

Há uma rachadura, uma fragmentação; nela, o trabalho se encaminha por outras vias, vias que aparecem como uma flor que brota no asfalto, configurando-se em uma outra linha neste percurso. As cartas, inseridas ao acaso, provocando brechas – janelas por onde se podem olhar outras paisagens.

A humanidade se narra, e através de suas narrativas se cria, se inventa, se produz e perpetua; logo se inscreve no tempo. A narrativa começa onde o romance não vai, mas para onde conduz, por suas recusas e sua rica negligência. A narrativa é, heróica e pretensiosa, o relato de um único episódio [...] (BLANCHOT, 2005, p. 7).

Sendo assim, um pouco de confusão ou mesmo bastante se faz necessário neste caminho repleto de percalços que é o ato de narrar. Percalços como o de Hércules e de Ulisses, mas também percalços tolos e menores, como o de um cachorro que precisa fazer xixi, mas não consegue, não pode fazer enquanto o dono não aparece; percalços menores que compõem cotidianos, que fiam nossa colcha de retalhos da vida.

[...] uma colcha de retalhos, feita de blocos de infância, de primaveras e outonos, de instantes que duram, de cantigas que nos rodam, fazem-nos girar, girar, até que giramos em torno de nós mesmos, flexionamo-nos [...] (FERNANDES, 2010, p. 109).

Fazem parte de nossas cartas, para uma costura outra: Zilá e Polímnia/Jaia e Clio, que vão enviesando suas trocas como o canto das sereias de Blanchot. Cada uma com um tempo, em seu tempo, costurando um manto por vir, do patchwork que fazemos nesta pesquisa. Num diálogo incontinuo, louco, diferente.

Entram elas, essas cartas feitas pelas personagens que criamos, ao longo do trabalho: como uma brecha, uma rachadura, uma chamada para um tempo outro. São feitas em blogs, através de trocas na rede⁹ entre amigas: Carla Jaia, como Polímnia; Maria Carolina, como Clio e Paula Smith, como Zilá. Cartas que falam de vidas. As cartas: veludos puídos. Puídos como a vida, que se esvai. Algo de impermanente, algo que desvia e desaparece, algo que já foi e ainda virá.

Ocorre que Proust, por uma confusão fascinante, extrai das singularidades do tempo próprio da narrativa, singularidades que penetrem sua vida, recursos que lhe permitem também salvar o tempo real. Há, em sua obra, uma intricação, talvez enganosa, mas maravilhosa, de todas as formas de tempo. Nunca sabemos, e muito rapidamente ele mesmo já não é capaz de saber, a qual tempo pertence o acontecimento que evoca, se aquilo acontece somente no tempo da narrativa ou se acontece para que chegue o momento da narrativa, a partir do qual o que aconteceu se torna realidade e verdade. Da mesma forma, falando do tempo e vivendo aquilo de que fala, e só podendo falar através daquele outro tempo que nele é fala, Proust mistura, numa mescla ora intencional, ora onírica, todas as possibilidades, todas as contradições, todas as maneiras pelas quais o tempo se torna tempo (BLANCHOT, 2005, p. 15).

⁹ Polímnia, disponível no blog: <http://www.bailedemascaras.blog.br/>; Clio, disponível no blog: <http://verticalidadesviscerais.blogspot.com.br/>; <http://entre-flores.blogspot.com.br/>; Zilá, no blog: <http://hojeotempo.blogspot.com.br/>

CAPÍTULO II

UM TEMPO, UM COM(TEMPO)RÂNEO, UMA CIDADE

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos (DELEUZE, 2008, p. 218).

CAPÍTULO II

UM TEMPO, UM CON(TEMPO)RÂNEO, UMA CIDADE, ALGUMAS VIDAS

Das conversas em meio à cidade: fragmentos

Longe da perspectiva do pesquisador que faz perguntas certas atrás de resposta pré-formadas, nos rastros das perguntas já embrenhadas em suas respostas, nos pusemos a conversar com pessoas, munidas de uma curiosidade-inquietação: como nos movemos em meio às temporalidades forjadas na cidade? Cidade de Vitória, onde propomos essa pesquisa. Mas, como curiosidade-inquietação não é roteiro, nos pusemos a travar diálogos, muitos feitos e desfeitos, oito deles registrados e transcritos, que nos levaram a outras perguntas.

Perguntas-denúncias de uma lógica homogeneizadora do tempo no contemporâneo, contudo, nossos habitantes citadinos insistem em apontar fissuras. Das estátuas aos tempos inúteis, esses habitantes nos convocam a uma escuta outra do tempo, que nesse capítulo saltitarão como fragmentos.

Vozes que podem que podem disparar questionamentos, dúvidas, vírgulas, interstícios, mais uma vez: sístoles, diástoles... Vozes dos entrevistados, voz da pesquisadora, voz da orientadora, voz da ficção, vozes que se cruzam e tornam-se já uma outra coisa distinta do momento em que foram proferidas – vozes misturadas, como numa colcha de retalhos, retalhos que mostram partes de uma cidade, de um tempo e desses corpos que falam de coisas distintas, mas que em sua diferença e estranheza, se roçam. Como se sente a cidade? Como é vivido o tempo na cidade? Como pode vir a ser vivido? Como podemos incrustar, no meio deste movimento acelerado, vírgulas, reticências, pontos, pausas? Perguntas que servem de diretrizes, mas que não se tornam muralhas a impedir a variação de cada pensar e com o que ele se conecta.

Para isso foi necessário exercitar uma outra escuta do tempo, e forçar um outro modo de escrita. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com

agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE, 2009, p. 12).

Em Aracaju fiz um trabalho com as fateiras, mulheres que trabalham com fatos de boi, vísceras de bois, elas trabalham especificamente com isso. Então eu usei isso, porque a gente começou a perceber que esse trabalho estava em vias de se extinguir, porque as empresas que são credenciadas pelo estado para fornecer carne, não estavam mais entregando os fatos com a mesma qualidade, elas, ninguém quer mais trabalhar com fato, que é uma coisa que, hoje em dia já se criou uma sensibilidade que você tem nojo daquele tipo de mercadoria. A gente pegou o trabalho da fateira como um trabalho de artesão mesmo, porque à medida que ela vai limpando uma língua de boi, vai tirando as camadas, ela vai tecendo narrativas sobre a vida, fazendo aconselhamentos com as pessoas, então, a gente está tendo ali na feira uma outra temporalidade, sabe? Tipo, as pessoas passavam lá mesmo sem comprar nada e ficavam meia hora, 40 minutos conversando com dona Meire e Duquinha. Aí a gente começou pegar essas coisas, como a narrativa engendra uma outra temporalidade, talvez um tempo mais lento, enfim.¹⁰

Um trabalho que se extingue, um narrar à vida em meio aos fortes cheiros e burburinhos de uma feira, um jeito outro de versar o trabalho e fatiá-lo em meio aos outros. Vísceras e vozes... vozes e vísceras que confundem-se, condensam-se... é o cheiro da víscera que, muitas vezes, embarga o tom da voz, é a textura da língua do boi, que, em alguns momentos, faz calar a língua humana. Composições e experimentações inventadas em meio à visceralidades, na cidade. Vozes entoadas que disparam uma vontade de conhecer Dona Meire e Duquinha, suas mãos e oralidades loquazes, vontade de conhecer seus interlocutores, não nomeados.

Quiçá, deixar o corpo misturar-se às sonoridades fatiadas pela língua. É, em meio essa vontade encarnada, que se encontra um morador de Aracaju, recém-chegado a Vitória. Nesse fragmento, indícios de uma temporalidade outra, sentidas pelo transeunte da feira.

Um outro habitante e um outro cenário se delineia:

¹⁰ Em referência à pesquisa de Santos, J. J. G.; LOPES, K. J. M.; PROTÁZIO, M. M. Modos de dizer e a vida se fazendo numa feira livre em Aracaju. In: VIII Semana de Ciências Sociais, 2010, São Cristovão, SE. Anais da VIII Semana de Ciências Sociais, 2010.

Esses dias estava falando com um amigo meu, íamos marcar uma reunião em Vitória e eu pedi que fizesse depois das 16h, pra evitar tráfego e calor.

O tempo na cidade eu acho que ele está muito tumultuado e muito cansativo, porque as pessoas estão vivendo dentro de um horário chamado comercial e onde tudo funciona dentro do mesmo tempo. Então é um tempo concorrido, um tempo de filas, onde você está concorrendo com muita gente um pouco de espaço mesmo. Todo mundo tem hora para cumprir.

Todo mundo tem hora para cumprir, lema? Tempo concorrido, tempo comprimido? Como se forja uma relação tempo-cidade? Como se traceja temporalidades, composições de cidades? De que modo vivemos essa relação com o tempo corrido, que, por vezes, apaga os vestígios de outras composições, em um processo de homogeneização acelerado?

A cidade vai ficando mais homogênea, esses marcos vão criando uma tipologia de cidade, né? E aí o que a gente vê é isso, a gente vê um tempo que é feito pra não sentir, um tempo cronos tão forte, tão intenso nas suas marcações e nos seus alarmes, parece que toda hora a gente tem vários alarmes que a gente tem que desligar. Porque tipo assim, é a hora de buscar o menino na escola, é a hora de ir pra aula, é a hora do almoço é a hora de fazer o exercício, é a hora... tipo, cadê a hora de viver alguma coisa de verdade, sabe? Cadê o tempo inútil? Cadê a inutilidade do tempo, a inutilidade sensível onde a gente pode viver uma cidade de outra forma?

Onde a gente pode se relacionar com o outro de outra forma? Onde a gente pode se relacionar com a cidade de outra forma?

Um tempo para não sentir, sobre demarcações de alarmes, cortes, fatias de tempo-uso, de tempo-útil. E um tempo outro? Convoca-nos a pensar em saltitantes perguntas esse habitante cidadão.

Tempo, tempo, tempo, tempo¹¹

O que se convencionou chamar de tempo parece não dar conta das mais incessantes demandas, por vezes, tornando-se fugaz e escorregadio. Só damos a ver, o que ressoa nas bocas com a seguinte frase, em coro: “*Não*

¹¹ Oração ao tempo, Caetano Veloso, disponível em <http://letras.mus.br/caetano-veloso/44760/>

tenho tempo”. Que tempo é este que não se tem, e que é tão afirmado em sua negatividade? Que tempo substancializado é este? Um tempo morto? Um tempo já perdido, antes mesmo de se perder? Vivemos, como prisioneiros do presente, ansiosos pelo futuro? Como, esse tempo do qual falamos, parece sempre estar tão distante de nós? Como se vive um tempo que nos é inerente, se insistimos em apartá-lo, colocando-o como se fosse transcendente às nossas vidas, como se precisasse ser alcançado, num esforço tremendo, por cada um de nós?

Visto e sentido como algo – o tempo coisificado, substancializado – a ser capturado/que nos captura. Nas duas modulações, lidamos como se o tempo fosse exterior a nós, um ser em si que só nos aprisiona. Talvez, até, como se fosse alguma divindade, maldição ou coisa parecida. Ora, tentando capturá-lo, já demonstramos nossa sensação de distanciamento, ora, capturados por ele, como se fôssemos tragados. Marca-se um entendimento: precisamos tê-lo, ou detê-lo. E não: já o temos, compomos em meio a ele. Não se trata de um eu e de um outro, ou de um fora e um dentro, trata-se de subjetividade-dobra:

A subjetividade pode ser pensada então como sendo formada por dobras. Mas as dobras são a própria rede, ou melhor, nós somos a própria rede, assim como o sistema econômico, político, educacional etc. também são. As dobras são formas que se produzem e conferem um sentido específico para o que chamamos desejo, trabalho, arte, religião, ciência etc. As dobras não são nem interiores e nem exteriores e sim formações provisórias de um entre que mistura finitos materiais de expressão em ilimitadas combinações (MACHADO, 1999, p. 25).

Se, constituídos nas dobras do fora, (em meio às quais nossa subjetividade se faz nessas diferentes curvaturas, rugosas ou lisas), nessa relação incessante com o fora, o que está compondo o próprio fora, senão o tempo? Mas de que fora é este que estamos falando? A um primeiro e apressado olhar, a palavra poderia apontar para a dedução quase óbvia e dualista: fora, seria o que não está dentro, o que não compõe. Mas, se tentarmos acompanhar Deleuze (2005) em suas aventuras conceituais, veremos que fora ganha outros e inesperados sentidos. Já não se trata de uma palavra que traz como significado principal a ideia de não pertencimento, a mudança de sentido se

dá de forma sublime, trazendo à palavra contornos flexíveis; de fato, contornos.

Fora ganha a conotação de fronteira, mistura de forças, campo de forças.

O lado de fora não é um limite fixo, mas uma matéria móvel, animada de movimentos peristálticos, de pregas e de dobras que constituem um lado de dentro: nada além do lado de fora, mas exatamente o lado de dentro do lado de fora (DELEUZE, 2005, p.104).

E é nessa relação com esse fora, nessas dobraduras, que ele constitui dentro, nessas dobras do fora que se fazem as subjetividades. Podemos, então, pensar com tudo isso mais um elemento, ou destacá-lo? Estariam inscritos neste fora os jogos de força das mais variadas temporalidades?

Retomando as questões de captura do tempo, quando achamos que o tempo nos captura, existe nesse entendimento uma confusão. Num primeiro olhar, percebemos que mais uma vez colocamos o tempo como algo, e algo separado de nós, algo que não constitui nossa subjetividade, como se o fora fosse fora de nós. E a confusão continua, por tomarmos o tempo-coisificado, (ser em si), como capturador de nossa subjetividade; ao invés, de localizarmos as capturas como práticas em meio a qual nos constituímos como sujeitos, práticas que marcam modos de existir.

Logo, em uma lógica confusa em que vivemos na nossa relação com o tempo, poderíamos dizer que este tempo traduz um modo de vida. Sendo assim, existiria, tão somente, *um* tempo – este (?), e ele seria uma conjugação de repetições lineares com início, meio e fim – necessariamente ordenados – e ainda, tão espremidas, que já não cabem? Um tempo escravizado, a serviço de uma produtividade capitalista? Um montante de instantes seguidos um do outro que passam, invariavelmente, correndo, qual o coelho de Alice?¹² E se o tempo traduz um modo de vida, que modo de vida é esse que estamos afirmando em nosso cotidiano?

¹² CARROL, L. Alice no país das maravilhas, disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>

O tempo, entendido com um único sentido: uma política do “já dado”, com uma regra, uma normatização, pode ser facilmente chamado de cronológico; mas acreditamos não se tratar disso, de fato. Não se trata de reafirmar o embate entre Aion e Cronos; o que nos faz voltar os olhos é já uma outra coisa: a superaceleração em que vivemos no cotidiano, e que tem contribuído para uma sensação/percepção distorcida da temporalidade - sentimos um único tempo e é ele que marca nossas vidas neste ritmo exaustivo. Com isso, percebemos que esta superaceleração dos corpos, da vida, tem constituído uma determinada subjetividade contemporânea. Sendo assim, tempo e subjetividade se coengendram, esculpindo-se um ao outro.

Delineia-se o tempo, nos atuais dias, como comprimido, esvaziado, destituído do indivíduo, apartado; cria-se, com esta lógica de viver, uma distorção da infinitude das temporalidades. E, por que não dizer, da potência da vida? Entendemos e afirmamos nessa pesquisa que não existe um tempo único, com um único sentido. Existem temporalidades diversas, rizomáticas, como fluxos, com diferentes velocidades e lentidões (MACHADO, 1999).

[...] é urgente que fiquemos alertas para as repercussões políticas de tal tratamento do espaço-tempo, pois elas são 'aterradoras'. O campo da liberdade se contrai com a velocidade. E a liberdade precisa de um campo. Quando não houver mais campo, nossas vidas serão como um terminal, 'máquinas' com portas que abrem e fecham. Um labirinto para animais de laboratório (VIRILIO, 1982, p. 53).

E, demarcamos no contemporâneo um determinado regime de temporalidade, como aponta Virílio (1982), uma instauração de uma cronopolítica. Contudo, esse regime, não é O tempo, mas UM tempo. Falaremos em diversos momentos do tempo em que vivemos, do contemporâneo; nesse sentido, estamos falando de um dado regime de temporalidade, estamos

Das conversas em meio à cidade: fragmentos – outros

Eu, pessoalmente, não sinto o tempo como uma questão fora, tipo eu estou submetido a esse tempo louco da cidade, não isso. Mas eu acho que existe uma necessidade, que muitas vezes a gente esquece, que é de

negociar com o que está sendo produzido. Que é aquela coisa que a gente esquece um pouco, de se colocar na relação e negociar essa relação. Eu tenho que negociar a minha posição que eu coloco na cidade. Acho que o tempo, a gente tem que fazer isso de vez em quando, e a gente não está muito disposto. A gente pensa que quer dinheiro e pra isso vai trabalhar como um louco, mas será que essa é a relação que eu quero criar? A gente fica a mercê desse tempo da cidade não pelo fato dele ser um tempo que nos subjuga, como um tirano, e agente se tornar escravizado por esse tempo, mas pelo fato da gente sair da possibilidade de negociação na relação com ele, na cidade.

Uma negociação, proposição desse habitante citadino. Uma desconfiança em relação a esse tempo exteriorizado, a esse tempo tornado tirânico. *Que relação é essa que eu quero criar?* Pergunta-se, perguntamo-nos. Em um movimento caleidoscópico, um outro recoloca as formas, e ao mesmo tempo, perde-se:

O que eu acho interessante, também, é que a gente tem um tempo nosso, eu acho que nesta questão do tempo interno dá pra você sentir isso quando você tem que fazer uma tarefa e às vezes você tem mais dificuldade, menos dificuldade de fazer em certo tempo. Eu sinto que a dificuldade do tempo pessoal e do tempo externo fica nisso, aparece nesse ponto, tipo eu preciso fazer determinadas coisas, mas naquele dia eu não consigo fazer essas coisas porque eu não estou dando conta e isso acontece, tem dia que seu corpo não dá conta e aí você tem que criar suas estratégias para poder dar conta dessas coisas. No dia a dia, eu consigo ter um controle bom do tempo, mas a longo prazo eu me perco, não consigo programar nada para daqui a três meses. Esse a longo prazo, pra mim é muito difícil visualizar esse negócio. Sei lá do que vai ser daqui a 3 meses, não sei nem o que vai ser hoje. Você ainda se comprometer com um negócio daqui a 3 meses, pra mim é um troço muito complicado.

Interioridades e exterioridades colocadas em correlação em um aspecto de um subjetivismo aterrador: não dar conta de uma tarefa em determinado tempo estabelecido a priori, em que não se consegue cumprir. Emaranhado de relações coisificadas, pré-programadas, que escapam das mãos. Falas que ecoam: *não se dar conta de fazer, de se programar*, que se chocam com a afirmação: esquece-se de negociar, apaga-se essa dimensão da criação. No

ar, encontram-se com outras, que remetem a outros modos de experimentar/fabricar as relações com o contemporâneo.

Então, acho que a gente tem que criar esquemas de resistência para não ter que aderir, a entrar nesse estresse de aceleração constante do tempo. Então a minha máxima de vida não é ficar rico, minha máxima de vida é botar a cabeça no travesseiro de noite e dormir em paz, sem estar estressado por causa de tempo. Então, eu luto mais para arranjar esquemas de resistência do que qualquer outra coisa.

Uma pausa se faz aqui. Essa fala ressoa, encontra eco no corpo da pesquisadora. Lutas, resistir, forjar. Um quê de teoria por demais próxima desse trabalho de pesquisa. Continuar a conversa, algo insiste na pesquisa, e aos tropeços. Um outro habitante dispara:

Quando você vive numa cidade você acaba sabendo quanto tempo você leva para chegar num lugar, que via você pega para chegar mais rápido, você acaba tendo um mapa da cidade, e parece que você tá sempre atrasado, se você tem carro, você deixa para sair 10 minutos antes do compromisso, e aí se tem trânsito você chega atrasado. Eu, por exemplo, que me mudei agora de cidade, estou adorando essa sensação de descobrir o Centro de Vitória de ônibus, porque nesse percurso que ele faz, mesmo que você tenha intenção de chegar num lugar determinado, você passa por imagens muito belas, tem o Penedo, que você vê caindo sobre o Centro, assim, quando você sai do Centro faz a curva pra pegar a Av. Vitória, aquela imagem é linda. Tem uns carrinhos ali naquela curva e eu fiquei perguntando se o pessoal estacionava lá à noite pra ficar namorando, olhando aquela pedra.

Um outro uso do tempo transborda nessa fala, um outro uso encarnado do tempo... ficar ali, namorando, olhando, olhar de outro jeito, olhar como um estranho, olhar com outro olho para que a beleza de uma paisagem invada, possibilitando uma experimentação - outra do tempo não espacializado, e do espaço não temporalizado. Linhas de tempo que não sedimentadas, desenham no tempo contemporâneo, um extemporâneo.

Sempre em frente, não temos tempo a perder:¹³ de um tempo denso, esgotado

Condenado a ser exato, por um tempo escasso, um tempo sem tempo como se fosse o espaço, exato me surpreendo, losango, metro, compasso, o que não quero, querendo (LEMINSKI, 2004, p. 23).

Para tentarmos entender em como chegamos aqui neste estudo e vivência do tempo, vamos traçar alguns rabiscos teóricos, numa certa cartografia que nos dará pistas para vislumbrarmos um dado olhar deste tempo contemporâneo. Este tempo, que manipula afazeres cotidianos e governa vidas, está imbricado em um modo de gestão disciplinar. O que é chamado de tempo parece se tratar de um cronômetro que não para – um mero contador defeituoso de *todas* as horas, porque além de não parar de contar, ele acelera a vida e a existência.

O tempo cronológico além e aquém, que extrapola o próprio cronológico, que, ao mesmo tempo, o infla e o subtrai. Esta

[...] velocidade reduz o tempo e o espaço ao mínimo, ao nada. Contração da Terra e do Futuro, contração telúrica e histórica, tirania do movimento, mas fim da moção. Neste regime de temporalidade, com o qual o homem pensou que ia ganhar o Tudo, ficou com Nada: é difícil ter um espaço, uma história, um tempo vivido, um território, expandir-se etc (PELBART, 1993, p. 42).

Pelbart (1993), no encalço de Foucault e Deleuze, afirma que, no auge da Revolução Industrial, dentre outras coisas, começou a domesticação e repartição ferrenhas do tempo e do espaço, o confinamento do tempo em favor do espaço, a espacialização do tempo através das horas, minutos, segundos. Necessitava-se de disciplinar o tempo, os corpos, a vida.

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a

¹³ Tempo perdido, Legião Urbana, disponível em <http://letras.mus.br/legiao-urbana/22489/>

formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal (DELEUZE, 2008, p. 221-222).

E hoje? O que mais nos afeta em relação ao tempo, por vezes não parece ser a sua falta? Não nos parece que esse tempo extrapola os relógios, e as horas já não cabem? Não nos remete à sensação de insuficiência, de estar sempre em falta?

Vivemos um fenómeno de “falta de tempo” que, acreditamos, acompanha as mudanças que experimentamos no con(tempo)râneo. É justamente no costumeiro entendimento do tempo, na nossa (útil)ização e (des)invenção/(des)investimento deste, que se atém este capítulo; neste meio, neste limiar, que é, também, liame. É numa duplicidade, que desemboca em sentidos divergentes, que se caminha aqui numa trilha paradoxal. Não se trata, contudo, de negar esse regime de temporalidade em que vivemos hoje, mas de buscar, ou mesmo criar, as brechas que o compõem e, rachando as horas que faltam, liberar outros tempos – tempos não escravizados.

Embora seja uma palavra forte, o que se entende por tempo, comumente, parece da ordem de uma ilusão, ilusão esta que foi construída ao longo dos séculos, que se refere ao próprio entendimento de tempo, como se estivéssemos tomando o tempo por um viés muito raso, relacionando tempo, tão somente, ao movimento, à velocidade – o colocamos como algo exterior a nós, exterior a própria subjetividade; como algo a ser dominado ou do qual nos tornamos reféns. Não queremos afirmar que haja uma verdade do tempo, o que afirmamos é que existem diversas temporalidades em coexistência, contudo, vivemos atualmente em meio ao regime da temporalidade capitalística.

Com isso, tentamos percorrer os mais incansáveis destinos, as mais infinitas tarefas. Ficando, muitas vezes, com uma sensação de esgotamento sem fim, com uma sensação equivocada de *falta de tempo*: o tempo que falta nos esgota, o tempo que não nos pertence precisa ser capturado, domado. Parecemos estar na condição de prisioneiros de um certo regime de

temporalidade. Mas será, de fato, que estamos presos pelo tempo? Estamos nos tornando escravos de uma determinada lógica capitalista de vida, à qual é muito difícil escapar? Mais uma vez: o que nos prende não é o tempo, mas o que temos feito de nós, de nossas vidas.

Isso que chamamos de tempo, pode se dizer, está modulado por modos de gestão da sociedade de controle. Estranha afirmação que nos leva a voltar a pensar: que tempo é esse em que estamos inseridos? Um tempo que serve como um mecanismo para nos controlar ainda mais, como se já não houvesse dispositivos suficientes? Esse regime de temporalidade nos aponta para um regime de controle, embora, ainda tenhamos resquícios do “tempo” disciplinar, bem como da sociedade disciplinar, concomitantes ao controle.

No regime disciplinar temos o tempo dos relógios, do confinamento, do ponto a se bater todo dia, no mesmo horário; para a sociedade de controle, o tempo real, a instantaneidade, a inércia movimentada da televisão, que, como diz Pelbart, não para de fazer chegar, sem deixar partir: evidenciando uma tal estagnação/paradoxal provocada por esse veículo da instantaneidade. E nesta confluência entre esses dois regimes temporais vivemos um certo contemporâneo.

Estamos vivendo um período de passagem. Uma passagem ou a convergência de um determinado modo de vida a outro? “Nossa visão é a de uma montagem, uma montagem de temporalidades que são o produto não apenas dos poderes existentes, mas das tecnologias que organizam o tempo” (VIRILIO, 1982, p. 42).

De uma sociedade a outra se produz uma perspectiva mais elaborada e repleta, com outros mecanismos de controle da vida, logo, do tempo. Não a sociedade disciplinar: do confinamento; mas uma sociedade em que se abole o tempo: justamente por vinculá-lo à velocidade, um tempo acelerado ao seu máximo – um tempo tomado de si, distanciado de sua potência. Onde se desmancha a noção de espaço: a era da produtividade ilimitada onde não se vai mais de um espaço a outro e o espaço já não é o protagonista social. Ele

não importa mais. Essa era é de um estranho controle, o controle ao ar livre, o controle da própria temporalidade, a cronopolítica.

No bojo das grandes cidades não escapamos a isso, ao contrário. Vivenciamos, por conta deste funcionamento acelerado, um ritmo exaustivo. A produção mercadológica, exigida com tanto rigor e categoria pelo capitalismo contemporâneo, que a cada dia se torna mais voraz e empresarial, modula a vida numa homogenia maçante, através de mecanismos mais variados de controle.

O estudo sócio técnico dos mecanismos de controle, apreendidos em sua aurora, deveria ser categorial e descrever o que já está em vias de ser implantado no lugar dos meios de confinamento disciplinares, cuja crise todo mundo anuncia. Pode ser que meios antigos, tomados de empréstimo às antigas sociedades de soberania, retornem à cena, mas devidamente adaptados. O que conta é que estamos no início de alguma coisa (DELEUZE, 2008, p. 225).

Somos convencidos e nos convencemos de como se deve viver, o que se deve fazer, que carreira seguir, que carro comprar, onde e como morar, que último modelo de celular atenderá melhor nossas necessidades; como também, somos cooptados por um “tempo” imposto, ‘compartmentalizado’, sucessivo e obediente. E, que, hoje, assume um tônus ainda mais estressante e veloz, parecendo nunca ser suficiente. A aceleração da vida chegou a tal ponto, em que a frase mais corriqueira a se ouvir no contemporâneo, como já foi dito, é: “não tenho tempo.” Este tempo, criado e produzido por uma lógica capitalista, está, pode-se dizer, a serviço desta mesma doutrina dos corpos, da vida. Para Guberman (2009), a mecanização do homem, produzida pela revolução industrial, foi substituída pela automação deste homem na era cibernética.

Mais uma vez, voltando às trilhas de Pelbart (1993), o lema do capitalismo foi outrora o do “tempo é dinheiro”:

[...] era preciso fazer o máximo no mínimo de tempo, maximizar a produtividade, deslocar-se na maior velocidade possível, em suma, economizar tempo em todos os sentidos. Mas nas últimas décadas assistimos a uma mutação a esse

respeito que mal chegamos a entender. Não se trata mais de ganhar tempo, porém de abolir o tempo. O ideal tecnocientífico contemporâneo consiste em absolutizar a velocidade a ponto de dispensar o próprio movimento no espaço, anulando assim não só a geografia e o tempo de duração desse deslocamento, mas a própria ideia de espaço, de tempo e de duração. É o ideal do tempo zero e da distância zero (PELBART, 1993, p. 32-33).

No entanto, aquele modo de vida em que o trabalho se resume muitas vezes ao soar “madrugal” do despertador e, mais tarde a chegada diária à poltrona que espera em frente ao computador, que se acomoda obediente, na mesa cinza ou bege do escritório - o ponto que se bate de 7 às 17h, diariamente, este, já não corresponde mais à realidade dos dias de hoje, *não só*. E está a cada dia mais extinto, mais metamorfoseado. Não vivemos mais o lema do tempo dinheiro, porque nessa época ainda se tinha a dimensão do tempo como algo ao qual nos pertencia, ainda achávamos que ele nos compunha, ainda que de um jeito esquisito. Hoje, apartado, vivemos algo que parece estar no meio. Confluência de confinamento e controle, que nos apontam à cronopolítica que

[...] está em curso e os desdobramentos ainda são desconhecidos, mas que implica necessariamente no declínio das nossas atividades as mais cotidianas. Um achatamento temporal que proporciona um presente eterno, sem história para trás nem para frente, sem passado nem futuro. Presente sem espessura, ilusão da imortalidade que desconhece o começo e o fim, a morte e o imprevisto, que só integra o desconhecido enquanto probabilidade calculável. O paradoxo é que a desmaterialização provocada pela velocidade absoluta equivale a uma inércia absoluta. Estranha equação em que coincidem velocidade máxima e imobilidade total (PELBART, 1993, p. 34).

Não vamos, tão somente, nos encerrar em espaços fechados e depositar neles boa parte das horas de nosso dia. E ainda que o façamos, estamos sempre conectados com outros espaços através das redes, dos celulares, da internet. Com isso, habitamos uma infinidade de “espaços” que já não são físicos, mas que nos colocam em uma outra condição: estamos com frequência em muitos “lugares”, fazendo muitas coisas, ao mesmo tempo. Simplesmente, não paramos mais.

E nesse caminhar marchante, ainda que sejamos endereçados a vários "espaços", estamos costumeiramente habitando certo espaço, um espaço de fato físico, certa cidade. Neste trabalho, nos voltaremos para a cidade de Vitória: campo problemático. As cidades seguem determinados padrões/ modelos, afirmamos, com isso, que a cidade de Vitória, com aspirações a metrópole, aos solavancos, caminha cada vez mais célere para este destino, neste sentido. Vitória também quer fazer parte dessa mundialização das cidades globais, e suas semelhanças tão intrínsecas. Podemos mudar de país, as cidades se assemelham naquilo que lhes seria, talvez mais distinto, sua forma de viver, seu modo de vida, sua temporalidade.

Essa degradação está ligada ao desemprego, à política de relocação de certas empresas e à instabilidade econômica, social e geográfica que resulta do abalo global da forma de vida. Pois os sobressaltos da cidade e da sociedade urbana hoje são as testemunhas de uma revolução que tenta se generalizar (e, nesse sentido, 'finalizar a história'), mas da qual percebemos, a cada dia, os efeitos desestabilizantes. A instabilidade é a versão obscura da mobilidade que associamos aos aspectos mais dinâmicos da economia (AUGÉ, 2010, p. 35/36).

De todo modo, esse percurso é um caminho mais estreito, não se pode, nem se quer deixar de lado a problemática da aceleração e do regime de temporalidade que nos afeta a todos. Sendo assim, vivemos nesta cidade, como em tantas outras, a lógica do metatrabalho, não é mais em um espaço fechado que se trabalha, *não só*.

Hoje o trabalho se dá em casa, no aeroporto através de laptops e engenhosas máquinas, cada vez menores, que se incorporam aos celulares e às nossas vidas, e viram potentes computadores que estão a acompanhar esta demanda que não cessa e sempre a pedir mais, mais, mais. O que nos é pedido hoje é exatamente o nosso tempo - com ele, o viver, o *como* viver. Numa tal época, que, em boa medida, já distorcemos a própria dimensão do tempo, e estamos a perder a do espaço, a da cidade, há, ainda, tempo/espaço para a paralisia? Para o ócio, para a desconexão? Mais do que isso: por que ceder a este modo de vida? Por que não parar? Há ainda tempo ou ele nos falta, mesmo?

Afirmamos que não se trata de uma falta de tempo, nunca foi o tempo que faltou. Se alguma coisa nos falta, é a própria possibilidade de viver inventivamente: de ter as rédeas de nossa própria vida governadas por nossas mãos, se trata de não ceder ao movimento frenético e insensato de um sem fim de atividades e contingências que nos levam a movimentos autômatos, mecanizados, repetitivos e falsamente vistos como *falta* de alguma coisa, no caso, do tempo. Seria, justamente, perceber que a *falta de tempo* é apenas uma das vendas que estão em nossos olhos, e seguimos exercendo o máximo que nos é exigido – corpos docilizados, obedientes. Somos impelidos por um sentimento de incapacidade, de falta, que nos leva a sempre querer fazer mais, a precisar realizar, a precisar “correr atrás do tempo perdido”.

Como inverter a lógica desse movimento pró-produtividade, que nos faz perder o tempo? Tem-se, na atualidade, um determinado modo de vida que foi tomado como único, exclusivo, e com o qual dialogamos sem cessar, em meio a ele se constitui toda uma lógica de vida e de viver. Mas como escapar? Será que essa sensação de falta de tempo não produziria, então, uma necessidade de criação/ construção de outro tempo/ outra lógica de vida – um tempo que se liberte não só dos relógios, mas de tudo que o comprima, que o amarre, que o despotencialize e distorça, trazendo, finalmente, o que Pélbart (1993) chama de liberação do tempo?

É quase o esforço inimaginável, não da abolição do tempo, mas de sua doação. Não libertar-se do tempo, como quer a tecnociência, mas libertar o tempo devolver-lhe a potência do começo, a possibilidade do impossível, o surgimento do insurgente. Trata-se aí de um tempo que escaparia à presença, a presentificação, à continuidade, dando lugar a outras aventuras temporais (PELBART, 1993, p. 36).

Das conversas em meio à cidade: fragmentos – outros – outros

Vivemos, então, uma espécie de demanda que não cessa; invariavelmente conectados – não podemos nos desconectar? “É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam

determinantes, mas porque exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las” (DELEUZE, 2008, p. 223). Nesta emaranhada trama, temos a cidade de Vitória, que se constitui em um espaço antagônico e complementar, que demonstra seu processo social, político e econômico muitas vezes conflituoso e complexo.

A cidade de Vitória não escapa a um funcionamento acelerado como as tantas outras do país e do mundo. Apontada pelas recentes pesquisas e pela mídia como uma, entre as dez principais cidades para se fazer carreira, e a segunda, no Brasil, para se morar, não deixa, contudo, de apresentar um crescimento desmedido, devido, entre outras coisas, à expansão dos setores de petróleo, mineração e portuário.

Todavia, vale ressaltar, é uma das menores capitais do país: uma ilhota. E na condição de Ilha, uma pequena Ilha, não abriga todos seus trabalhadores em casa, tornando-se, muitas vezes, a cidade do trabalho. Muitas pessoas que trabalham em Vitória moram nas cidades vizinhas, em Vila Velha, na Serra, em Cariacica, ou seja, na Grande Vitória.

Nas palavras de Santos: “A maneira de olhar e sentir uma cidade tem íntima relação com as vivências, as experiências de cada um, com a memória que se acumula em hábitos, costumes” (SANTOS, 2009, p. 209).

Eu vim de outra cidade, eu vim de uma cidade que é uma grande metrópole. Então, esta cidade (Vitória) me causa muito prazer porque é uma cidade bonita, é uma cidade que não tem arranha céu, não é uma cidade que a gente pode chamar de selva de pedra, que foi dessa cidade que eu vim. Eu vim de uma cidade que me causava angústia, quando eu abria a janela e só via cinza, só via chuva, só via prédio. São Paulo? Sim. Então, óbvio, quando você chega numa cidade que você consegue ver o horizonte, enxergar o horizonte, que tem o mar, que não tem fim, isso é muito legal. Você ir trabalhar e fazer o trajeto caminho do mar, porque a gente só tem duas formas de chegar no trabalho que é o Centro, ou vai pela orla ou vai pelas montanhas – é fantástico. Não se tem vontade de ir embora de uma cidade como essa.

Cidade-experiência, cidade-memória. Cidade bonita, no dizer do habitante, vindo de outros ares gris. Vitória, cidade-mar, de trajetos sinuosos entre

montanhas e mares. Um olhar-outra para sentir uma cidade-outra, menos sufocante, mais aberta em suas possibilidades de existir. Será que Vitória, na boca de seu habitantes, grita por outros olhares?

Fiquei pensando, porque eu sou de Minas, aí eu tive uma vivência assim de cidade-roça, meu pai tinha um sítio e tal... e a experiência da cidade urbana me lembra muito a coisa da luz, a cidade é muito mais clara, à noite, né? A cidade dorme mais tarde, o tempo da cidade e da roça é muito diferente, no tempo da roça você dorme quando anoitece e acorda quando amanhece, porque não tem luz, e o tempo da cidade não, se faz. Você pode apagar e acender a luz, dependendo de onde você esteja, então é um outro ritmo [...] Eu lembro muito de sapato, eu gosto muito de andar descalço e eu andava muito descalça na roça, e na cidade a gente anda muito de sapato, até hoje não gosto de sapato fechado, uso muito sandália, dificilmente tênis, sapato fechado me incomoda, esquenta o pé, porque na verdade, na verdade, eu gosto de ficar é sem sapato [...] A cidade tem muita hora, o campo não tem muita hora, tem sol, tem chuva, tem dia e noite, é um outro jeito de contar o tempo. Não acho que o Centro de Vitória esteja se projetando no futuro, não vejo essa energia da população, na arquitetura um pouco sim, mas vejo mais uma coisa estagnada.

Sapatos para se andar numa cidade iluminada. Com asfalto sob os passos e postes sobre as testas, segue-se, firme em tentar encontrar nesta cidade, uma cidade-outra, uma cidade-escape. Não só a cidade do trabalho, que anteriormente se afirmou, não só a cidade útil, mas uma cidade de sentidos, também, uma cidade composta de sensações, de atravessamentos outros, que irrompem esse modo duro, que igualmente compõe esta cidade.

A cidade assume, então, várias facetas, partes caleidoscópicas, unidas- como no manto remendado de Arlequim¹⁴. Onde cada olhar se transforma em uma cidade – porque se olha junto e não sobre. Onde cada olhar fala de uma subjetividade, de um tempo. Como no livro de Calvino (2008), *As cidades invisíveis*. Pulsando a cidade, através destes diversos olhares, inúmeras cidades, ficção da cidade, ficção da vida: invenção e construção.

¹⁴ “o manto de Arlequim é uma metáfora utilizada por Michel Serres (1993) em seu livro “Filosofia Mestiça: o terceiro instituído”, no qual aponta que a produção de conhecimento e a aprendizagem se constroem por meio da mestiçagem ou seja, através de uma mistura que se faz por caminhos diversos, inesperados e desconhecidos utilizando elementos variados. A aprendizagem e a produção de conhecimento se fabricam (MANSO, 2010, p. 23).

Passa uma moça balançando uma sombrinha apoiada no ombro, e um pouco das ancas, também. Passa uma mulher vestida de preto que demonstra toda sua idade, com os olhos inquietos debaixo do véu e os lábios tremulantes. Passa um gigante tatuado; um homem jovem com os cabelos brancos; uma anã; duas gêmeas vestidas de coral. Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, [...] Assim,[...], consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos (CALVINO, 2008, p. 51-52).

Assim, entre balanços de transeuntes, – seus barulhos, seus odores, seus equipamentos, bolsas, maletas e tantas coisas que carregamos para além do visível, – borbulham experimentações, em meio à paisagem urbana.

Abrolham questionamentos que nos fazem pensar se há uma tal fatalidade unívoca da vida ou se podemos ousar, no seu limite, causando algum reboiço no que pensamos estar estratificado. Entre as artes de governar, fissuras de modos de existir se compõem. Sempre há espaço para a paralisia, para o ócio, para a desconexão – sempre se pode construí-lo. Sempre? Sempre! Basta haver vontade de potência afirmativa.

Entre corpos e cidades, rondam acontecimentos, vai-se construindo contornos flexíveis para uma proposta, uma proposta que vem de um samba, de uma musicalidade que nos remete a uma dança, a um dançar: dando e pedindo ao/do corpo movimento e paralisia, contração e dilatação, Aion e Cronos, sístoles e diástoles do tempo, no tempo. Fazendo a cidade falar, falar seus moradores e as inúmeras cidades que a compõem por suas vozes.

Nesse momento, a cidade que me vem à cabeça é a mais próxima de mim, porque eu já tive muitas sensações em cidades diferentes, né? Acho que cada cidade também tem algumas características que são comuns às cidades e por isso são chamadas cidades, assim no caso cidades urbanas.

Quando fala a palavra cidade você já relaciona ao urbano. Agora, no momento, como eu estou morando na Barra do Jucu que é um lugar muito tranquilo, quando eu penso em cidade penso em Vitória e Centro de Vila Velha, né? Então, esse espaço urbano, a cidade como espaço urbano. E esse espaço urbano concretado me causa muito calor e cansaço, eu me

sinto muito cansada. Eu fico 10 minutos na cidade, nessa cidade urbana, quente, cheia de concreto com muito trânsito. Então, é uma sensação de estafa, mental, física mesmo, como estar dentro de um turbilhão mesmo de informações, né? e ter que processar isso tudo, além de mentalmente também fisicamente. Estar atento todo tempo, ter que estar muito alerta, também.

Experiência de cidade/temporalidade tão distante da ex-moradora paulista. Vitória, cidade-concreto, que coloca este habitante, que se vê fora dessa urbani-cidade, em alerta, levando o corpo a um cansaço.

As vozes dos habitantes citadinos parecem ganhar meu corpo de pesquisadora, a golpes, a machadadas, uma única via de percepção do tempo, da cidade, do contemporâneo se racha, se despedaça, compondo mais vitrais disformes, do que cacos recompostos em uma única peça.

Por mais que haja controle pelas vias da cidade, na vida, na pesquisa, no tempo, há sempre algo que se esvai, displicentemente – algo não é passível nem de dominação, nem de previsão. E, nas vias deste pensar, nos deparamos com um outro tempo incrustado nas mesmas ruas da cidade que às vezes nos parece impossível, esgotada.

Vitória assume várias facetas na organização da vida das pessoas que por ela circula. Desde a cidade casa, a cidade trabalho, a cidade estudo, a cidade lazer, uma infinidade de cidades que compõe uma só e mesma cidade. Tem a cidade do rico, do pobre, do endividado, do que não tem casa e do que mora em uma cobertura, do que vive na Ilha do Boi, em casas que valem mais de 1 milhão e do que tem que lutar para pagar seu aluguel nos bairros “mais baratos”. Diversas realidades que coexistem e coabitam Vitória. E como elas se esbarram? Como se encontram? Onde se tensionam? Guberman (2009) afirma: as cidades não constituem, somente, fenômeno físico, mas um modo de ocupar o espaço e de promover fenômenos expressivos, bem como engendrar tensões na vida social.

Por outro lado também ela [a cidade] causa muita indignação, né? Porque a gente vê outras pessoas que não têm a chance de viver essa cidade

desse jeito, que estão no submundo dessa cidade, que estão afastadas dos lugares bonitos e são responsáveis por criar uma outra cidade, inventar uma outra cidade, que não é só essa de beleza, mas que é exploratória e explorada, também. Pessoas que vivem nos escombros dessa cidade, que vegetam nessa cidade, que criam nessa cidade, que procriam nessa cidade. Eu que trabalho com população de rua, vejo que existem, pelo menos, duas cidades dentro de Vitória. Não é que a cidade da população de rua seja feia e a outra bonita, mas se trata de uma outra cidade. A cidade de quem está em situação de vulnerabilidade é uma outra cidade que está dentro dessa cidade. Não quer dizer que ela se torna menos bonita em função disso, mas é um outro olhar que se tem que ter, que não é só do brilho, mas é um outro tipo de beleza. Também sem querer romantizar aqui essa cidade mais vulnerável, ou mais pobre que explora, que violenta, que é algumas vezes justa, algumas vezes injusta. Mas eu, que de alguma forma consegui me inserir nessa outra cidade, quando eu entro dentro dela, eu me sinto igual a ela, eu sinto que eu faço parte dela. E, às vezes, algumas pessoas precisam me lembrar que eu não componho essa cidade, que eu estou na outra cidade. Que às vezes eu esqueço disso. Muitas vezes eu percebo que eu componho essa outra cidade. Na verdade que foi essa convivência tanto tempo com essa outra cidade, com essas outras pessoas que compõem essa cidade, com esse outro modo de viver que me fez sentir também não é pertencente, mas não uma estranha dentro dela. Não me senti um estrangeiro dentro dela. Torná-la visível, eu acho que é isso, pra mim ela ficou visível.

As falas insistem em compor uma cidade bruta, do combate, do embate. E é isto que fica marcado nessas falas, o embate de forças que se sustentam em meio à cidade. Expressões que exprimem, em um primeiro olhar, sensações. Sensações moventes de uma cidade, que como esta, estão sempre a se redesenhar.

Tem sinais de vários tempos na cidade de hoje, não tem um determinismo, depende da gente, também. Tudo é relativo, nunca é fechado no agora e pronto, vamos caminhar, sempre – quer dizer, até nossa morte, e uma vida é muita coisa, tem muita coisa na vida. Então é um fato de perspectiva, isso que é interessante. No tempo, em tudo.

A perspectiva de lançar um olhar outro, uma atenção outra acerca do tempo na cidade, intenta afirmar este encontro como importante expoente para a

percepção da subjetividade contemporânea, para acompanhamento dos contornos que estão se delineando nesta cidade – que é uma cidade singular, embora siga vários padrões globais.

Intenta, ainda, estar consoante à invenção, à inventividade de outros tempos citadinos, logo, de outras formas de vida e até de outras relações com o espaço, com essa cidade que não é uma sentença, mas uma abertura para variadas experimentações. De acordo com Peixoto (2004), a cidade contemporânea é o cruzamento entre diferentes espaços e tempos e entre diversos suportes e tipos de imagens.

Perspectivar, ativar um modo de destoar:

Ali na frente do Palácio Anchieta tem uma estátua de Dona Domingas, que é o nome de uma mulher que morava em Santo Antônio e rodava pelo Centro com um saco de papelão contando história, conversando com o pessoal e todo mundo respeitava ela, sabe? No Brasil, se eu não me engano, é a única estátua de um mendigo. Acho que essas coisa vão contando uma certa história sobre o tempo e sobre a cidade, também. É porque as pessoas não param para ver aquela estátua, né? Elas não têm tempo pra ver a estátua, para saber da história da cidade.

Parar para olhar, deixa-se ver por uma estátua de uma mendiga edificada à posteridade. Algo de grandioso vindo do que se considera menor, marginal. Nunca havia ouvido nem falar, nunca vi, ou notei... Onde fica essa estátua? Será que o corpo desacostumou-se de olhar? Ou, estamos sempre tão distraídos, que não nos apercebemos dos detalhes que irrompem?

Agora, quando é a sua cidade você precisa exercitar sua capacidade de voo livre, já que está meio acostumado com tudo... já se perde um pouco, por exemplo, estando em Vitória, Vila Velha, tenho muita dificuldade de fazer isso, de andar por andar, de explorar, como é bacana fazer quando você está nesses espaços. Mas precisamos tentar, é nosso olhar que tem que se reeducar, rever, para ver.

Rever para ver, de fato. Reeducar o olhar. Questão de pensar/sentir o tempo por uma outra ótica, com outros olhos ou com alguns óculos. Seria mesmo preciso sair da cidade para potencializar seu tempo?

Acho que não é uma questão de você se deslocar, pessoas que vivem na cidade pensam que tem que sair da cidade pra aproveitar o seu tempo, mas acho que aqui mesmo você pode fazer isso, ter outro tipo de prática, ver a cidade de outro modo, acho que não é nem uma questão de sentir o tempo, mas acho que é uma questão de quando você está sem tempo você fica aquele corpo despotencializado, corpo esgotado.

Temos todo tempo do mundo¹⁵

Esse negócio de andar pela Praia do Canto, porque às vezes eu ando por lá, eu vejo aquelas coisas, aqueles prédios enormes e parece que o bairro tá querendo me expulsar. Eu sinto isso – como um bairro me convida e como outro me expulsa. Tem uma coisa interessante aí, você anda pelo Centro, você passa pelas pessoas você sente o cheiro de trabalho, de cecê, você passa pela Praia do Canto o cheiro que você sente é de lavanda, de perfume, cheiro de loja chique. No Centro cê sente o cheiro da pessoa do seu lado como um trabalhador, cheiro de quem está ralando, você passa na rua sente um cheiro de mijo de cerveja no chão.

Percepções de uma cidade mosaica, que se constitui, também em cacos, cacos de mirada, cacos de sensações, cacos de construções, cacos de modos de vida. Uma cidade em cacos, pode tornar-se uma cidade artística, na junção de cacos, temos o mosaico, bela forma para o que antes eram só pedaços.

é... um pouco essa proximidade com a natureza, mas não sei, as cidades são muito mistas, isso não é tão marcante nessa oposição roça cidade, mas assim, a coisa da terra mesmo, o chão de terra, além dessa coisa da roça eu vivi em cidades pequenas, que têm muitas ruas de terra, mas o asfalto é muito diferente, muda a temperatura o estresse o humor, o calor e a cor, muito, né? A cidade, as vezes é cinza, mas ela se colore de formas artificiais também e tem as cores da natureza que se misturam. Essas diferenças saltam... é muito impressionante.

O que impressiona, para além dos saltos das diferenças, são as diferentes formas de se olhar e sentir uma cidade, que emergem desta cidade. Uma cidade de misturas, que se mistura e transmuta em muitas coisas.

Como você se sente nessa cidade? Múltiplo. Primeiro porque nós somos múltiplos, a velha historia do contendo multidões, contemos multidões e a

¹⁵ Tempo perdido, Legião Urbana, disponível em <http://letras.mus.br/legiao-urbana/22489/>

cidade também, né? A cidade é metápolis, a cidade de cidades, então, a mesma cidade não vai ser a mesma coisa pra você.

E dessas múltiplas facetas, se constitui, ainda uma ou várias cidades:

João do Rio falava que a rua não se modifica. Mentira. João do Rio tava muito doido quando ele disse isso, duvido se ele tivesse vivendo hoje ele falaria isso. Claro que estava falando de um Rio do começo do século passado e tal, muito mais lento, tinha uma dinâmica que era mais lenta, agora não sei, eu acho que eu já vi Vitórias tão diferentes, sabe? A Vitória da minha infância, a Vitória cheia de paralelepípedo, de correr atrás do fumacê, de ir pra escolinha com 40 mil amiguinhos e todo mundo zoando e aquela coisa dos perigos, inclusive, você ia pra escola a tinha que ficar atento aso pivetes, tinha aquela coisa do pivete que era o garoto da outra cidade fora da cidade, né? que viria e ele era malvado e não sei o que... aquelas coisas estúpidas... depois a cidade do adolescente, que você começa a fugir das amarras dos pais e conhecer a cidade noturna, você começa a descobrir a rua e também ser marcado, você começa a descobrir aquela cidade e se marcar nela. E a cidade vai mudando com o tempo. A cidade, por exemplo, eu comecei a viajar muito na época que eu entrei na faculdade e aí Vitória começou a ser uma cidade em comparação com outras, porque aí eu ia pra Taubaté, eu ia para SP, ia pra Salvador, ia pra Curitiba, ia pra não sei aonde e toda vez que eu voltava para Vitória tinha essa coisa, Vitória já se tornava outra. Eu no curso de arquitetura, Vitória se tornava mais outra ainda, né?

A cidade vai mudando com o tempo, e se já retomamos, a tempo, se ele não mais se esgotou, vamos potencializar nosso olhar-cidade, nosso experienciar-cidade. Vamos juntar essas falas que falam diferentes de uma mesma-vária cidade. Mescla de sensações a conversar, mistura de pessoas e ressonâncias de suas impressões cidade, por suas vozes.

Esses dias estava falando com um amigo meu, íamos marcar uma reunião em Vitória e eu pedi que fizesse depois das 16h, pra evitar tráfego e calor. O tempo na cidade eu acho que ele está muito tumultuado e muito cansativo, porque as pessoas estão vivendo dentro de um horário chamado comercial e onde tudo funciona dentro do mesmo tempo. Então é um tempo concorrido, um tempo de filas, onde você está concorrendo com muita gente um pouco de espaço, mesmo. Todo mundo tem hora para cumprir.

Ali na frente do Palácio Anchieta tem uma estátua de Dona Domingas, que é o nome de uma mulher que morava em Santo Antônio e rodava pelo Centro com um saco de papelão contando história, conversando com o pessoal e todo mundo respeitava ela, sabe? No Brasil, se eu não me engano, é a única estátua de um mendigo. Acho que essas coisa vão contando uma certa historia sobre o tempo e sobre a cidade, também. É porque as pessoas não param para ver aquela estátua, né? Elas não têm tempo pra ver a estátua, para saber da história da cidade. Vitória tá querendo se provar como cidade. Vitória não quer mais ser província, mas qual o problema de ser província? Será que hoje nesse processo de globalização a gente pode falar de alguma cidade desconectada? De exclusão? Todas as cidades estão conectadas, sabe? O urbano nunca foi contraposição do rural. O que eu acho interessante, também, é que a gente tem um tempo nosso, eu acho que nesta questão do tempo interno dá pra você sentir isso quando você tem que fazer uma tarefa e às vezes você tem mais dificuldade, menos dificuldade de fazer em certo tempo. Eu sinto que a dificuldade do tempo pessoal e do tempo externo fica nisso, aparece nesse ponto, tipo eu preciso fazer determinadas coisas, mas naquele dia eu não consigo fazer essas coisas porque eu não estou dando conta e isso acontece, tem dia que seu corpo não dá conta e aí você tem que criar suas estratégias para poder dar conta dessas coisas. No dia a dia, eu consigo ter um controle bom do tempo, mas a longo prazo eu me perco, não consigo programar nada para daqui a três meses. Esse a longo prazo, pra mim é muito difícil visualizar esse negócio. Sei lá do que vai ser daqui a 3 meses, não sei nem o que vai ser hoje. Você ainda se comprometer com um negócio daqui a 3 meses, pra mim é um troço muito complicado. Olha, pra mim Vitória é como muitas outras cidades, me parece que elas estão sendo programadas para uma maior mobilidade, é o movimento que prevalece e é privilegiado hoje, nas cidades médias para grandes. Você percebe pelas ruas e avenidas que estão em constante obra, sempre ampliando. O fluxo de carros é tremendo, é muito maior em Vitória do que há 10 anos atrás. Isso diz muita coisa sobre a cidade, não só num sentido de crescimento e progresso, mas economicamente falando, tem a predominância e emergência de determinadas classes sociais, enfim, tem aquela coisa das pessoas precisarem chegar mais rápido nos lugares porque elas têm menos tempo hoje. Mas o fato é: é interesse para a manutenção de tudo que está aí, dos poderes, do capitalismo, que as pessoas consigam ser rápidas, que isso seja facilitado para elas. Como se um fio puxasse outro e por aí indefinidamente e infinitamente, também. Se você atravessa a ponte, segue pela Rodovia do Sol, você nota nitidamente a diferença desse fluxo da extrema velocidade que é majoritário em Vitória. Entrando nos bairros que margeiam a Rodovia você percebe um outro movimento da população. E na própria rodovia. Você vai

ver muita gente andando de bicicleta, alguns a cavalo, outros na carroça, outros a pé. Enfim, a velocidade que marca esses lugarejos é outra. Do alto do morro a gente vê a cidade toda, sabe? É de outro jeito que a gente vê a cidade. A gente tem o visual de tudo que rola, mesmo que a gente não consegue ver a gente sabe o que acontece naquele canto, no outro, os movimentos. Eu sinto muita liberdade na cidade. Porque eu não esquento com nada, nem com ninguém. Quer fazer faz, quer falar, fala. Não to nem aí. Eu circulo. Eu gosto da cidade porque eu posso circular, quando você conhece cada canto de onde você mora você pode ficar sossegado. E eu fico sossegado aqui. To em casa, a rua é minha casa. Conheço cada esquina, sei o que rola em cada canto, pra chegar junto ou sair vazado, Essa é a cidade boa, a que você domina.

João do Rio falava que a rua não se modifica. Mentira. João do Rio tava muito doido quando ele disse isso, duvido se ele tivesse vivendo hoje ele falaria isso. Claro que estava falando de um Rio do começo do século passado e tal, muito mais lento, tinha uma dinâmica que era mais lenta, agora não sei, eu acho que eu já vi Vitórias tão diferentes, sabe? A Vitória da minha infância, a Vitória cheia de paralelepípedo, de correr atrás do fumacê, de ir pra escolinha com 40 mil amiguinhos e todo mundo zoando e aquela coisa dos perigos, inclusive, você ia pra escola a tinha que ficar atento aso pivetes, tinha aquela coisa do pivete que era o garoto da outra cidade fora da cidade, né? que viria e ele era malvado e não sei o que... aquelas coisas estúpidas... depois a cidade do adolescente, que você começa a fugir das amarras dos pais e conhecer a cidade noturna, você começa a descobrir a rua e também ser marcado, você começa a descobrir aquela cidade e se marcar nela. E a cidade vai mudando com o tempo. A cidade, por exemplo, eu comecei a viajar muito na época que eu entrei na faculdade e aí Vitória começou a ser uma cidade em comparação com outras, porque aí eu ia pra Taubaté, eu ia para SP, ia pra Salvador, ia pra Curitiba, ia pra não sei aonde e toda vez que eu voltava para Vitória tinha essa coisa, Vitória já se tornava outra. Eu no curso de arquitetura, Vitória se tornava mais outra ainda, né?

Essas falas: pedaços de transcrições das entrevistas, ou melhor, das conversas desenhadas no entre nós. Falas distintas a conversarem entre si. De modo que em algum momento fará sentido, em outro parecerá se tratar de um diálogo esquizo. Esta opção se deu não por uma rigorosa seleção de cada trecho e de onde seria mais interessante colocar tal ou qual parte, mas uma escolha que caminha ela mesma pela via das sensações, como a própria conversa. Durante a conversa, perguntamos as pessoas como elas se sentiam na cidade, como a cidade as tocava, entre outras perguntas, mas o que

tentamos manter como fio condutor da troca entre nós foi a atenção ao que vinha das sensações e a tentativa de operar uma escuta não diretiva.

CAPÍTULO III: DE TUDO QUE MOVE

As pessoas pensam sempre num futuro maioritário (quando eu for grande, quando eu tiver o poder...). Ora, o problema é o de um devir-minoritário: não fazer como, não mimetizar a criança, o louco, a mulher, o animal, o gago ou o estrangeiro, mas devir tudo isso, para inventar novas forças ou novas armas (DELEUZE, 1996, p. 15).

CAPÍTULO III:

DE TUDO QUE MOVE

Tudo que move é sagrado
E remove as montanhas
Com todo cuidado, meu amor
Enquanto a chama arder
Todo dia te ver passar
Tudo viver ao teu lado
Com o arco da promessa
No azul pintado pra durar
Abelha fazendo mel
Vale o tempo que não voou
A estrela caiu do céu
O pedido que se pensou
O destino que se cumpriu
De sentir teu calor
E ser todo
Todo dia é de viver
Para ser o que for
E ser tudo
Sim, todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho
É mais que sagrado, meu amor
A massa que faz o pão
Vale a luz do teu suor
Lembra que o sono é sagrado
E alimenta de horizontes
O tempo acordado de viver
No inverno te proteger
No verão sair pra pescar
No outono te conhecer
Primavera poder gostar
No estio me derreter
Pra na chuva dançar
E andar junto
O destino que se cumpriu
De sentir teu calor
E ser tudo¹⁶

Criadores de brechas e de armas: de tudo que move

Que forjemos nossas armas para construir um mundo bom para si e para o outro, um mundo que não é O mundo, mas a confluência de mundos, mundo inventados. “Não se trata de um outro mundo, o mundo além do mundo, mas

¹⁶ Amor Índio, Beto Guedes. Disponível em <http://letras.mus.br/beto-guedes/44530/>

deste mundo, o nosso mundo, 'o melhor dos mundos' (ou ainda o 'outro do mundo')” (LEVY, 2011, p. 100).

Trata-se, talvez, de dialogar com o Plano da Imanência, o Fora, o Tempo puro.

Para tratar esses conceitos caros a esta pesquisa, vamos nos associar com Tatiana Salem Levy, e seu livro, *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*, e mais à frente com Regina Schöpke, em *Matéria em movimento a ilusão do tempo e o eterno retorno* e, ainda: *A coragem da verdade*, Foucault.

Neles, encontramos essa vastidão conceitual calmamente elaborada, tornando-se, para nós, um importante dispositivo na construção deste trabalho, para o emaranhado que constitui este rizoma. As obras trazem conceitos e temas distintos, mas não distantes, que constroem, com o nosso trabalho, a nossa conceituação rizomática, com a qual operamos. Vamos, junto com os autores, ao utilizarmos de seus livros para compor com nosso trabalho, encorpar o texto, fazendo-lhe vibrar com tais conceitos. Primeiramente, vamos delinear o conceito de Plano de Imanência, que, para Tatiana Levy é um conceito-chave da filosofia deleuziana e muito semelhante ao conceito do Fora, em Deleuze.

Segundo Levy (2011, p. 104), “o fora constitui o domínio das forças, das singularidades selvagens, da virtualidade, onde as coisas não são ainda, onde tudo está por acontecer.”

E mais adiante, assinala: “Se não se pode arriscar que imanência e fora sejam um único e mesmo conceito, certamente se pode encontrar nos dois numerosos pontos em comum, convergências que só fazem afirmar a coerência da filosofia de Deleuze” (LEVY, 2011, p. 102).

E, para nós, fica indissociável a conexão que tais conceitos têm com a conceituação do tempo, já que sua constituição se dá com a junção de tais conceitos. Levy (2011, p. 115) traz mais claramente suas afirmações conceituais com as quais estamos nos nupciando. “[...] não se pode pensar o

plano de imanência, a virtualidade, o fora, o sujeito, sem antes conceber uma inversão da concepção tradicional de tempo cronológico.”

Ao trabalharmos estes conceitos e fazermos operar conosco, neste capítulo, estamos construindo subsídios para as narrativas que aqui se apresentam, constituindo um direcionamento para fabricar com elas já uma outra coisa, talvez, uma pista para que os leitores entendam o porquê de termos nos encaminhado para as narrativas, o porquê de termos trazido algumas vidas para o meio desta pesquisa, o porquê desta imersão nesta outra coisa.

E essa outra coisa é justamente o que conecta o tempo com essas vidas, com essas subjetividades aqui agrupadas. Continuando no encaixe de Levy, uma questão caleidoscópica que ela traz de Deleuze:

Que nome dar a este lado de dentro do fora, ao afeto de si por si? [...] A dobra, a reduplicação, é um memória. Não uma memória curta, como a dos estratos e dos arquivos, mas uma memória absoluta, a memória do lado de fora, que duplica o presente e que, sobretudo, não se distingue do esquecimento. [...] A memória aqui, esta 'absoluta memória', nada mais é do que o tempo como subjetivação, como dobra. O tempo se torna, assim, sujeito (LEVY, 2011, p. 121).

Isso nos pode levar a entender esse tempo Aion, não linear como a subjetividade em sua forma vasta, gorda.

Deleuze apresenta o tempo não como interior a nós, mas justamente o oposto. Diz ele: A única subjetividade é o tempo, o tempo não cronológico apreendido em sua fundação, e somos nós que somos interiores ao tempo, não o inverso. E logo em seguida: A subjetividade nunca é nossa, é o tempo, quer dizer, a alma ou o espírito, o virtual. O atual é sempre objetivo, mas o virtual é subjetivo: [...] a afecção de si por si' como definição do tempo. A dobra do fora, é, portanto, o tempo como sujeito. Mas o tempo não linear, em seu estado complicado, enrolado (LEVY, 2011, p. 121-122).

Com essas definições, começamos a fazer deste capítulo nossa arma, para a criação de um mundo possível. Uma arma construída coletivamente – entre conceitos e vidas na pele – e que se dedica a afirmar outros modos de existir através de um pouco da narrativa singular de determinadas vidas que aqui se inscrevem. São relatos de uma vida, entendendo essa uma vida como

Deleuze em *Crítica e Clínica*, como a singularidade que existe na vida de cada ser que compõe, aqui, esta arma coletiva. Para fabricar essa arma vamos em busca da principal matéria-prima: as vidas em seus movimentos. “[...] existimos e produzimos subjetividades em meio a uma luta. [...] qualquer mudança social passa necessariamente por essa produção viva e mutante de subjetividades” (MANSANO, 2009, p. 112).

De seus fazeres: que sejam compreendidos fazedores de arte e de armas – que no seu cotidiano, nas suas relações no/com o mundo, com o coletivo, inventam brechas nesse tempo acelerado e, com isso, afirmam uma temporalidade outra, uma vida outra. Cada qual, em seu viver e ações, no modo como se movem, fazem de suas próprias vidas uma obra de arte.

Em cada uma das brechas e armas, como serão intituladas as partes que compõem este capítulo, teremos uma música ou poesia ou frase ou citação, que nos guie e que ajude a compor com o bloco de sensações¹⁷ a respeito de tal ou qual sujeito,¹⁸ aqui inscrito. As narrativas serão tomadas de diversos modos, algumas serão transcritas ao pé da letra; outras, com outras composições. Os relatos não darão conta de *exatamente* alguma coisa, mas se darão nesses atravessamentos entre o narrador, o narrado, nessa micropolítica da narratividade, com o tempo.

O que estará aqui exposto é o que lhes move, é o entre, o que passa nos devires e sensações que se estabelecem na conversa, no entre nós.

A narrativa da primeira brecha foi escrita em um tom mais próximo, com elementos que dizem, também, da minha vida, de minhas passagens, é uma narrativa um tanto simbiótica e que se agencia com essa citação: “Não trabalhamos juntos, trabalhamos entre os dois. Nestas condições, a partir do momento que existe esse tipo de multiplicidade, trata-se de política, de

¹⁷ É um composto de afectos e perceptos. “O afecto não é a passagem de um estado vivido a outro, mas o devir não humano do homem.” 224. E o percepto “é a paisagem anterior ao homem, na ausência do homem.” (DELEUZE; GUATTARI, 2009b, p. 219).

¹⁸ “[...] o sujeito não está dado, mas se constitui nos dados da experiência, no contato com os acontecimentos.” (MANSANO, 2009, p. 118).

micropolítica. [...] Não se trabalha, negocia-se. Nunca estivemos no mesmo ritmo, sempre em inadequação” (DELEUZE, 1996, p. 28).

Não teria sido assim, provavelmente, se o aparelho de gravação tivesse funcionado. Com este acontecimento no meu pelo, fui forçada a escrever com o que estava entre nós, acessando a memória e as sensações. E foi aí a narrativa, que conta o que move a vida de Fabíola como foi apreendida por mim, se construiu como um relato de misturas de tantas pessoas que perpassam direta e indiretamente uma existência.

As demais narrativas: relatos moventes em que cada pessoa abre um pouco dos entrecruzamentos que passam por suas vidas, da ética que as move... As concebemos como vidas afirmativas, que trazem nestas suas vontades de potência um mover que as conduz por linhas variadas; tendo em comum a plenitude dessa vontade que as move. Associamos essas vidas que têm uma determinada regra ética, ao eterno Retorno, de Nietzsche:

Deleuze mostra que, para Nietzsche, a afirmação irrestrita e incondicional da existência (no que ela tem de melhor e pior) está diretamente ligado à doutrina do eterno Retorno. 'Não queira jamais uma coisa se não a quer por toda a eternidade.' [...] Esse é o fim do meio-querer, o fim da vida fraca e impotente. É impensável, para Nietzsche, a produção de novos valores e de uma nova existência sem esse 'querer', sem esse grande 'sim' à vida (SCHÖPKE, 2005, p. 207).

Por este aspecto achamos muito 'cabível', unir essa discussão às vidas aqui apresentadas.

Ainda mais um pouco sobre o eterno Retorno, ampliando as questões, multiplicando as linhas, para que possamos compreender tão complexo conceito:

Também nos perguntamos sobre o que há de espantoso no eterno Retorno, se ele consiste num ciclo, quer dizer, num retorno do Todos, num retorno do Mesmo, num retorno ao Mesmo: mas, precisamente, não se trata disso. O segredo de Nietzsche é que o eterno Retorno é seletivo. E duplamente seletivo. Primeiramente como pensamento seletivo. [...] não é só o pensamento seletivo, mas também o Ser seletivo. Só volta a afirmação, só volta àquilo que pode ser afirmado, só a alegria

volta. Tudo o que pode ser negado, tudo o que é negação é expulso pelo próprio movimento do eterno Retorno (DELEUZE, 2009, p. 35).

Com esse ser seletivo, que faz retornar os devires, a diferença, nos ajuntamos as essas vidas aqui relacionadas como vidas na diferença, que retornam como diferença. Não é a pessoalidade, nem a individualidade que retorna, mas a diferença; fator pelo qual Nietzsche colocou no livro que traz essas discussões o nome de Zarathustra, profeta religioso do século VII, para mostrar que o que retorna é a diferença, que o eterno Retorno é uma roda centrífuga que expulsa toda a negação. “Nietzsche teria feito do personagem Zarathustra um eufemismo, uma metonímia, 'dando-lhe voluntariamente o benefício de conceitos novos que ele não podia formar'” (SCHÖPKE, 2005, p. 210).

É justamente nesse tempo do eterno Retorno que temos uma aproximação muito grande com um outro conceito: a coragem da verdade dos cínicos, de Foucault. Vemos no eterno retorno, de Nietzsche, um elo entre a coragem da verdade dos cínicos, conceito em que trazemos moldando a primeira brecha, deste capítulo. Os dois conceitos tratam de convocar os sujeitos a viverem uma vida plena, uma vida com ética, da qual se possa rejubilar. Conceitos que juntos, potencializam-se a discussão.

Sabemos, que tratando-se do eterno Retorno, estamos mexendo com um conceito que em Nietzsche é delicado de delinear – dando margens para diversas interpretações –, posto que o que ficou em sua obra é incipiente, já que trata-se de um conceito que ele começa a trabalhar em seus últimos e livros e que não chega a desenvolvê-lo plenamente, impossibilitado pela loucura.

No entanto, Deleuze traz para o eterno Retorno de Nietzsche, o que ficou inacabado, dando-lhe, já, uma outra luz. Deleuze se opõe drasticamente ao olhar Heideggeriano, *que concebe o eterno retorno como retorno do mesmo, ao mesmo*. O eterno retorno, como forja Deleuze, *é o retorno do Ser do devir*: “Já não se opõe o devir ao Ser, o múltiplo ao Uno (estas mesmas oposições sendo as categorias do niilismo). Pelo contrário, afirma-se o Uno do múltiplo, o

Ser do devir. Ou então, como diz Nietzsche, afirma-se a necessidade do acaso.” (DELEUZE, 2009, p. 33-34).

Deleuze percebe o que na obra nietzschiana compõe o eterno Retorno – potencializando este - atrelado a outro conceito de Nietzsche, o super-homem, que: “designa exatamente o recolhimento de tudo o que pode ser afirmado, a forma superior do que é, o tipo que representa o Ser seletivo, o botão e a subjetividade deste ser” (DELEUZE, 2009. p. 38). E a ação do super-homem é moldada pela vontade de potência.

Neste entrecruzamento dessas duas noções, Deleuze nos aponta, no *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche, a anunciação, ainda, desta terceira noção, que vem reforçar o caráter afirmativo dos dois primeiros conceitos: “ao pensarmos o eterno retorno com o aparecimento do super-homem, um terceiro conceito de Nietzsche terá que emergir para compreensão desse ultrapassamento do homem” (SCHÖPKE, 2009, p. 318).

Trata-se da vontade de potência, na fala do próprio Nietzsche:

[...] aquilo que eternamente tem de retornar, como um vir-a-ser que não conhece nenhuma saciedade, nenhum fastio, nenhum cansaço: esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, esse mundo secreto da dupla volúpia, esse meu 'para além do bem e do mal'... quereis um nome para esse mundo?... Esse mundo é a vontade de potência (SCHÖPKE, 2005, p. 219).

Estas composições deleuzianas com a obra de Nietzsche são tomadas por nós como uma convocação/ provocação feita pelo par Deleuze/Nietzsche, por uma vida melhor; impulsionando-nos a viver a vida com vontade. Vontade de potência, ou seja, “[...] todas as coisas são potências que querem, que querem negar ou afirmar” (SCHÖPKE, 2009, p. 318).

Sendo assim, o que retorna é o ser do devir em sua potência, em sua diferenciação, não em sua similitude. A junção desses três conceitos nietzschianos, que formam uma temporalidade ética, afirmam a singularidade de cada vida, a plenitude, a vontade de viver tal, que elimina os semi-quereres e afirma os quereres.

[...] para Nietzsche, uma vida de arrependimentos é uma vida fraca e reativa. Somente os que respondem 'Sim! Eu repetiria tudo outra vez!' teriam realmente afirmado a vida de modo irrestrito e absoluto. Somente para estes, ela não teria sido um fardo difícil de suportar. É preciso estar bem consigo mesmo e com a vida para 'não desejar outra coisa além desta suprema e eterna confirmação' (SCHÖPKE, 2005, p. 216).

Logo, essa vida como única, potente, finita, não transcendente; logo, maximizada em sua força unívoca e atual.

O Múltiplo já não é justificável do Uno nem do devir, do Ser. Mas o Ser e o Uno fazem melhor do que perder o seu sentido; tomam um novo sentido. Porque, agora, o Uno diz-se do múltiplo enquanto múltiplo (pedaços ou fragmentos); o Ser diz-se do devir enquanto devir. Tal é a inversão nietzschiana (DELEUZE, 2009, p. 33).

Mais uma vez contrapondo-se ao niilismo, Nietzsche traz esses conceitos que se relacionam, especialmente, em *Assim falou Zaratustra*, forjando a base de sua filosofia afirmativa.

A história do homem é a história do desprezo pelo corpo e por tudo aquilo que está na ordem do tempo. Despreza-se o mundo visível, a vida terrena, em prol de uma existência superior e eterna. Tende-se a desvalorizar essa vida por sua brevidade e fragilidade, a desqualificá-la em favor de uma 'outra vida' mais perene. Essas ideias constituem o homem, e mais ainda o homem cristão (que - um pouco como Platão, em Fédon - considera a alma aprisionada numa existência injusta). No fundo o homem não tolera este mundo, não tolera o devir. Ele deseja o eterno, tal como Platão pensava este conceito (e, posteriormente Santo Agostinho e todo o cristianismo), como algo puramente imóvel e imutável (SCHÖPKE, 2009, p. 321-322).

É contra esse niilismo que Nietzsche, e futuramente Deleuze, se opõem drasticamente. Para isso, seus conceitos operam como armas que se forjam para uma vida ética, que se rebela contra todo esse niilismo característico do humano, demasiado humano. Para o par Nietzsche/Deleuze, ao desejar algo, que se deseje tão profundamente, que possa o desejar eternamente, nessa afirmação consiste a conceituação do eterno retorno deleuziano.

[Nietzsche] nos dá uma lei para a autonomia da vontade desgarrada de toda a moral: o que quer que eu queira (a minha preguiça, a minha gulodice, a minha covardia, o meu vício como a minha virtude), 'devo' querê-lo de tal maneira que lhe queira o eterno Retorno. Encontra-se eliminado o mundo dos 'semi-quereres', tudo o que queremos com a condição de dizer: uma vez, nada senão uma vez. Mesmo uma covardia, uma preguiça que quisesse seu eterno Retorno tornar-se-ia outra coisa diferente de uma preguiça, de uma covardia: tornar-se-iam ativas potências de afirmação (DELEUZE, 2009, p. 35).

Estamos sendo convocados a viver uma vida da qual gostemos do jeito que ela é, do contrário seria uma vida fraca, sem sentido, em outras palavras, niilista. Não uma vida eterna, ou a satisfação em uma existência pós-vida eterna e gloriosa, mas esta vida finita, não perene, com percalços e dificuldades, mas com e como uma vida potente. Uma convocação por uma existência mais vívida, literalmente.

Logo, de acordo com a leitura de Deleuze, que cada qual faça da sua vida uma vida plena, acolhendo esta vida em dores e alegrias, mas, sobretudo, vivificando a existência.

[...] o indivíduo, enquanto indivíduo, não retorna nem para a sua própria vida e nem para outra qualquer. Somente as forças (e o que Deleuze chama de singularidades 'pré-individuais') retornam e engendram de novo os mesmos mundos. [...] É a eterna volta daquilo que não tem princípio nem fim... é a eterna repetição sem finalidade (SCHÖPKE, 2005, p. 218).

Veremos, adiante, essa concepção de tempo como eterno Retorno, que afirma a vida em sua vontade de potência, se encarnando nas práticas das vidas que se expressam de forma plena. Trabalham com arte, com diferentes manifestações da arte, contudo, não optamos por lhes *apresentar* como artistas, embora os sejam, também. Mesmo que este termo venha a ser usado ao longo do capítulo; porém, o que *não* nos interessa é uma certa acepção que muitas vezes é associada à palavra artista: não queremos afirmar um indivíduo e suas realizações pessoais, estamos afirmando práticas de vida, outros modos de fazer, de habitar a existência, de se mover, num regime de re-existência.

O modo como entendemos arte e estes fazeres com a arte, é corroborado por Levy (2011, p.100): “Fazer do pensamento e da arte uma experiência do fora pressupõe o contato com uma violência que nos tira do campo da reconhecimento e nos lança diante do acaso, onde nada é previsível, onde nossas relações com o senso comum são rompidas, abalando certezas e verdades.”

Micropolíticas resistentes fabricadas no dia a dia, numa luta constante; um enfrentamento incansável consigo mesmo, em primeiro lugar, e, que nos remetem a re- existir, a pensar outra vez nosso modo de existir, nos esquivando continuamente de toda e qualquer identidade: “Toda identidade é sempre precária e provisória [...] a identidade e o mesmo são apenas disfarces de um ser que é múltiplo e díspar” (SCHÖPKE, 2005, p. 218).

Na esQUIVA destes disfarces, que muitas vezes insistimos em vestir, falamos de arte e também de vida. Em outras palavras, de práticas de vida e de respeito à temporalidade imanente: não uma temporalidade individualizada, nem de uma individualização da vida, mas das temporalidades singulares que, assim como a subjetividade, mudam constantemente seus contornos e que se constroem no encontro, no embate de forças e de tempos e se fabricam de modo singelo em cada um, compondo em cada vida seu tempo único, fruto dessa mistura insensata, que se dá no viver e no tempo em que estamos incrustados.

Estamos afirmando outros modos de existir, uma vida afirmativa, por isso, não optamos por enclausurar as pessoas que se dispuseram a participar da pesquisa em uma única definição, que poderia ser tomada, inclusive, como uma noção-identidade; já que cada pessoa compõe um bloco de coisas, sensações e devires que lhes perpassam.

Não queremos afirmar identidades artistas, mas modos de existir que através de suas práticas de vida atravessam a arte, compõem com ela e se encaminham de forma singular pelo mundo, modos de existir que trazem devires artistas, tendo nessa afirmação, força: “[...] o único remédio que nos permite vencer o niilismo definitivamente e afirmar as coisas tais como elas são: a arte” (SCHÖPKE, 2005, p. 216).

Não queremos, ainda, representar essas pessoas, ou tomar esses modos que afirmamos com essas vidas como modelos, mas como possibilidades de existências outras. “Afinal, é como estetas que podemos afirmar e amar a vida sob qualquer circunstância. [...] o homem tem de ser mentiroso já por natureza, precisa, mais do que qualquer outra coisa, ser artista” (SCHÖPKE, 2005, p. 217).

Cada qual compartilha conosco sua forma de habitar e agir e, à nossa maneira, damos carne a essas narrativas que vão se construindo nesse encontro. Não sabemos se o que fizemos com elas é o melhor, no sentido de mais próximo da “realidade”, embora saibamos que vivemos nossas próprias invenções e as do mundo em constante re-invenção e que a “realidade” se estabelece no encontro, portanto, estamos falando de *uma* realidade em cada encontro, e não da realidade das realidades; não se trata de uma verdade fixa e imutável, mas de virtualidades a se atualizarem,¹⁹ verdades a se construírem e desafiarem... “e a *verdade* como um universal abstrato, um conceito puro que não ameaça nenhuma ordem preestabelecida, nem põe em risco a vida de ninguém. [...] o que é uma verdade que não faz mal a ninguém? E o que é um ser que permanece sempre o mesmo?” (SCHÖPKE, 2005, p. 205).

Criamos, com isso, uma verdade que faz mal as formas bem assentadas em conformidades e em lugares de segurança. Entretanto, até onde a fabulação da nossa verdade, ainda que bem intencionada, esteja criando personagens e não dialogando com as pessoas que marcaram nosso trabalho? Ou ainda: até onde conseguimos dar visibilidade ao para além e para quem do que criamos? Como dar visibilidade ao devir das conversas? Até onde a irredutibilidade da fabulação é soberana à própria narrativa? Até onde fabulamos, até onde enfeitamos, até onde, por demais, sintetizamos? Esta escrita, em especial neste capítulo, foi verdadeiramente feita às pressas, com

¹⁹ “Dizer que algo é possível é o mesmo que dizer que ele pode existir, faltando apenas a existência. Por sua vez, o virtual é real em si mesmo, não se opondo, assim, ao real. Ele não depende de um processo - que pode ou não ocorrer - para se realizar” (LEVY, 2003, p. 112-113).

os prazos já “sangrando nosso pescoço”. O que, talvez, possa ter posto a perder as delicadezas da verdade, como atenta Blanchot (2005).

Estamos conversando com Fabíola, com Maria, com Filipe, com Alê, com Esperança e Primavera – e o tempo inteiro poderiam ser outros - mas acima de tudo, com o que se passa no entorno, entre eles, entre nós, entre as práticas que eles produzem, entre as coisas que envolvem seu cotidiano e as tantas pessoas e mundos que afetam, num regime de tentativa de acompanhar os devires que nos perpassaram. Estamos conversando com estes sujeitos que têm nome, mas, ao longo da conversa, percebemos como eles assumem outros rostos, como outros nomes, não se fechando ao tempo, à subjetividade. Com isso, nos perguntamos até onde seria pertinente deixar o nome próprio fazer essa marcação contínua em cada narrativa, e nos ocorreu, para tornar mais evidente o que foi dito acima, mudar o nome deles a cada momento que fosse mencionado, mas achamos que isso poderia confundir muito o leitor. Optamos, então, manter um único nome em cada narrativa, mas ressaltando-lhes as aberturas. “[...] o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Designa um efeito, um ziguezague, alguma coisa que passa ou que se passa entre dois como sob uma diferença de potencial” (DELEUZE, 1996, p.17).

Essas pessoas não estão confinadas em um eu-nome, estão abertas e isso é o que mais lhes marca e a este texto. Entendemos que essa abertura compõe um caminhar torto, manco, menor, e nos aponta constituições de outros modos de vida e de fazer, de vontade de potência, de coragem com a verdade, com isso, concorrem para a feitura de outras temporalidades.

Quando nos deparamos com a noção de “o artista”, muitas vezes busca-se sua especialidade: artista de quê? Pintor, escultor, performer, cênico, músico, audiovisual? *São tantas e variadas as formas de expressar a arte.*

E é neste ponto que emerge nas conversas o que dizem respeito às micropolíticas artísticas que se desenham em meio a essas vidas, pela cidade, concorrendo para a construção de um mundo outro. Não estamos falando de artistas, mas de suas ações micropolíticas inscritas num

determinado tempo, num determinado local. Sobretudo, o que nos chamou a atenção em relação aos fazedores de arte, é o modo como fazem de *suas vidas* matéria-prima, numa tentativa incansável e persistente de viver a verdadeira vida, ao modo dos cínicos conforme analisa Foucault, ao modo do super-homem, de Nietzsche.

A verdadeira vida não é mais representada como essa existência consumada, que levaria à perfeição qualidades ou virtudes que os destinos ordinários só ressaltam com fraco brilho. Ela se torna, com os cínicos, uma vida escandalosa, inquietante, uma vida 'outra', imediatamente rejeitada, marginalizada. [...] essa vida outra constitui ao mesmo tempo a crítica do mundo existente e sustenta o chamado a um 'outro mundo'. A verdadeira vida se manifesta, assim, como uma vida outra que faz irromper a exigência de um mundo diferente (FOUCAULT, 2011, p. 313-314).

O modo como fazem, como vivem, foi o que fez brilhar verdadeiramente nossos olhos, brilhar os olhos com esse fogo que veio para o entre nós - por darem às suas vidas a pulsão necessária para que delas não se arrependam pelo que não fizeram; por viverem a verdade consigo, a vontade de potência, a superação do homem – com esse fogo misterioso do olhar, podemos já sentir o calor somente ao nos aproximarmos para uma conversa.

E saímos, em contato com esse fogo, inevitavelmente aquecidos – nos tiram do frio em que muitas vezes nos isolamos, do frio ilusivo do eu, porque, como diz Guattari: “antes do Ser, há a política” (DELEUZE, 1996. p. 28).

Poderíamos acrescentar que o que nos conectou foi isto: esse fogo, esse brilho da verdadeira vida, esse calor que nos arroteia e que se faz presente no entre nós, nessa forma de re-existir, de inventar modos sinceros consigo mesmo para uma existência mais ética.²⁰

Temos, nos dias de hoje, uma certa mania de achar a vida dura, cansativa, difícil... vivendo nessa correria infundável em que nos encontramos é até compreensível que nos sintamos assim, já que ela corrompe o tempo puro e

²⁰ “a experiência do fora é um processo de resistência, uma luta da língua menor contra seu modo maior, das tribos contra o Estado, das minorias contra a maioria. [...] o processo de criação[...] promove o surgimento de uma nova ética, de uma nova maneira de se relacionar com o real” (LEVY, 2003, p.100).

nos deixa em contato com o distorcido do tempo. No entanto, talvez, o que necessitemos é coragem. Coragem para viver uma vida com a qual nos orgulhemos, coragem para romper, para criar, para viver. Coragem para fabricar armas e apostar nas lutas cotidianas. Coragem de viver uma vida que nos faça brilhar os olhos, que, mesmo com cansaço, acelerações, dureza e dificuldade, consigamos perceber as levezas, as lentidões, as belezas, os prazeres, os processos... Se nos deixarmos fluir pelo campo da vida, do que move e que é sagrado, poderíamos arriscar mais e assumir nosso desejo, o que nos move, um caminho que tenha coração, como nos ensina Dom Juan.²¹

Esses artistas do viver fazem desse mover, nesse mover, a arte; suas vidas como arte em constante construção: num regime de abertura em que possibilitam que os contornos de suas subjetividades se ponham em frequente remeximento. É nisso que consiste a maior técnica, a forma como se movem, como se abrem, como fluem na vida. A coragem da verdade consigo, a verdade de si (FOUCAULT, 2011).

E é disso que move que nós iremos falar com, neste capítulo, sobre o que move e o como move: a vida como arte e ação; como operadora de resistências.

Logo, para essa empreitada, precisamos de auxílio. Auxílio de material, de ferramentas: argamassa móvel, movente. Não estrelas brilhando num céu sobre nós, mas massa, terra, lama, que podemos apalpar de cá mesmo, da terra, do nosso chão, que podemos nos sujar, dar forma.

E aí convocamos todos, (amigos, professores, irmãos, colegas, familiares, desconhecidos, conhecidos), que nos roçaram e que nos ajudaram demais a acompanhar o caminho a que nos propomos seguir. E dessa “esbarração” – chamada-encontro-movimento-leitura, atualizações variadas e variantes. Os encontros/conversas aqui elencados foram possíveis por funcionarem em outras frequências... Talvez, o que me fez ir em direção a estas pessoas e o que trouxe elas até mim seja já dessa ordem: talvez uma desordem que nos

²¹ Castañeda (2004), retomado na p.126.

coloca em encontro diga mais do que as programações que não damos conta de cumprir...

As pessoas trazidas para esta pesquisa podem ser tomadas, também, como um bando.²² Habitantes de uma cidade, onde fazedores de arte tornam-se, também, fazedores de barulho, esses barulhos feitos solitariamente se encontram e esbarram em certos contextos e formam um coral que brada por bandeiras menores e grita em favor de alguma coisa: por um outro modo de existir, fabricando armas outras, armas não belicistas, mas direcionadas ao que nos tolhe um brotar por si, direcionadas a contestar modelos duros e capitalísticos e afirmar outras vidas possíveis, verdadeiras, necessárias.

Logo, num “encontro casual”, Alê esbarra em Felipe, que conhece Fabíola, que me apresentou Maria Alejandra, que indicou Esperança, que apontou a renovação da Primavera. Que, por vezes, se reúnem ao acaso, num manifesto que lhes faz sentido, e que, mais uma vez, lhes tira a cara e o nome e só deixa uma campanha: somos todos Guarani Kaiowá,²³ e mais uma vez se esbarram, se encontram, se “bandeiam”, afirmando essa vida ética, estética e política. Afirmamos isso, também, com nossas conversas, em meio a elas: a tentativa de uma vida integral, menos fragmentária, como tenta Fabíola.

Vidas que percorrem pelas mais variadas linhas²⁴, muitas vezes linhas tortuosas, outras, linhas potentes, mas linhas que, de um modo ou de outro, nos levam a caminhos operantes de resistência e nos fazem perceber, através de suas práticas e intensidades, as diferentes temporalidades que as

²²“[...] cada um trata daquilo que lhe diz respeito ao mesmo tempo que encontra os outros, cada um recolhe a sua parte dos despojos, e um devir é esboçado, um bloco põe-se em movimento, já sem pertencer a ninguém, mas entre todos, como um barquinho solto por crianças e perdido, que outros roubam.” (DELEUZE, 1996, p. 20).

²³Estes indígenas têm lutado contra os latifundiários e a justiça, no Mato Grosso do Sul, por recuperarem suas terras que ficam nas propriedades de fazendeiros. A justiça foi favorável aos fazendeiros e nem as autoridades, nem a sociedade civil tem feito qualquer coisa para mudar a situação que se encontram os índios. Nessa luta, os indígenas têm sido massacrados. Houve, em Vitória, uma manifestação que saiu de frente da UFES e seguiu até a Assembleia Legislativa em apoio aos Guarani-Kaiowá.

²⁴“As coisas, as pessoas são compostas de linhas muito diversas, e que não sabem necessariamente em que linha estão, nem onde fazer passar as linhas que estão em vias de traçar: numa palavra, há toda uma geografia nas pessoas, como linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga, etc” (DELEUZE, 1996, p. 21).

compõem no mundo e com a qual se conectam: respeitando, acima de tudo, isso mesmo – essa verdade de si, como uma constituição de si.

Vidas que se movem, mais ainda: vidas que têm como maior característica o como se movem e o que lhes move. Moveres e fluxos diversos, instigantes, potentes. Arte permeando e atravessando as vidas, fazendo com elas singularidades micropolíticas, potências no cotidiano do mundo, fazendo, enfim, delas a maior das artes.

Artistas que utilizam dos mais variados materiais, e em alguns casos, sem o consentimento de um diploma de graduação. Contudo, sua arte é, sobretudo, do cotidiano. Artistas da vida, que em suas vidas e em seu viver, trazem a força micropolítica da arte, a potência da arte como operadora e forjadora de resistências. E para compor com isso, que juntos nos potencializemos em conversas, em encontros, numa micropolítica do cotidiano.

Mas o que é precisamente um encontro com alguém de quem se gosta? É um encontro com alguém, ou com animais que vêm povoar-nos, ou com ideias que nos invadem, como movimentos que nos comovem, sons que nos atravessam? (DELEUZE, 1996, p. 21).

As pessoas em questão foram escolhidas por suas escolhas, por suas práticas de vida, de viver, *de trabalho*, de relação com o mundo, que muitas vezes nos apontam o mais simples: que nos tornemos um pouco mais sensíveis.

A simplicidade que compõe viver uma vida verdadeira é o limite, o desafio, a mais potente das armas. Vidas que seguem sem emprego formal, que lutam diariamente por se manterem num mundo que opera por modos capitalistas, vidas que se fortalecem com isso, com suas resistências cotidianas, nessa luta irremediável com o que está dado, na tentativa recorrente de atravessar isso já dado e construir uma outra coisa.

Talvez com a arte, talvez nessa confluência ente a arte e a vida e a resistência e a temporalidade: todas em abertura, todas em construção.

Necessitamos das artes para não morreremos. As artes falam conosco, as artes dizem-nos coisas, não se calam, não nos deixam no silêncio, não nos deixam naquele silêncio em que se morre de tédio, naquele silêncio das casas, aquele silêncio das casas onde há livros e uma pessoa anda de assoalhada em assoalhada cheia de fome de livros. [...] é sempre duro apercebermo-nos de que estamos mortos (MANTERO, 2006, p. 44).

É na luta cotidiana contra esse morrer que é mais da ordem de um matar-se, que me propus a esta pesquisa, para que minha sede de livros não fosse apenas de livros, para que ela desembocasse em algo mais, para que dela pudesse brotar criação e partilha dessa mesma criação. Conclamo-me, e a todos que se aventurarem a ler este trabalho, a deixarmos os modos titereiros do capitalismo descansarem – o que é um trabalho duríssimo e rigoroso, pois nos coloca em questão com o mundo em que estamos e com o mundo que queremos afirmar.

Que não nos envolvamos em tantas capturas, ou, que, ao menos, tentemos construir nossas linhas diárias de fuga, sempre em tentativa. Para que nossos livros nos sirvam de alimento, um alimento que nos faça pôr em prática alguma coisa, que mova algo. Com isso, em busca de ajuda, encontrei nestes fazedores de arte, que com muita honra para mim compõem este capítulo, a vida para além do livro e da intelectualidade, a vida verdadeira com um ensinamento para o devir. São grandes artistas da vida – e esta, acredito ser a mais importante de todas as artes, a melhor das matérias primas.

Da primeira brecha: Maria bonita que se desmonta para se montar de novo

Eu preparo uma canção
Em que minha mãe se
reconheça
Todas as mães se
reconheçam
E que fale como dois olhos
Caminho por uma rua
Que passa em muitos países
Se não me vêem, eu vejo

E saúdo velhos amigos
Eu distribuo segredos
Como quem ama ou sorri
No jeito mais natural
Dois caminhos se procuram
Minha vida, nossas vidas
Formam um só diamante
Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas
Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crianças
Eu preparo uma canção²⁵
Que faça acordar os homens²⁵

Reencontrei Fabíola no finzinho de 2011, com uma barriga enorme, estava com oito meses. Não sabia o sexo – como muitas outras coisas - isso não importava a ela. Uma gestação desejada e o que verdadeiramente lhe importava, era o ser que dela florescia. Fabíola Melca gerou e teve Itzi Melca, uma pequena menina linda, que diz muito com os olhos, assim como a mãe. Fabíola: grande rachadora de chãos, de engessamentos. Inspira-se na pedagogia Waldorf para ajudar na educação de sua pequena Itzi, de 1 ano. Fala do que a move e fala entre mamadas, num encontro cotidianamente afetivo entre ela, sua pequena e a amamentação prolongada. Fala entre risos, brincadeiras, pausas, silêncios, olhares fortes, intensivos.

Nosso encontro para falar da vida, de sua vida, foi inesperado. Liguei para ela e perguntei se poderia passar em sua casa para que a trouxesse para a pesquisa, ela disse que podia naquele momento. Saí correndo de casa em direção à casa de Fabíola.

A conversa entre nós foi mais composta por silêncios. Mesmo não tendo sido gravada, me recordo das longas e silenciosas pausas que se instauraram. Tanta coisa nesse silêncio. Uma ansiedade de minha parte, um olhar interrogador, da dela. Itzi entre nós possibilitava uma válvula de escape para a brincadeira, para a leveza, o divertimento. Os encontros com Fabíola, os mais frequentes, ao menos, são carregados de sobriedade, em geral, estamos

²⁵ Canção Amiga, Clube da Esquina 2, 1978.

falando de coisas sérias, de como pôr em prática, de como viabilizar, enfim... e agora, depois de alguns meses distanciadas, (talvez por termos deixado nos guiar mais pelas coisas sérias), mais uma vez nos encontramos para falar de coisas sérias... Não intencionalmente, o gravador deu defeito. Esses acontecimentos vêm e nos tiram de um certo lugar de segurança. Tive que reinventar a “entrevista”, tomando mais a palavra como um entre vistas, mesmo. O que está entre as vistas, entre nós?

O que se torna visível e o que permanece invisível? Entre o que é visto?

Nesses entres da vista, o que foi dito naquela tarde, com Fabíola, praticamente, esqueci... o que começou a aparecer na memória afetiva foi nosso longo percurso, nossa história de encontros e desencontros...

E a narrativa que se segue é um pouco isso, um pouco outra coisa, muito outras tantas coisas... o dito, o não-dito, o que consigo aqui dar voz... como...

Nesta narrativa constantemente apareço no contato com Fabíola, nas lembranças das coisas, das sensações, seria uma espécie de narrativa mista: onde, em grande medida, narro a mim mesma, também.

Fabíola, mulher de muita força, que a mim se parece rara. Nessa força, sinto, também, uma certa dureza, mas, também, uma certa coragem. Com movimentos radicais um pouco endurecidos e movimentos dançantes, soltos em entrecruzamento, desconectados, ações, reações, para além, imprevisíveis... Tem a boca grande, rasgada, o riso desafiador e dentes à mostra. Olhar penetrante que muitas vezes se encontra nos corajosos e que registra os cortes que faz no/do mundo com a lente da câmara, sempre a tiracolo. Seu mover é marcado por muitas inquietações com o que está dado, com os conformismos e modelos, com a necessidade de quebrar certos paradigmas e construir outros – os seus próprios, como caleidoscópios, a formar variadas composições conforme se movem. Constrói para logo destruir, para reconstruir, para construir, para seguir movendo-se. O que não quer é sentir-se acomodada.

Move-se, ainda, geograficamente, pela América Latina, pelo Brasil, pelo Espírito Santo. Muitas vezes, por conta de seus projetos. Com eles, cria sentido para seu modo de existir, para esse mover, já que têm como característica comum essa mobilidade. São inúmeros, desde projetos que são avaliados por uma banca e esperam por aprovação, a projetos auto-sustentáveis bancados exclusivamente pela vontade de realizá-los, até projetos de educação, como a já mencionada criação de uma escola alternativa para crianças pequenas – todos são projetos de vida para ela.

Então, como labor diário na construção dessas alternativas, de como vivenciar uma vida que não cabe na fôrma da reverenciada normalidade, Fabíola se embrenha na criação desses projetos, que lhe fazem pôr em prática aquilo em que acredita, pelo que luta: uma vida mais próxima da natureza, em conexão com seu lado selvagem, acolhedora de muitos devires²⁶. Atualmente, está em meio ao *Mergulho poético no Rio Jucu: uma cartografia afetiva*. Este, segue um curso que se deu na transversal do Armarios, puxando um outro caminho para um desses rios. Do supra-projeto conectivo de muitos rios e muitas mulheres, um recorte e um aprofundamento por suas superfícies. Seguindo o curso do Rio Jucu desde sua nascente até sua foz. Nesse longo percurso, que se inicia ao sul do estado, por onde o rio passa pelas cidades de Domingos Martins, Marechal Floriano, entre outras, a equipe principal, três componentes do Armarios, tem já uma função definida, entre tantas outras das quais vão se ocupar ao desenrolar do Mergulho. Uma delas irá desenhar as espécies de plantas que compõem a Mata Atlântica da região; outra fará bonecos que traduzam um pouco das muitas pessoas que contarão essas narrativas de rio; a terceira fará os vídeos ao longo do curso do rio. Isso tudo, ao final, virará um site que será programado para crianças, bem como material didático para as escolas. Este projeto está sendo financiado pela Secretaria de Cultura do Espírito Santo, (SECULT) Muitos outros não foram, nem, talvez, serão.

²⁶ “[...] à medida que alguém devém, aquilo que devém muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução a-paralela, de núpcias entre dois reinos. [...] Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal, etc.” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.8)

Os projetos que envolvem Fabíola unem muitos parâmetros, aqui, alguns: ecologia, sustentabilidade, preservação, audiovisual, arte, amizade. São, basicamente, construídos entre amigos, e, para reuni-los, e pô-los a viajar. Um ponto marcante dos projetos de Fabíola é a itinerância, um modo cigano de habitar o mundo.

Embora com tantos projetos já feitos e tantos outros por se fazerem, na conversa que tivemos em sua casa, falamos mais sobre a preocupação que tem com a educação de sua filha, para ela é importante que seja de um modo diferente. Pensa numa escola que acolha esses movimentos: ecologia; pedagogia não desenvolvimentista, sobretudo afetuosa, não racionalizante; alimentação saudável, sem agrotóxicos, etc.

Algo que se assemelhe a isso é possível na Pedagogia Waldorf,²⁷ nos conta. Junto com outras mães, se reúne semanalmente em um grupo de estudos que fomenta um estilo em comum para a realização de uma “pedagogia” amorosa, em um determinado lugar, onde possam estar/deixar seus filhos, sem que isso seja necessariamente um problema; ou seja, um espaço que esteja de acordo com o que essas pessoas necessitam: implantar uma educação outra, calcada no exercício de um olhar delicado e sutil e não no padrão do desenvolvimentismo pedagógico, há muito percebido como caduco.

Nessa luta pela criação de um espaço alternativo para as crianças, pessoas dispostas a se unir e dar o que podem, desde o próprio espaço em que isso possa se concretizar, até a doação de si ao optarem estar neste espaço atuando e atuantes com os pequeninos. Mais do que isso: pessoas que fazem das incertezas seu principal terreno, sem que as incipiências lhes tirem o chão, mas, ao contrário, sentindo esse vir a ser como um terreno fértil, como um criador de possíveis: têm entre si um território afetivo.

²⁷ “Não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a auto-educação. [...] Toda educação é auto-educação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior.” Disponível em: <http://www.sab.org.br/pedag-wal/pedag.htm>

Essa busca por um lugar físico que reúna outras características de troca com as crianças já vem sendo engendrada há algum tempo, embora a concretização do espaço/escola não tenha conseguido se dar ou manter, ainda; atualmente, contudo, a possibilidade de concretização está menos remota. Este projeto de vida brilha os olhos de Fabíola e a faz mais firme em suas buscas. Ela acredita nesse grupo e quer fazer isso com eles, quer estar lá parte do seu dia cuidando, também, de outros pequeninos.

Mais um gole de suco, para continuar a conversa

Nossa conversa, que já vem se dando há muito tempo, desde o momento em que decidimos nos reunir por um projeto, se apreende por entre os gestos, tons, ações, palavras.

Logo que as colombianas chegaram fizemos um encontro para dar andamentos às primeiras ações do grupo, em casa, à época, na Barra do Jucu. Estávamos reunidas em torno de um ambiente rico em fomentações, sentadas ao chão, em círculo, conversando em como organizar os primeiros passos do Armario.

Nos alimentava, não só as ideias, mas um delicioso peixe assado, preparado por Diana e Olga, e uma bebida “quente”, preparada por Valentina: limão galego, gelo, cachaça, açúcar; ingredientes simples, bebida saborosa e refrescante.

Fabíola lembrava, especialmente neste dia, Che Guevara. Essa impressão me ficou marcada. Era um pouco da postura física, um pouco do modo como se comunicava gesticulando e falando em espanhol, um pouco da forma como se movia entre nós, cada hora mirava uma, logo se virava para outra, traçava estratégias, riscava um papel/mapa, em que desenhava as primeiras ações, cronogramas... conclamando como que uma guerrilha, parecia isso... parecia que estava nos convocando-nos a uma guerrilha... e com um cigarro de palha entre os dedos... rondava o grupo sendo tomada ora por uma ideia, ora por

uma sensação, mas com uma expressão forte no semblante e concentrada no corpo, no timbre de sua voz. Com sua Maria Bonita tatuada no braço, também nos mirando com aquele rifle imponente, senti que o que estava entre nós, naquele momento, era algo muito operante de diferenciações, era uma outra lógica de movimento, era outra coisa que movia o grupo... não sei dar nome a coisa, mas sei que havia muitas coisas, não só uma... e que nos convocava; certamente nos convocava a uma vida outra.

Vivenciar aquilo era perturbador, toda aquela força inventiva e movente se construindo em grupo, tantos contornos tendo que ser refeitos, flexibilizados, algumas vezes à força, tanta coisa precisando ser revista, repensada para seguir... era um movimento coletivo que exigia muito, exigia, em especial aberturas e resistências como criações de possíveis.

O projeto Armario de Istórias foi muito forte para Fabíola, para todas nós... e era dessa força que nascia a necessidade de se associar para compartilhar com o mundo, com o outro.

Nunca perguntei para ela como nasceu o projeto, sempre me encantava o fato de estar ali, vivo e as composições atuais desse viver, mas de como essa vida veio e se corporificou, ela diz: "Esta idéia nasceu num porto virtual entre Brasil e Colômbia, do desejo de compreender-nos como interdependentes assim como as águas doces e as águas salgadas. Queremos descobrir o que temos em comum e como podemos convergir estes Rios latino-americanos. Em contínuo processo e em transformação constante, assim como a água dos rios, as idéias são vivas e se movem."

Hoje, quando me pergunto o que era o Armario para mim, algumas coisas vêm... como pensar um destino para as águas que fosse além de seu curso tantas vezes desviado pela devastação contínua do homem.

Na Colômbia, contou Diana, a água já havia assumido um estatuto diverso, estava sendo considerada por si, não somente como algo a nos servir, mas como um ser vivo. Fiquei um tanto impressionada com isso... era mais ou menos isso o projeto, era um compreender e sentir a água como um ser, uma

entidade que tem vida e vontade própria.²⁸ É até estranho ter que devolver à água a condição de ser vivo, durante tanto tempo nos apropriamos dela como um material, um alimento; por fim, objeto de nosso uso, dos mais variados usos: até desembocar no esgoto. Como se tivéssemos que lhe devolver isso – algo que lhe é e não poderia deixar de ser, simplesmente. Com o grupo me vinham muitas coisas, em especial a necessidade de uma mudança refinada de olhar e de atitude, primeiramente, em mim. Fabíola me lançava questões, desafios, me incitava a acreditar em mim e no que eu poderia vir a ser, a deixar isso acontecer, não breçar o fluxo... isso foi incômodo, difícil, sem que eu conseguisse localizar assim, logo... desde os primeiros contatos acerca do projeto com ela, sentia que alguma coisa me incomodava nas suas posturas. Mas vejo, hoje, que são as minhas posturas que me incomodam...

O que Fabíola faz é me lançar isso na cara, de forma rasgada, como ela tem costume de fazer. Tem o traço dos cínicos (FOUCAULT, 2011); ela aponta, arrisca-se a denunciar, arrisca-se a um certo modo de viver. Isso é tão difícil de lidar... Me causa um certo tremor e temor, como se me esfregasse a falta de coragem com a vida... isso é um paradoxo para mim, portanto, nessa pesquisa, dessa pesquisa. Afirmo neste capítulo quem tem coragem de viver,

“o cínico se esforça para a ‘verdadeira vida’ a fim de provocar os outros a ouvir que se enganam, se extraviam, e de detonar a hipocrisia dos valores recebidos, por essa irrupção dissonante da ‘verdadeira vida’ no meio do concerto das mentiras e das falsas aparências, das injustiças aceitas e das iniquidades dissimuladas, o cínico faz surgir o horizonte de um ‘mundo outro, cujo advento suporia a transformação do mundo presente. Essa crítica supondo uma crítica constante sobre si e uma intimação insistente dos outros, deve ser interpretada como uma política (FOUCAULT, 2011, p. 314).

Intimação e trabalho. Das sensações... convergir água, mulheres, comunidades ribeirinhas, sonhos, impossibilidades, invenções, rios, desavenças, mares, temporalidades: por um mundo mais ecológico num sentido guattariniano. Era o exercício de aprender a se transmutar em água,

²⁸ Sobre a questão da água, na Colômbia: <http://www.radiomundoreal.fm/Os-debates-do-inicio?lang=es>; <http://www.radiomundoreal.fm/Protetores-da-agua?lang=es>

deixar fluir esses rios que nos atravessam, deixar nosso fluxo, nossas veias, se unirem às águas do mundo para sermos, então, mais uma vez: água unívoca e, ao mesmo tempo, plural. De tudo que brilha dessa água, inclusive, seus redemoinhos.

Tivemos os nossos. As meninas me contaram, por vezes, os delas entre si. Afinal, tanto tempo juntas num regime integral, as relações poderiam acabar tomando os mais variados caminhos no dia a dia, até o caminho do impasse. O Armarios de fato tem muitas histórias e não só de águas cristalinas na relação do projeto e do grupo com a efetivação deste, mas no seio de suas águas, essa tensão estava colocada, fazia parte do grupo que o compunha as dissonâncias, as temporalidades distintas. É muito desafiador compor um grupo... O intuito do projeto, também era evidenciar não só as águas puras, mas todo o processo das águas, até as poluições. E isso se dava na realização do projeto e dentro do grupo que o compunha.

Das misturas de poluições, divergíamos...

Fabiola e eu tivemos alguns impasses que não conseguiram chegar a um consenso...em relação ao modo de se relacionar com o grupo, entre outras questões das quais não me lembro bem... Logo com a chegada das outras moças, alguns dias depois, com os encontros mais assíduos e a necessidade de criar meios de viabilizar o projeto nos martelando a cabeça, acabamos por nos desentender. Hoje, creio que muito por cansaço de ambas, e, de minha parte, um certo “empacamento” numa posição pouco flexível diante das necessidades que o grupo convocava... sei que a partir desse desencontro optei me retirar do grupo. Não estava dando conta da atuação intensiva que o projeto e o grupo convocavam, e que não poderia ser seguida integralmente por mim...

Existem os redemoinhos, sempre vão existir e têm sua função, contudo, vale lançar luz, também, sobre memórias-outras, que se traduzem em cartas; cartas que lhe contaram, que propunham, que intencionavam e que diziam muito do nosso investimento de desejo no grupo, no projeto.

Sendo assim, achamos interessante, para uma maior compreensão do que nos movia, inserir as cartas de intenção escritas por cada uma de nós antes mesmo de nos conhecermos pessoalmente, quando sonhávamos com o encontro e com o que dele viria.

Carta de Fabíola Melca

Dentro da água o corpo leve faz sentir outras coisas. Desde a margem o movimento da água leva com ele os pensamentos. Submersa e sem ar me alimento do meu som interno. O rio abre universos. O rio leva e traz universos. O rio carrega com ele e nos recarrega de energias. O rio é corpo, veias e fluxo. No armaRio de historias somos pontes. Fazer parte dessa ideia é viver no meu corpo mesmo as milhares de possíveis metáforas que um rio, suas águas, margens, encontros e desembocaduras podem nos levar a construir. Estas metáforas mesmas são pontes que nos aproximam da nossa necessidade de ser água, de seguir sendo água e de renovar-se a cada instante, assim como os rios... É desde o desejo de construir novos olhares sobre nossas interdependências que me aproximo e me apaixono cada dia mais dessa ideia. Desde o entendimento de ser caminho para um mesmo oceano. Neste projeto dois países, cinco rios, um oceano, oito mulheres, muitas histórias, um só corpo, muitas memórias e uma correnteza forte. Das memórias e movimentos de pessoas sábias, quero buscar a tradução em imagens de relações equilibradas com estes corpos sensíveis, móveis, dinâmicos que são os rios. Quero romper com a desesperança da contaminação. Quero reafirmar a força criadora da palavra, da capacidade de envolvimento da imagem e do poder de deslumbramento do som e traduzir tudo em uma linda coreografia ancestral e digital. Videodança!

Carta de Maria Alejandra

Com tanta metáfora das minhas companheiras fico sem graça... aqui vai um intento en un portuñol entendível pra todas... compartilhando o mesmo sentimento das anteriores intenções sumo o grande desejo de sentir-me parte de una rede de mujeres latinoamericanas buscando su salvaje ancestral, que con sus diferencias y hermandades tejamos la historia de nuestra realidad, atrapemos en centro todos nuestros deseos y pulsiones creativas a venir.. estou a vir, estou a vir.. . Ser para ustedes fruto abierto, dispuesto, cumplir mi papel de gota que sumandose arma al río... no adianta-no aguanta ser para ser sola, con ustedes se resignifica mi potencial y mis ojitos bien abiertos a todo lo que sus vidas puedan mostrarme...No hacer oídos sordos a la creciente necesidad de unir nuestros pasos viajeros, nuestros intentos por no dejar pasar nuestra vida y la de los otros en vano... pararnos firme para ir contra la corriente de esterotipos de vida y belleza de nuestra sociedad hipercapitalista, al poder no le sirve que nos unamos, entonces... UNAMONOS! Mi intención es fortalecer mi identidad como latinoamericana, como mujer artista que no se conforma con el mundo de hoy y que LLORO cuando RIO pues los rios son las venas de nuestra primera madre: la madre tierra y solo desde mi danza, mi creatividad y mi actuar puedo darle las gracias y hacer de mi movimiento un pagamento. Es más que necesario postularnos -postura de guerrera y madre - activamente frente al medio ambiente y recuperar la sabia relacion que los ancestros mantenian con ella, las pruebas quedan en el aire, en algunos objetos, historias, oralidades que nuestra permanencia en este tiempo tiene la responsabilidad de recojer, no dejar morir, capturar, seguir materializando desde nuestros lenguajes y posibilidades contemporaneas... nuestra generación cuenta con la multiplicidad de herramientas y la sobreinformacion cultural, mi intencion es apropiarme de esta, mi realidad y ponerla al servicio de quienes tienen toda una experiencia de vida río atras y pueden morir en el anonimato absoluto, sin reivindicarlos con una danza, con una escucha, o con la posibilidad de transformarlos en arte, en documento, en magia efimera en materia que viaje por el mundo y por los medios... Así otra intención explorar mi rio interno para que su

flujo creativo me muestre como poder recibir las historias y el amor de los otros retribuyendo desde mis posibilidades... revivir los seres mitológicos que por ignorancia agonizan en los bordes de los ríos, pegar corriente y conocer a los seres mágicos religiosos que fluyen por los ríos de Brasil y de Colombia donde sólo mudan los nombres pero hacen parte de una misma raíz... nuestra mestizaje y territorio hacen de nuestros países hermanos con unas mismas conciencias colectivas..Intención de forma: crear colectivamente un lenguaje río que pueda engendrar la danza río.y eso y más.. niñas me encantaron de leerlas loca de conocerlas!..ya me enamoré un poquito..poderosas.. muuu!

Carta de Valentina Sandoval

Desde niña en mis juegos, entrevistaba a otros, a todas las visitas y amigos adultos de mis padres. Luego estudié comunicación en la universidad en donde desarrollé un poco más mi espíritu preguntón. En esos ir y venir, volví a nadar sobre las aguas teatrales, ¡Oh! que afortunada. Así me he ido sensibilizando más con la vida. Y ¿qué es la vida? Agua. Hace unos dos años y medio, más o menos, me fui encontrando con otras mujeres, entre ellas una brasileña loca! Y mi búsqueda hacia el interior se fue encausando a través de lo que veía y aprendía de ellas demás. Ahora, independizada de mis padres y compañero, viviendo en una zona rural dentro de Bogotá, mis intenciones de cambiar mi realidad y este momento en el que me encuentro, me llevaron a pensar y a conectarme con la madre tierra, (De pronto me falte toda la vida de trabajo por ella), pero sentía la necesidad de encontrarme a mi misma a través de la tierra, del agua, de la vida. Y como la vida es como el agua, todo se fue encausando para mí, a través del teatro y de mi cotidianidad, y así voy pensando y actuando para estar cada vez mejor. Pero, como todas estas cosas no se pueden hacer sola (así a veces sea más práctico), siempre he creído en las fuerzas que se juntan, en el poder que tiene la unión, en el motor que es el otro, cuando te hace mover y despejar los pies y el cerebro hacia un plano desconocido, no antes transitado. Así pues, con la intención de manifestarme sobre lo que pasa con mi planeta, con la intención de aprender, intercambiar y desarrollarme como actriz y participar dentro de otras disciplinas como la danza, la escritura, la poesía, los medios audiovisuales y otras manifestaciones humanísticas, me uní a otras mujeres del hoy, a otras revolucionarias de la existencia, a otras lobas, que como yo, decidieron cambiar la monotonía por la aventura, el conformismo por la evolución, la resignación por el encuentro y la ventura. Entonces me mezclé entre esas otras siete historias, para viajar a Brasil, el país del que tanto me han hablado y del que presiento me puedo enamorar. Y cómo no hacerlo, cuando se navegan aguas nuevas. Y hay que hacerlo, porque es ahora cuando estoy viva, lista para entregarme a lo bonito, para cuidar el agua y el corazón. Ahora es cuando se necesita lavarse el cuerpo y la conciencia, lavar las heridas y florecer. Es ahora el tiempo de crecer, de escuchar, de flotar, de bucear a lo más íntimo, de cambiar y trabajar y soñar y crear y entregar y caminar y sumergirse y nuevamente, flotar.

Carta de Diana Cruz

“Las gotas de agua, traspasan la piedra”

Imagino un río de historias, como la bitácora de una barca que danza sobre el agua en un vaivén de aquí para allá y de allá para acá...Creo que el Viaje es simbolizado por el AGUA, elemento que fluye libremente, que penetra absolutamente todo lo vivo y lo muerto, ella también es capaz de corroer con su humedad, pudrir, inundar, ahogar, pero es origen de vida, así como el viaje es y será para nosotras. Echaremos en babor o estribor de la barca, todos aquellos cuentos que quieran ser contados y escuchados por nosotras. La barca, simboliza nuestro poder femenino unido, un equipo que reúne chicas seguramente muy diferentes, pero fortalecidas en ese intercambio de experiencias y de Calores, Vibraciones, Cadencias, Danzas, Vientres, Caderas...Cabezas, Bocas, Cuellos...CORAZONES

Iremos fluyendo por ríos crecientes , desbordados, llenos de furia, ríos por donde habitan las Lloronas que buscan a sus hijos abandonados , o los Mohanes seductores , aquellos que dicen las gentes rivereñas, se aparecen en el pueblo vestidos de humanos, pero siempre se les reconocerá porque no comen sal –Cuenta Don Guillermo Valencia, en las riveras de Malagana Sucre-

O como dice la canción de Toto la Momposina, Mojana Espíritu del Agua, Espíritu Burlón,
Tengo que abrite mi corazón.

...En el vaivén de la barca sobre el agua, vamos fluyendo con el calor de las gentes rivereñas que tendremos el gusto de conocer. “La beneficiosa medicina del cuento no existe en un vacío. No puede existir separada de su fuente espiritual. No se puede tomar como un simple proyecto de mezcla y combinación. La integridad del cuento proviene de una vida real vivida en él. El hecho de haber sido educados en él, confiere al cuento una luz especial.”

Clarissa Pinkola , “El cuento como Medicina”

....Deseosas por llegar al mar y purificarse en esta inmensidad...el mar parece ser la metáfora mas cercana a la muerte. Quiero ver el mar con ustedes. Y morir y renacer.

Carta Paula Smith

(de quando se armam istórias e se penduram nos tetos,
para nos levar a sonhar mais, como os móveis)

Quando algumas pessoas se juntam para pensar a vida, a sociedade, o meio ambiente, a arte, a natureza, o fazer audiovisual, o trabalho.

Quando elas tiram suas Istórias dos armários, põem numa barca e lançam ao rio.

Quando muitas vidas se encontram potencializando o próprio viver.

Quando um é dez e dez é um milhão.

Quando nossos saberes e fazeres se misturam, se transformam.

Quando viramos e somos Rio, e, decerto, como pensa Heráclito, nunca seremos mais os mesmos: nem nosotras, nem o Rio.

Quando se armam istórias, armar no melhor sentido da palavra, no sentido da construção, do entrelaçamento de vidas, olhares, corpos, sensações.

Quando as Istórias não precisam do H que lhes imputa autoridade histórica, mas assumem a força popular que lhes é própria e peculiar, através do conto, da passagem oral e ancestral dos ribeirinhos.

Por estes e muitos outros motivos que não dão conta de serem listados, me vejo implicada neste projeto.

Que é, para mim, muito mais que um projeto, mas uma força de vida, uma afirmação da vida, a potencialização de um sonho, a possibilidade de dar-lhe corpo com o corpo, os vários corpos. E como Eduardo Galeano, vale lembramos da frase emblemática do povo da

Cataluña: “Se não nos deixam sonhar, não os deixaremos dormir!”

Agora, lhes convido a viajar um pouco comigo. Esta viagem se dará de barco, mas não seremos meros passageiros. Que cada qual pegue seu remo, pois um rio nunca passa do mesmo jeito no mesmo lugar.

Sete mulheres. Um Rio. O número Sete, na numerologia, traz uma importante força astral: é a soma do número 3, que é o céu e o 4, que é a terra.

Curiosa mistura que me faz logo querer desembocar, ou mesmo achar neste meio, um rio. 7 mulheres e um rio. Nos tornamos 8. Quando o número sete nos aponta o divino que há em nós, o oito nos leva ao infinito de tudo. E aqui me utilizo da metáfora de 1 Rio, porque sabemos se tratar de 5 Rios. E se formos a fundo na numerologia de tudo teremos um extenso tratado que nos empurrará correndo a estes rios, mas mais ainda que os rios, à própria vivência desses possíveis.

Um projeto pelo direito de sonhar e partilhar este sonho com todos, entre países, para além de fronteiras, conectando a coisa mesma que há em cada um de nós: o fluxo rio que somos!

Para mim, uma frase simples resume a possibilidade de estar no meio disso: é uma grande honra compartilhar com estas mulheres que vivem e se tornam, também, o rio.

Carta Luna Marcela Rojas

Los caminos de los ríos cargan historias intuitivas. Algunas mujeres, algunos hombres, se dejan sorprender por el buen camino, otros tantos se confunden en la turbulencia. Al emprender este viaje, hoy mismo, comienzo a leer mi intuición. Guillermo dice que el río no piensa, su cauce siente por donde seguir para encontrarse con el mar. Así mismo, nosotras nadaremos por buenos cauces. El río crece en su camino, se ensancha, se nutre a su paso: nosotras nos nutriremos cada día, en cada pueblo, incluyendo este primero que tocamos, sentimos, vivimos Aleja, Diana y yo: Palenque. Imaginarios, caminos, jeitos que encontramos a través de nuestros cuerpos. A partir del ombligo, toda nuestra fuerza interna se va a cada uno de los puntos de nuestros cuerpos, y desde cualquiera, podemos usarla, para generar cualquier movimiento. Funcionamos como un río, somos agua. Somos el reflejo del mundo, que es mayoritariamente agua: debemos cuidar y conservar nuestro cuerpo como nuestro mundo. Una trihla, pista, rastro, sendero, recorrido, intercambiado en dos regiones, más que dos países, que habitarán los mismos cuerpos. Intercambio de momentos de vida, puntos intermedios en el camino de cada una. Momento y año de invención y renovación desde y para el arte. Fabi nombra el ser camino para un mismo océano, narra cuerpos sensibles, móviles, dinámicos que son los ríos y que son las mujeres. Eso, me da respuesta a ¿Cómo es este río? Somos un Río de mujeres-ríos, río que se sobrepone al río capitalista, llegaremos a un mismo océano, encontrando el ritmo de nuestro movimiento colectivo. ¿Qué quiero con esto? Hablar en colectivo, bailar en colectivo, encontrar el ritmo que nos une a través del río, no sólo a nosotras 8, sino a esos pobladores de río que lo viven en cada paso. No puedo dejar de hablar en plural, y mi intuición me dice que tampoco podemos dejar de bailar en comunidad. Quiero bailar con otros y otras, encontrando el camino más sano para nuestros ríos.

Carta Rubiane Maia

Rio, mar, água... Desejo de aguar. Vontade que percorre um corpo e uma vida. Movimento que nos leva noutras direções, trilhas, pessoas, lugares, sentimentos, coisas, troços, encantos tantos. Há todo um caminho que a água percorre. Gelo, vapor, suor, urina... Intercambiar para mim se parece com este estado de ser líquido, transbordante, fluido, nômade. Ir de encontro aquilo que pouco se sabe, ou mesmo daquilo onde nada é sabido. Aventura, deslocamento, deságüe. Ainda com certa falta de foco, comecei a traçar estas palavras com uma pergunta na cabeça. O que se intenta? O que eu intento? [Pausa para respirar fundo] Como sempre é um desafio escrever uma carta de intenção, resolvi conter parte da água que jorra em mim, com esta questão estratégica de represa. Uma certa provocação que me conduz a um outro lugar, o do verbo, o da palavra. Local que gosto bastante de habitar. Intentar sonoramente me lembra inventar. Hum, encontro minha primeira pista, e de cara, já posso afirmar que este é um dos motivos que me trazem a este projeto. Inventar histórias. Não por acaso, mas por insistência nossa, o armário que vamos carregar, começa com "i", uma provocação na língua. Coisa boba, de quem gosta de uma conversa mole, troço que venho adotando para afirmar a força dos afetos da fala, fabulação. Mudança que passa pelo pequeno e pelo sutil, mas que também é intensificar a sede. Colocar uma quantidade maior de água na saliva do que apenas no papel. História para nós é algo que se captura no entre, no encontro, no contato, do desarranjo de um hábito-modo de vida. Pista outra, intercambiar é desarranjar um pouco a ordem das coisas e da vida. É claro que isso é coisa de quem ama 'artistagem', malandragem e que tenta gingar uma certa malemolência no corpo. Desfaz corpo e cabeça dura pra construir corpo mole, que degela; molham os outros com seus respingos e sacolejos fortuitos. Meio de propósito e meio casual, se espalha no mundo, derrama-se... Fato é, que água dança pelo simples motivo de existir, a gente que quer contar histórias [nossas e dos outros], descobriu que precisa estar mais perto das águas pra aprender e apreender seus segredos.

Cheia de empolgação e emoção, a gente segue os primeiros passos, molha o papel com as primeiras palavras. Coisa de gente que se atrapalha pelos excessos, mas que ainda não aprendeu outra maneira de começar que não seja pelo SIM.
É muito bom já estar com vocês, meninas!

De Armarios e gavetas

Rememoraremos em tom de registro, de conversa, de dissertação, o que foi o Armarios, já que ele movimentou essa pesquisa e fez ela, também, se tornar água.

ArMaRio de Istórias é um projeto de água, memória e imagem. Uma residência artística itinerante que promove intercâmbios e vivências entre artistas/realizadoras brasileiras e colombianas e comunidades/grupos afins. É espaço para a investigação da performance, da pintura, da poesia, da música, da vídeo dança, do vídeo documentário, da cultura popular, do diálogo entre arte e natureza e da idéia de “memória” como um elemento fundamental de nosso patrimônio material, imaterial e natural. **ArMaRio de Istórias** viaja à comunidades ribeirinhas realizando oficinas, encontros e parcerias para a criação de vídeo danças inspiradas em *istórias afetivas* entre pessoas e rios, *istórias com i*. As Istórias com I são aquelas não oficiais, as contadas por vozes e gestos do cotidiano. São Istórias vivas, cambiantes, pulsantes.²⁹

Foi a partir desse projeto, em que essas/nossas vidas se cruzaram intensamente, que pude re(pensar) este trabalho (a dissertação) a que me propus. Ou seja, pesquisar tempo seria muito mais vivificante com um corpo para que se tornasse menos conceitual, com corporeidades das mais diversas possíveis: corpos, memória, água, movimento, temporalidade.

Em setembro de 2011, Fabíola estava pensando em como pôr esse projeto em movimento, já havia inscrito em editais e aguardando a resposta, precisava de um bando, de um grupo que estivesse em consonância com as forças do projeto e, ao mesmo tempo, livre de compromissos formais para poder ir e vir pelo estado acompanhando o percurso dos cinco principais rios que lhe cortam de norte a sul. E precisava de um grupo que dispusesse em topar o projeto independente de aprovação em leis. Através de Rubi, me associei ao

²⁹ Retirado de <http://armariodeistorias.wordpress.com/>

grupo, e tive contato com o projeto que seria composto só por mulheres, mulheres que estivessem dispostas a essa imersão, num regime de intensidades – era um projeto que em si afirmava mais um tempo Aion, uma outra temporalidade não necessariamente cronológica.

Um detalhe importante de nossa conversa infinita³⁰ é que reforçávamos a necessidade das pessoas se associarem de modos e formas diferentes das usuais, que elas se associassem para fazer coisas interessantes/importantes, para pensar e desenhar novos mundos e não somente para compor com o mesmo. Isso nos movia. Fazer algo em que acreditávamos, pelo que poderíamos lutar. Essa necessidade de compor e construir outras formas, navegar pelos mais variados rios e mares: da Colômbia ao Brasil, do Brasil à Colômbia. A ideia do projeto era possibilitar esse intercâmbio e realizá-lo em duas etapas, a primeira se iniciaria aqui, em 2012 e a segunda seria, num outro momento, na Colômbia.

Ao mesmo tempo em que se formava uma plataforma local para discutir e movimentar o grupo daqui formava-se, também, uma plataforma virtual, que, através do skype, nos conectava com as quatro colombianas que viriam para cá compor conosco o Armario. Ficamos todo o fim do ano de 2011 e princípio de 2012, em nossos diversos e variados ritmos e temporalidades, fomentando e injetando energia nesse projeto. Discutindo desde o nome, onde entendíamos dois sentidos: o primeiro, onde na composição da palavra armário tínhamos o mar e o rio; e o segundo, com o sentido da memória das coisas que se guardam no armário, por isso, Armario sem acento - para que fosse plural, escrito dessa forma: ArMaRio. E Istórias com i, porque não precisávamos nem queríamos a força das histórias dos especialistas, queríamos nos conectar com as istórias: memórias e fabulações dos ribeirinhos. Esperávamos o movimento das colombianas até aqui. Ficamos um bom período gestando essa chegada, coletivamente. E com isso, as questões que nos moveram e no faziam mover. Como viriam, como seria o percurso, por onde passariam, qual caminho seria mais viável, onde poderíamos lhes dar suporte e estadia gratuitas? O que faríamos se algo desse errado?

³⁰ Referência ao título do livro de Maurice Blanchot (2007).

E, no princípio da viagem... Ficamos imensamente preocupadas. Maria Alejandra se perdeu do grupo em Belém, em época de carnaval. Alguns instantes antes da saída do barco decidiram que precisavam ir ao mercado comprar algo de comer para a viagem. Maria, que falava portunhol, se comunicava com mais facilidade que as demais meninas. Portanto, foi escalada para o mercado. Se deu aí o desencontro... Nesse ínterim, o barco que as meninas estavam esperando já estava de saída, como Maria não chegava, elas não foram e saíram à procura da mesma. Enquanto algumas as buscavam, outras ficaram esperando lá mesmo. Não sabemos como, mas acabaram não se encontrando. Maria acreditou que elas haviam embarcado e pegou um outro barco que fazia outra rota, mas daria na mesma cidade para a qual elas iriam. As outras moças ficaram lá em Belém desesperadas, achando que poderia ter acontecido algo com Maria, entraram em contato com Fabíola, pedindo ajuda. Daqui, de nosso QG, igualmente preocupadas, fizemos ligações, tentando falar com os responsáveis pelas embarcações que ela poderia ter pegado... e acreditando/apostando no melhor... Contudo, o medo de alguma coisa ruim ter acontecido rondava a cabeça de Fabíola desde o momento em que as meninas falaram com ela do ocorrido, tanto que por aquela noite, nem pregou os olhos... depois de muito buscar, ligar, procurar... uns sinais, algumas possibilidades de ter achado Maria...depois de corrida toda a noite e a manhã do outro dia... poderia ser Maria que tinha embarcado num outro barco que estava indo, primeiro, para outra cidade... e insistimos muito para que verificassem... até que se confirmou que era ela. Ufa... alívio, estava bem, estava viva. Aí foi uma outra luta para conseguir avisar para as outras meninas e engendrar um modo de se unirem outra vez, por fim, tudo deu certo. Depois desse acontecimento, as meninas ficaram ainda mais juntas, só se separavam em duas, para seguir a jornada com menos sustos. O interessante que esse acontecimento alterou um pouco a rota delas, não se sabe o quanto, mas, certamente compôs diferentemente para uma outra trilha.

Depois de alguns meses, chegaram ao Brasil. No percurso, as quatro que saíram da Colômbia para compor um grupo no Espírito Santo, encontraram mais uma mulher disposta a seguir junto a viagem, agora eram cinco

colombianas em direção à Barra do Jucu. No total, a jornada das cinco levou mais ou menos uns 3 meses. Foram muitos os rios que percorreram para chegar até aqui, rios, mares, encontros das águas. Rios físicos, virtuais e afetivos. Rios que inspiraram amor, dança, aconchego, rios que lhes potencializaram e deram um novo brilho nos olhos... rios que navegaram pelo coração e foram, aos poucos, modificando-lhes seus fluxos.

No caminho, vierem dos mais variados modos e paravam onde lhes chamava o coração. Também apresentaram o projeto em outros estados do Brasil onde tiveram a oportunidade; como, por exemplo, no Maranhão em que desenvolveram oficinas de dança e performance. Para chegar, pela jornada coletiva, vieram de barco, de ônibus, de carona, de avião, de trem. Era uma viagem onde não se mirava o fim, exclusivamente, mas sorvia-se mui intensamente o percurso. Tínhamos combinado de respeitar bastante a jornada delas, pusemos, em conjunto, uma data fictícia para que pudéssemos nos movimentar em relação a ela: que estivessem aqui em abril. Numa viagem e num projeto auto-sustentável, sem nenhum edital de apoio, foi preciso ter ginga para dançar conforme e com toda a sorte de musicalidade que houvesse. E, nessa dança, brotavam as aventuras que compuseram uma linda orquestra sensível em movimento, com um bailar incrivelmente singular.

Aqui, no entanto, termina nosso relato sobre o Armario. Era preciso ser água, de fato, era preciso unir os fluxos, por mais difícil que isso fosse. E percebi que não estava dando conta. Essa foi uma decisão muito difícil. Difícil porque era muito desejado por mim compor com aquele grupo, mas, ao mesmo tempo, essa composição exigia mais do que conseguia no momento. Além das dificuldades já elencadas anteriormente, estava grávida e com pouco tempo para concluir esta dissertação que já se arrastava entre pausas longas, e escritas curtas e pontuais; além disso, já tinha um filho pequeno de 1 ano e pouquinho, que me demanda muito. Contudo, indelével, ficou a maravilhosa oportunidade de ter vivenciado lindos encontros, desde encontros com as pessoas, a encontros com o próprio projeto e com o que fica invisível entre nós, no campo dos sentidos, dos afetos.

Cada uma dessas colombianas com quem pude compartilhar e aprender muitas coisas transformaram minha vida. Das lembranças, guardo registros especiais como o aprendizado dos aborrajados³¹, receita de Olga Lucía, mas passada por Diana, na casa de Fabíola; o Ojo de deus³² que Diana fiou numa linda mistura de cores para meu filho que ia nascer, em apenas uma tarde. Enfim, com elas, com esse projeto, aprendi experienciar outras formas de estar: inventando mundos, lugares, territórios.

As colombianas: Diana Mesa Cruz, Olga Lucía, Luna Marcela, Valentina Sandoval, Maria Alejandra, chegaram e partiram em momentos distintos e construíram relações singelas entre si, conosco e com o projeto. Eu e Fabíola éramos vizinhas na época, elas ficavam na casa de Fabíola integralmente orquestrando as viabilizações do Armario, confabulando rios e comendo sempre juntas.

Todas as refeições faziam em conjunto, era um momento particular em que se uniam em outras composições, nutrindo-se não só do alimento. Alguns grupos alimentam entre si certos rituais, rituais que lhes dá força e mantêm o elo entre seus integrantes. O Armario tinha esse hábito: o de fazerem as refeições juntas. Uma forma de estarem em comunhão, conjugando as variações de verbos como amar, partilhar, experienciar.

Outros hábitos coletivos as meninas criaram-procriaram na jornada entre elas, hábitos discretos, sigilosos, embora suponha sua existência pelo que capturo dos gestos, dos hábitos que são praticados cotidianamente e que muitas vezes deles não sabemos dizer, são de uma outra ordem, costumam se manifestar nas ações. Funcionam num outro esquema de relação. Um hábito coletivo, pude capturar entre passos, idas, vindas, desejos...não sei se como um outro hábito construído entre elas, ou se ao acaso, tinham a casa onde morava, como um outro porto, no qual aportavam quando lhes aprouvia, na maior parte do tempo para coisas não relativas ao projeto, um porto para outras rotas. Isso não se modificou com minha “saída” do grupo. Uma coisa

³¹ Comida típica colombiana feita de banana da terra, salgado frito, com recheio de queijo.

³² Artesanato feito de linhas coloridas.

era engraçada entre nosso grupo. Fabíola e eu morávamos a três ruas de distância, mas os encontros não eram diários, talvez, semanais. O que parecia engraçado é que as meninas chegavam até mim paulatinamente, talvez isso fizesse parte da união sólida que se construiu entre elas e dos acordos feitos para preservar o grupo ativo nos afazeres diários que são necessários a um projeto auto-sustentável.

Um outro acordo que emergia das moças: boa parte das meninas criou uma ligação forte com Itzi, especialmente Diana, Valentina e Maria, com as quais Itzi ficava parte do dia para Fabíola dar andamento as coisas do projeto, elas, então, revezavam os cuidados com a pequena. Outra marca que percebi, era o fato de terem por hábito fazer trocas, então, se lhes dava ou emprestava algo, elas se moviam no sentido de retornar isso de algum modo... nada sistemático, algo que fluía entre elas e na relação comigo, também.

Avaliando atualmente, penso que as chegadas na casa em que morava, eram como um outro momento, talvez um porto de desvios, de descaminhos. Com isso, era mais fácil para Diana, que não estava tão incorporada no Armario, mas nas afetividades com as meninas e com a pequena Itzi. Já com Valentina era diferente, Valentina tinha necessidade de mundo, de se aventurar por novos mundos e com pessoas desconhecidas, trocando, ao seu modo, um modo bastante sensorial, se relacionando corporeamente com o espaço e com os outros.

Diana veio direto do Maranhão para cá, de avião. Sua chegada antecipada dizia respeito a Itzi, sua sobrinha que ainda não conhecia, quando chegou ela estava ainda bem pequenina, com 3 meses. Lembro-me dela com a pequena Itzi no colo e Fabíola dançando e cantando, com o xequerê em punho, músicas ameríndias. Dançavam num quase círculo, círculo flexível que se fazia em meio ao espaço, estavam como que num devir-índio. Diana tinha forte relação com os índios de sua terra, sua *habuela*³³ era indígena e Diana tinha um mestre xamã a quem recorria para ensinamentos outros, na Colômbia.

³³ Avó em espanhol

Sua estadia aqui foi repleta de trocas, trocas especialmente de carinhos, de afetos. Diana partiu antes das outras *chicas*³⁴. Na sua jornada pelo Brasil, em Alter Chão, no Amazonas, conheceu o companheiro com quem está casada e para onde foi assim que saiu daqui.

Um mês depois da chegada de Diana, chegaram de carona, Valentina, Olga e Marcela. Com Olga a conexão foi rápida, me lembrava as baianas, com uma cara linda e um jeito de peito aberto a se mover pela vida. Emprestei-lhe um livro de Fernando Pessoa, que leu todo em uma semana, devolvendo-me e pedindo outro dele, se eu tivesse. Embora em outra língua, ela seguia lendo mesmo sem entender uma ou outra palavra; conseguia se conectar sensorialmente com a poesia de Pessoa. Deixou para mim algumas fotos e escritos de viagem. Ao partir, me pediu contatos na Bahia, porque era para lá que ela iria naquele momento. Está lá até hoje, experienciando a vasta e plural Bahia.

Tive bastante contato com Valentina, que habitou nossa casa mais amiúde. Valentina do riso fácil, da voz grave e ligeiramente anasalada, ligeiramente rouca; Valentina esguia e comprida, selvagem e sexual. Valentina chegava lá em casa, boa parte das vezes pelas noites, vinha, conversava, acessava a internet, via seus vídeos, trocávamos poesias, líamos uma para outra, brincávamos com a cachorra e meu filho Ayam. Então ela se ia... demoradamente. Poucas vezes ia de repente. Sempre chegava, fazia de nossa casa a sua casa e então, quando já se sentia à vontade, partia, mas sempre deixando abertas várias brechas, para que pudesse voltar. Quando voltava trazia uma lembrança: um abacate sem agrotóxico do Caparaó, para o almoço; uma poesia feita por ela; um livro; um brinco.

Uma semana depois da chegada de Valentina, Olga e Marcela, chegava Maria, vindo de Salvador. Com Maria o encontro se demorou mais a ser estabelecido. Talvez porque só faltasse ela para o projeto poder começar e com isso, após sua chegada, o grupo tenha se reunido com muita fibra no intuito de cumprir um cronograma de aproximadamente 3 meses para

³⁴ Moças em espanhol

percorrer os principais rios do estado e realizar todo o projeto. Então, depois que quase todas as *chicas* já haviam partido e que o projeto já tinha sido realizado, pude conhecer de fato a Maria. Antes disso não sabia, mas Maria era imensamente cativante, espontânea, leve, livre, carismática, aberta. O encantamento foi tamanho que senti que precisava conversar mais com ela e trazê-la mais inteiramente para cá, portanto, teremos uma brecha só de Maria. Maria, querida Maria...

Por fim, acabou-se o Armario, ou, ao menos a primeira fase, o primeiro momento aqui no Espírito Santo. Acabar, de fato, não acaba, já que se trata de um projeto atemporal que move questões para além de uma finitude.

Só depois que todas foram embora, depois ainda de algum tempo de maturação, que eu e Fabíola nos reencontramos... voltamos a ser vizinhas, por acaso... Retomamos a amizade com o “pretexto” de trazer Fabíola para esta pesquisa, assim, este trabalho criou um reencontro entre nós.

De uma Fabíola guerrilheira

Uma característica forte de Fabíola que fica marcada em mim é uma certa contestação latente, contestação e ação, ao mesmo tempo. Ela nada tem a ver com àquele estereótipo do revolucionário de sofá - que tanto conhecemos e que muito de nós nos vemos e até somos, ela põe em prática as coisas pelas quais acredita, ela luta, de fato e faz de sua luta suas armas.

“gosto de contestar, gosto de provocar, mas, percebo que com o passar do meu tempo nesta terra, tenho provocado cada vez menos e aprendido a respeitar as escolhas individuais - mesmo que estas sejam contrárias às minhas.”³⁵

Fabíola não é só uma sonhadora que devaneia com um mundo melhor. Ela faz esse mundo aos seus moldes, compõe com ele e se move dentro daquilo que lhe potencializa, ora no Brasil, ora na Argentina, ora na Colômbia: se

³⁵ Os trechos retirados de e-mail em que Fabíola escreve um pouco de sua vida.

encaminhando pelo mundo sem reforçar as fronteiras que lhe servem de barreiras, mas lhes subvertendo com seus sonhos e furando seus muros.

É impossível falar de Fabíola e não tocar nos seus projetos. Fabíola é composta por projetos. Ela os compõem, eles a compõe. Estes, elencados até agora, se tratam dos mais recentes. Quero falar de ainda mais dois, brevemente. O Quintal Móbil e o PorNo PorSi. Acho importante falar destes, porque dizem muito dessa vida que Fabíola constrói, e se tornam expressivos em seu trajeto enviesado pelas vias, cidades, roças... falam desse diferenciado modo de existir, de um exercício político de uma vida.

“Nunca tive patrão, assim que não sei na pele como seria ser comandada, mas, não tenho curiosidade. Gosto da liberdade conferida desde os projetos criados pela gente mesma, da adrenalina, da cabeça girando com tantas idéias antes de dormir, de ter que levantar e escrever um pouco pra descarregar... sinto que não poderia viver sem projetar, sem criar e colocar em prática estas ideias e gosto de saber que algumas coisas plasmadas em muito tempo seguem se desenvolvendo e se construindo, assim como um caminho, onde cada pedra e planta vão encontrando lugar, deixando o espaço pra passar tranquilo, com clareza.”

Uma coisa ainda tem de ser colocada... Em seus caminhos sempre foi forte as questões de gênero. Logo cedo, quando ainda era adolescente, trabalhava junto com sua mãe na Casa da Mulher, no bairro 1º de maio, em um trabalho com a comunidade feminina da Grande Santa Rita, região empobrecida do município de Vila Velha, ES. A Casa da Mulher começou a existir sem grandes pretensões e apoio, e me parece que concorreu muito para formar e compor essa Fabíola guerrilheira, que luta por um mundo melhor. Sua mãe quem começou a fazer este trabalho, e através dela, Fabíola se achegava, aos poucos. A Casa da Mulher iniciou como um trabalho voluntário com mulheres grávidas e se multiplicou em várias outras formas de trabalho com mulheres e, mais tarde, com apoios. Mulheres sendo convocadas a desenvolver expressões de si, pela escrita, através de vídeos, pintura, artesanato. Com o passar do tempo, com os apoios e a consolidação da Casa no bairro, as propostas de trabalhos com as mulheres foram se transformando de acordo com as buscas. Fabíola propunha um diálogo plural com as mulheres

daquelas comunidades, não só da lei Maria da Penha, mas do que fortalecia as mulheres contemporâneas, um certo feminismo atual. Por lá passaram cerca de 5 mil mulheres. A Casa da mulher foi um grande aprendizado para Fabíola. Ajudou a consolidar uma Fabíola feminista, e seu trabalho neste grupo era, também, compartilhar esse feminismo com outras mulheres. Talvez, por isso, em seus projetos fica a marca pungente da mulher, da mulher como força, como semeadora; não uma identidade mulher, mas uma mulher que se recria, que se constrói em rio, com a apropriação de sua sexualidade por si, com a mobilização das fronteiras, enfim, a mulher que deságua na Terra, que é, também, a terra.

“Sonhar, e ver as coisas desde um lado bom. Fui numa mãe de santo tem um tempo, um oráculo, e ela me disse que tenho na testa o signo da sonhadora, e que tenho uma espécie de síndrome da sereia, aquela que no meio da tempestade penteia os cabelos suavemente...com a primeira afirmação tenho total empatia, com a segunda nem tanto, creio que estou sempre em meio a tempestades, muitas criadas por mim mesma, mas geralmente estou descabelada!”

Dessa necessidade de trabalhar certas questões de gênero, para além duma identidade do “feminino”, no sentido de mulher feminina produzida por uma identidade mulher capitalizada, com papéis e lugares cristalizados, emergiu a vontade de pesquisar estas questões. Sendo assim, problematizando e problematizada por elas, Fabíola se imbricou com Taís Lobo, na construção e realização do *porNo porSi*: que se desenhava inicialmente, em 2008, como um projeto de viagem investigativa sobre os atravessamentos contemporâneos nas mulheres latinoamericanas, pensando numa certa predominância de uma cultura patriarcal, desde a colonização até os dias de hoje. Daí, então, dessa convergência, onde se optava por desconstruir esse lugar-comum-mulher, para lhe acenar uma outra luz, começa a se pensar o corpo como território político, desembocando, portanto, em sua sexualidade.

As questões da pesquisa apontavam que já não se tratava de um corpo homem, um corpo mulher, um corpo trans, mas desses atravessamentos todos que compõem um corpo. E de como esse corpo, que passa a se definir e atuar no mundo não por seu gênero, mas por suas ações, se constrói coletiva e

politicamente. Isso ficou muito claro com a intervenção na *Calle 26*, uma avenida enorme de Bogotá, que corta toda a cidade, e que estava em 2011, sofrendo obras na maior parte do seu perímetro. Portanto, era preciso que ação fosse nesta avenida, já que também dizia respeito a questionamentos tais como: o que é obsceno, afinal? O corpo é obsceno, ou o desvio de dinheiro pelos poderes públicos, em especial os políticos, para construir obras que deixam a cidade parecendo uma trincheira de guerra, enquanto compram suas mansões? O que estão fazendo com o corpo da cidade?

Logo, com esses questionamentos sobre o corpo, o que se desenhou primeiramente foi um filme: *porNo porSi*. Um filme que reunia pessoas que tratavam das questões pós-pornográficas,³⁶ se apropriando de seus corpos às suas maneiras, neste contexto da cidade – e esta também como um corpo. O filme, um documentário de aproximadamente 1 hora, se divide em capítulos, que trazem participantes de 3 países: Brasil, Colômbia e Argentina. Participantes que têm essa mesma inquietação relativa ao tema e que com seus corpos/personagens e suas variações, transmitem suas perspectivas sobre tais questões. Por conta dos questionamentos que trouxe o filme – que ainda não está finalizado - veio o festival, que seria justamente essa convergência latinoamericana em torno da arte pornoerótica, com duas versões: uma em Bogotá e outra em Buenos Aires, no ano de 2011.

Porno Porsi foi um espaço de investigação, discussão, criação, exposição e difusão das novas manifestações da arte "pornoerótica" latino-americana, a partir da colaboração construtiva de artistas que compartilham das mesmas questões.

O festival performático foi realizado a partir de uma perspectiva interativa e corpórea, menos mental ou somente racional sobre o tema. A partir de um "conhecimento corporificado" a partir da observação participante, leva em conta a intuição - e o conhecimento ancestral inerente ao corpo – proporcionando a comunicação entre vários universos concretos e simbólicos. Intenciona proporcionar outros olhares e pensamentos, representações, usos e jogos (com) sexuais, dentro de uma perspectiva cultural-urbana "biotecnológica e farmacopornográfica", além disso, desenvolver e expor esses

³⁶ Pós-pornografia se trata de um movimento político que entende o corpo para além dos binarismos homem-mulher, fomentados pela indústria pornográfica, é, justamente um contraponto, uma outra perspectiva de corpo e sexo que tem em seu cerne a liberdade corporal.

pontos num contexto urbano – ocupar e irrigar esse espaço, carente de fluxos pulsantes; uma (re)apropriação e (re)atualização de formas bem consolidadas, em termos de territorialização – como as grandes capitais latinoamericanas e como a pornografia *mainstream*, suas categorizações, *tags* e processos de exclusão – através do ativismo 'político-pornificado'.³⁷

Intuitivamente, em suas buscas, pesquisas, projetos, Fabíola se move aos cursos de Rancière, emancipada: “a emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição. Começa quando se compreende que olhar é também uma ação que confirma ou transforma essa distribuição das posições.” (RANCIÈRE, 2012, p.17)

O porNo porSi trata, em grande medida, de histórias e afetos, produções, (re)criações e (re)construções ao redor da sexualidade de seus participantes, logo de sua arte, logo de sua vida – entendendo uma como extensão da outra, e assim sucessivamente.

Fabíola registra sua interação com o meio, através de sua Canon profissional. Se constrói profissionalmente, entre tantas outras coisas, como uma realizadora do audiovisual. Todos os seus projetos desde o Quintal Móvil já trazem o enfoque de suas lentes. Com ela faz fotos e vídeos. Em termos de uma formação, é técnica em audiovisual pelo Vasco Coutinho e cursou por um ano e meio uma graduação de Artes e multimídias, na Universidade Federal de Buenos Aires. Essas informações servem para afirmarmos um a problematização muito importante para a pesquisa: não estamos tomando a arte como um saber acadêmico, que comporte a necessidade de um diploma. Fabíola e outros fazedores não pretendem seguir esse trilhar acadêmico e exploram a arte em suas mais variadas conexões, fazendo dela brotar flores e não lhes podando os espinhos, já que um não é o oposto do outro, mas se compõem.

Seu saber se forma, de fato, de suas experiências práticas, na vida, com seus equipamentos e olhar participativo/ ativo/ observador/ investigativo; não

³⁷ <http://pornoporsi.com/>

tanto por qualquer tipo de formação técnica, embora estas lhe auxiliem para as execuções de suas ideias.

“Pensei, também, a respeito da especialização e descobri que de verdade eu não gosto dela, não quero ter um movimento perfeito, mas sim muitos movimentos que têm como beleza sua própria imperfeição, sua maneira tosca de ser.”

Fabíola diz isso com sua simplicidade firme na voz, e não consigo deixar de mirar suas tatuagens que afirmam um pouco de tudo isso que lhe compõe. De um lado do braço as máscaras do teatro, do outro, Maria Bonita e sua arma à mão. Nos punhos, uma frase que se completa do esquerdo para o direito: *un poco más de resistencia*. Todos esses signos formam Fabíola e sua forma de habitar o mundo. Fabíola, uma Maria Bonita contemporânea.

E nessa narrativa-memória-afecções de/com nossa maria bonita fazendo jus aos seus sonhos, penduro-me em um fio, um fio do Quintal Móbile, um dos principais projetos de Fabíola por se configurar como impulsor dos seguintes. Ressalto, neste ponto, que todos os projetos de Fabíola são atemporais, no sentido que eles não se findam com o término de suas edições, podendo sempre ser revistos, recriados, reatualizados, em um outro momento.

Outra característica de seus projetos é o andamento rizomático que eles assumem, já que extrapolam o roteiro e se tornam outras coisas, bem como, geram outros projetos que seguem por linhas imprevistas. Como o próprio Armario, que desaguou em um braço de rio que se tornou o projeto: “Mergulho poético: uma cartografia afetiva do Rio Jucu”, que se realiza pelo mês de novembro, de 2012.

E o que constitui o Quintal Móbile guarda essa força da não finitude e da multiplicação, ao mesmo tempo. Trampolim, plataforma de ação para realizar eventos, oficinas, intercâmbios, intervenções, produções audiovisuais e performances que relacionam corpo, conhecimentos ancestrais e novas tecnologias associados às expressões e linguagens artísticas, na América Latina. Do Quintal, muitos outros projetos vieram, ele é a mãe, a geradora, a

que procria cigana em sua tenda: e já com o filho nos braços lhe entrega ao mundo, seu pai.

“Desde algum tempo, a necessidade da transitoriedade me faz ter vontade de migrar, migrar, viajar, olhar, ver coisas novas e sentir outros mundos me invadindo e ser parte disso e deixar algo; sempre pra poder voltar. Comecei minha viagem há um ano e meio e sei que ela apenas começou, conheci outros lugares e outra gente e a vontade de seguir só cresceu. Desde aí minhas idéias sempre vão no sentido da mobilidade e venho pensando em maneiras urgentes e desesperadas de seguir viajando, e seguir criando e seguir aprendendo. No ano passado a idéia de um espaço móbile de cultura audiovisual me perseguiu por onde andei, desde quando pisei na Colômbia as idéias me fluem neste sentido, primeiro pensei que poderia ser uma mostra de vídeo, mas vi que não, pensei que poderia ser uma performance com a virtualidade projetada e vi que por aí sim, pensei que o corpo tem que estar presente na ação e fui pensar porque queria esse corpo presente. Assim, vi que esse é o diálogo entre o primitivo, tosco, artesanal com o virtual, binário, exato e quadrado da virtualidade, inegáveis riquezas cada um desses universos que estão presentes na latinoamérica, cidades sem luz elétrica, sem conexão com internet, sem digitalização de arquivos, gente que está ainda vivendo na natureza mais exuberante, e gente que está vivendo o momento do descobrimento da roda, nas suas roças, com seus moinhos de vento, e cidades urbanizadas, conectadas, com wifi e metrô...”

Quintal Móbile é, enfim, um calhamaço de ideias, sensações, experiências, devires, em movimento, em itinerância, unindo arte, vídeo, performance, intervenção urbana, tecnologia, etc. No percurso de Fabíola, um caldeirão criativo que conecta uma diversidade enorme de conhecimentos, viagens, saberes, tecnologias, informações, como uma torneira inventiva que passa boa parte do tempo jorrando água e que quando se fecha entope a encanação da casa, mas se entope, ela mesma se faz de encanadora e resolve a questão, ou lhe abandona temporariamente e fecha o registro para buscar água em outros locais, para reaproveitar a água da chuva, do mar, a energia do sol, do vento.

Se move em outro tempo:

“Não me importo com os fins de semana, pra mim a segunda e o sábado são iguais, apesar de ter decidido não trabalhar nem nas segundas, nem pelas manhas, regras que sempre rompo. Tenho exercitado o conceito de integralidade, onde não

separamos vida, arte, trabalho, estudo, amizade, família, sem tantos fragmentos como se fosse um quebra cabeças resolvido, por momentos e que logo se desfaz, ou melhor, desmontamos pra montar de novo”.

Um mover-se que está associado a um regime de abertura que lhe permite conectar-se com muito do que está ao seu redor e cavalgar essas linhas que lhe atravessam, construindo outros territórios existenciais e um outro modo de existir, modo este, que, sem dúvida, lhe potencializa na maior parte do tempo.

São esses tantos projetos que movem Fabíola, são nesses projetos que ela encontra/forja a si mesma, esses múltiplos e diferentes projetos que lhe proporcionam um estado de vida no qual ela pode *ser o que quer* e onde *este ser o que quer* é sempre reconstruído, recomposto como seus projetos: em constante transformação de si. “Desmontando para montar de novo.”

Da segunda brecha: maria maria é um dom, uma certa magia³⁸

Como contar uma história que poderia ser infinita? Como relatar partes das vidas das pessoas? O que é isso a que se propõe esse trabalho, essa pesquisa? Como?

Entrevistar alguém e então já perder o que está no entre nós? Digo que nesse processo de ir às pessoas, de buscar com elas essas brechas, de criar com elas essas armas, aprendi a utilizar, aos poucos, o gravador a meu favor. De início, era estranho... percebia o quanto eu estava desacostumada com aquele aparato eletrônico e, não sei se isso ou se um defeito de fabricação mesmo, mas esse apanhar com o aparelho me fez perder umas cinco entrevistas...

Mas, ainda assim, mesmo não sendo registradas, várias conversas se deram, e com elas minha postura, inicialmente, um pouco hesitante, atrapalhava a troca e a captura do entre nós, daquilo para além da oralidade.

Ainda estou aprendendo não atrapalhar, acho isso um exercício mesmo de vida. E em relação aos dispositivos que temos hoje de captura de voz; de

³⁸ Música Maria maria, Clube da esquina 2, Milton Nascimento, 1976.

imagem; de voz e imagem: o tempo inteiro estamos aprendendo isso e sendo desafiados nesse aprendizado com estes dispositivos. Como não fazer um traçado apenas representativo? Como construir esses traços no entre nós? Como não perdê-lo? E nos vale convocar uma vez mais Deleuze, a nos direcionar o caminho: “Se não nos deixam fabricar as nossas questões, com elementos vindos de toda a parte, não importa de onde, se apenas nos são colocadas, não temos grande coisa a dizer” (DELEUZE, 1996, p.11).

E nessa dissertação tentamos esboçar o que conseguimos trazer para além das palavras, também, mas, e principalmente, o que conseguimos juntos fazer brotar das palavras, numa espécie de outra língua; diz Deleuze: “Devemos ser bilíngues até numa única língua. Devemos ter uma língua menor no interior da nossa língua. Devemos fazer da nossa própria língua um uso menor” (DELEUZE, 1996, p.14 15).

E na conversa com Maria sinto brotar isso, emerge entre nós uma outra língua. E não me refiro ao portunhol em que nos comunicamos, mas já uma outra coisa. Histórias que se cruzam, que se multiplicam... Infinitas ao abrir tantas portas, tantas possibilidades, ao trazer tantas conexões... com o mundo, com a terra, com a vida: devires que nos atravessam.

Insisto, não é uma história... E, se fosse, achamos que poderia ser infinita em composições.

Como já sabemos, Maria Alejandra veio para o Espírito Santo por um convite de Fabíola Melca. O pretexto para aceitar a aventura é auto-explicativo: rodar todo esse Brasil, desde cima, se inserindo curvilineamente, como o curso do rio. Rios não conhecem fronteiras, mas o fluir... Burlar essas fronteiras, se fazer híbrida nessa Latina América, irmã, mãe de todos nós.

Convidei Maria para construir conosco este capítulo, para compartilhar um pouco da sua vida, do seu viver, do modo como se move, do que lhe é caro, enfim, uma conversa para que pudéssemos constituir o entre nós que é afirmado nesta parte do trabalho. A conversa com Maria me comoveu e emocionou, durante a própria conversa me sentia extremamente tocada por

tudo aquilo que ela dizia e que percebia: era algo para além do dizível. Por isso, optamos por lançar integralmente a conversa, para que a partilhemos, de modos distintos.

Maria Alejandra, uma ameríndia miúda, morena da tez cor de jambo, cabelos encaracolados, que pendem pelos ombros, boca carnuda e sedutora, olhos grandes e profundos, olhar terno e intenso, mão delicada e toque suave. Maria Aleja, como é conhecida por amigos. Maria de tantas marias, Maria da água, do vento, da terra, do amor, do coração, da folia. Maria, que ao final de nossa conversa me causou um grande impacto e até me fez questionar os caminhos que estava dirigindo a minha vida. Será que era preciso tanta coisa que achava que era? Maria que gostava de deixar às pessoas que passavam por sua vida uma lembrança, uma lembrança sua, que já tivesse sido usada e impregnada de sua energia, de seus caminhos, de seu corpo. Maria linda, Maria que me fez querer ter podido filmar nossa conversa para que todos vissem o brilho de seus olhos, o tom de sua voz, o carinho sempre com que fala, com que olha, com que se curva diante das coisas. Maria é extremamente flexível. Quando começamos a conversa estava na rede e disse: “Ah, como é bom começar a falar desde o ar...” Para compor com tudo isso que é Maria e muito mais, uma bela canção...

Anda!
Quero te dizer nenhum segredo
Falo nesse chão, da nossa casa
Vem que tá na hora de arrumar...
Tempo!
Quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante
Nem por isso quero me ferir
Vamos precisar de todo mundo
Pra banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova
Vamos precisar de muito amor
A felicidade mora ao lado
E quem não é tolo pode ver...
A paz na Terra, amor
O pé na terra
A paz na Terra, amor
O sal da terra!
És o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro
Tu que és a nave nossa irmã

Canta!
Leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com seus frutos
Tu que és do homem, a maçã...
Vamos precisar de todo mundo
Um mais um é sempre mais que dois
Pra melhor juntar as nossas forças
É só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois...
Deixa nascer, o amor
Deixa fluir, o amor
Deixa crescer, o amor
Deixa viver, o amor
O sal da terra³⁹

“Começando do passado, pra dizer um pouco dos meus caminhos hoje, eu estudei num colégio, que tem uma coisa do Waldorf, bem alternativo, que ficava um pouco na natureza, assim, fora de Bogotá, nos arredores, e lá eles têm uma pedagogia que eles deixam o aluno escolher suas coisas desde bem cedo. Então, fui dessas que na aula de química eu estava olhando os bois pela janela e desenhando. As moléculas, também, em biologia, todo sistema molecular, o que eu gostava era desenhar isto. Então, é por aí, tive oportunidade de sempre escolher meus caminhos, não só na escola, depois da escola que quis fazer artes plásticas, e minha mãe super me apoiou, minha família, então na minha vida sinto que pude contar com apoio das pessoas da minha família para poder realizar o que eu gostava, de sempre me deixar levar por minhas decisões.

Comecei a fazer artes plásticas, gostei demais, senti que foi uma oportunidade de fazer o que eu gosto e compartilhar com pessoas que faziam o mesmo. Daí, fui morar no Brasil, chegou um momento que senti que tinha que explorar meu corpo, o meu corpo era primeira ferramenta para tudo, mesmo para desenhar, eu gosto muito de desenhar e fazer trabalhos manuais, já tinha começado a fazer mosaicos, pintura, também, gosto de mexer muito com cores, gosto muito da linguagem múltipla da arte, assim. Dentro da faculdade tem aquela coisa também de que 'você tem que ser o melhor naquilo que você se especializa', mas eu não acredito nisso. Faço o que gosto de fazer. Tipo aquele estereótipo do artista. Sim, é o nome do artista que importa. Como se a arte não estivesse no ar, em tudo que se vive, que se toca, todo um

³⁹ O Sal da Terra, Beto Guedes/ Ronaldo Bastos. Disponível em: <http://letras.mus.br/beto-guedes/44544/>

processo geracional de pessoas atrás de você, de todos seus antepassados, de tudo que a natureza dá, e essas coisas fazem parte do que a gente faz, não é uma questão de nome, tipo que eu invento isso e crio isso desde mim, isso está muito ligado com essa cultura do eu, né? Do ego. E sinto que a arte tem que propor mais, ser uma ferramenta coletiva e comunitária e não fazer como que: eu crio para uma certa elite ver, eu sempre senti muito isso na faculdade, que eles direcionavam muito para esse lugar. Tive um pouco de problemas com isso, eles me questionavam, 'isso é o quê, antropologia?' E eu sinto que o principal da arte é fazer bem a você, também. Porque você pode expressar as coisas que você tem. Se você não consegue expressar você endoidece, acho isso, que as pessoas que não conseguem ter um meio de expressão são as pessoas que ficam se atrapalhando sempre por alguma coisa e quase endoidecendo, assim. Então, esse poder da arte como minha terapia, assim, como minha forma de aterrissar, minha forma de dar forma a angústias, ou coisas que eu acredito, dar forma a muitas vidas, muitos fluxos interiores que a gente tem. Eu encontrei isso muito na arte. E também começou aquela pesquisa pelo corpo que foi muito importante, ver ele como essa primeira ferramenta, e enxergar a arte como... todo mundo pode fazer arte. O canto, as pessoas falam: 'ah, não sei cantar, então não canto'. Ou então: 'ah, não sei dançar, então, não danço.' Então essa oportunidade de estar vivo para mim é explorar quantas coisas eu quero, todo mundo pode cantar, todo mundo pode dançar. E não sei deixar levar por esses medos de cada vez mais ter que se especializar, especializar em alguma coisa... quando eu saí da universidade a família ficava pressionando para fazer pós-graduação, mestrado, essas coisas assim, mas senti que não, essa academia é muito bolha, uma bolha de pensamentos, também. E o mundo fora precisa mais de interação direta com isto e você aprender a viver aí. Sou uma pessoa que gosto de viajar muito, desde bem pequena sempre viajei, ainda mais aqui na América latina, só saí daqui duas vezes que fui pros Estados Unidos, as outras viagens sempre foram por aqui, Peru, Bolívia, Chile, Brasil várias vezes, Argentina, também, Venezuela... gosto de me deixar levar pelo caminho. Às vezes, encontro sinais de onde tenho que estar, sem um roteiro prévio. Por exemplo, quando saí da Universidade fiz meu trabalho final assim, consegui pôr tudo que envolve a arte que pra mim é a própria vida. Então, eu fui morar lá em SapatoCa Santander, que é uma cidade pequena no estado do interior da Colômbia, que é de onde vem a minha família, então eu fui morar lá e fazer uma

pesquisa sobre o quintal de minha avó. Porque eu achava que o quintal é para algumas pessoas um lugar onde elas compreendem a vida, porque é a interação das crianças com a terra, com as formigas, com os insetos. Onde o sol pega na terra é onde nasce vida, então, para mim, no quintal é onde nasce a vida, e onde eu me conectei com lembranças muito anteriores a mim, tipo ver uma barata morta e compreender: 'nossa, as coisas morrem, também, a vida morre, também'. Pesquisava muito também como a dimensão do olhar da criança é uma dimensão super flexível, que eu admiro muito, também. Tem uma coisa que é cósmica, as crianças conseguem estar muito perto das estrelas quando elas nascem e também por tudo que elas vêm trazendo anterior a elas, mas também porque para elas as estrelas, elas olham e as estrelas estão muito perto delas, tipo o Pequeno Príncipe, elas não têm aquela ideia, 'a gente está aqui e lá é longe, impossível chegar,' para elas é possível chegar, estar perto. E, também, o pequeno se torna muito grande. Elas conseguem ver um caminho de formigas e sentir que elas estão dentro desse caminho, a formiga toma uma dimensão super gigante. Então, o trabalho era habitar esse quintal, com as crianças e começar e ver qual o percurso que faziam esses animais, quais eram os seres desse habitat... tipo, aranha, às 8h a aranha está aí, às 8:50 passa a aranha, tipo ver as coisas com um olhar bem científico, sendo que esse científico é um olhar sensível, desde a ciência das crianças que é uma super ciência. Eles sabem um monte de coisas que eles ficam falando, que eles inventam, tipo, 'ah, essa folha você põe, ela tira a dor de barriga,' então, pesquisando toda a ciência que nascia deles através desse quintal. E o que a gente fez, foi um tapete no chão de papel e começamos a desenhar o percurso desses animais, e desenhar os próprios animais... e eles desenhando tipo uma mosca gigante, e aí começou a ter esses desenhos... e a ideia era você fazer isso do que é a vida assim, mobilizar e dar-lhe uma forma desde a arte, que nesse caso era, também, dar-lhe a forma de mosaicos. Então, eu fiz uma espécie de vidro dos desenhos que saíam do chão.

No futuro, eu quero fazer os mosaicos no chão, nesse tapete de mosaicos. Para nós, o nome do quintal na Colômbia é solar, então eu fiz um sistema solar, também, uns planetas com vidro, que eram lâmpadas, porque eles tinham luz, então meu trabalho final da universidade foi isso, ir lá e também mudar de espaço, porque eu queria mudar de espaço e para mim essa mudança foi muito importante. Lá, trabalhar com os meninos fazer rosseto, fiz as lâmpadas de diferentes tamanhos de planetas, em

foto processo, e fiz uma instalação do desenho que se fez do tamanho real em que foi feito lá, com o sistema solar em cima, daí tinha isso como que o solar, o solar que é um mini ecossistema, né? Que finalmente é o infinito, também, frente a esse sistema solar, esse mundo estelar, que parece infinito, mas que também, na hora da criança, estar perto dela, o humano, também, é uma coisa simbólica, também, quantificável, que você pode sentir perto. Era a contraposição desse chão e esse céu. Tinha até uma amarelinha, porque nesse quintal tem uma amarelinha, então a gente fez o tamanho real de tudo. A gente falou: 'vamos inventar pedras'. A gente saía e desenhava as pedras, era também ver o poder criador do desenho. De como, também, ao invés de você tirar uma flor para dar ela, você desenha ela e capturar essa beleza com o desenho, para não ter que tirar e dar morta essa flor, então a gente fazia esse tipo de atividades com eles no quintal, era tipo ações específicas com eles... daí que eu comecei me envolver muito com pedagogia com crianças, com esse tipo de trabalho.

As casas lá são super particulares porque você vê a fachada e é um negócio, você entra e se surpreende, são muito grandes, é um bairro colonial com casas coloniais, uma pequena vila, casas gigantes, que todas têm no fundo um super quintal, tipo um terreiro, um terreirinho, mas é fechado porque é parte da casa, mas cada casa tem o seu quintal, então as crianças que nascem lá tem sempre o quintal, tem o quintal como seu espaço de brincadeira, na rua ou no quintal, mas é no quintal que elas têm essa aproximação pela vida, pela sensibilidade, então eu trabalho como muitas coisas que fazem parte da vida de um quintal, tipo a água, as pedras... quando eu comecei a fazer performance eu tentava me apropriar dessas forças desde o corpo, por exemplo tem uma que eu gosto que se chama: 'las piedras se escurrem lento', que quer dizer as pedras escorregam devagar.

Eu estava trabalhando com mosaico em vidro, e vidro é um elemento líquido, ele sempre está escorregando, você vai numa igreja e você vai restaurar, você vê que o vidro embaixo está mais grosso que em cima, porque bem devagar ele se escorrega. Os humanos também se escorregam lento, devagar, depois de uma idade eles começam a escorregar porque a lei da gravidade faz com que os vivos escorreguem assim... as pedras também têm isso, elas têm um movimento interno constante, também vão se deixando levar pela gravidade, mas que é um movimento tão devagar que o humano, para o humano tem o conceito de sólido, mas tem um movimento também, né? Então

nesse movimento, pesquisando esse movimento interno das coisas que se mobilizam desde dentro, pesquisei muito a voz, o canto, pesquisei muito nesse trabalho, porque o canto para mim é um negócio que te mobiliza muito... assim, ele te abre e faz acontecer alquimias internas, mutações de coisas para você conseguir dar expressão a algo central seu.

Então, por exemplo, trabalhar-se com a quietude e com uma mobilização através do canto, nas performances. E trabalho muito com a pele, também, que é uma superfície que me atrai muito, porque é ela que te faz permeabilizar. Para mim é um símbolo do ato de você permeabilizar o exterior e ser transitivo com isso, você transitar num fluxo exterior para o interior e transitar desde o fluxo interior ao exterior. Daí tinha umas experiências de, por exemplo, você levar o corpo que você tem, quando joga futebol de manhã - você chega lá no engarrafamento, na cidade e você tenta levar esse corpo, nesse momento, um corpo de cidade, de engarrafamento, de ficar no ônibus parado, a um outro espaço, como a natureza, que seja tranquilo e silencioso.

Então, brincar com essa transitoriedade. Por que, para mim é uma busca, tentar pesquisar meu corpo, minha realidade, que não é somente esta que habita a natureza e sim uma grande cidade, como foi em Bogotá e São Paulo, cidades em que morei. São Paulo e Bogotá, nossa! Cidades grandes que eu acho muito Babilônia - tipo, agora não gostaria de morar lá. Mas, minha realidade era essa e eu tinha que trabalhar meu corpo para isso e para não me encher de tudo de ruim que pode haver lá (cidade). Porque nós não podemos estar tão abertos nela, tem que sempre ter uma pele que camufle e que filtre, também, as coisas. Tem sido bom na cidade, essa coisa das práticas de resistência. Tanto Bogotá como São Paulo, ao mesmo tempo em que elas oferecem esse pequeno inferno, elas oferecem meio que um paraíso também de você encontrar todo tipo de possibilidades para se conectar com seu corpo, dentro de cidades. Tem isso, também, né? São Paulo, por exemplo, é uma cidade cheia de técnicas corporais, aulas de graça, tipo, comunidades que se encontram para fazer resistência nessa mesma cidade. Tanto em Bogotá, como em São Paulo, sempre encontro uma galera que faz resistência desde o corpo, que eu acredito, e através da arte, também. Mas o corpo é mais vulnerável, para nós, acredito: se não o mantemos limpo, se não temos cuidado com ele a arte não vai rolar, não rola dessa mesma pureza, porque o primeiro para você criar coisas é o corpo. Então, para mim, a minha resistência tem sido desse corpo desde a dança, para mim a dança é um jeito de você

não deixar bloquear sentimentos, de você o tempo todo estar renovando e deixando que passe, pesou alguma coisa no peito, então, de repente você movimenta e ela vai se espalhando e se convertendo em energia pura que você sua e sabe, então é uma forma de não estancar coisas, pra mim é a dança e daí eu conheci o Tai Chi, que eu acho demais, eu praticava yoga, mas pra mim o Tai Chi tem mais a ver com a dança e com uma ativação de coisas, também. E como você consegue levar esse corpo do tai chi dentro da cidade, se mobilizar, se flexibilizar. Porque se você sai com uma dureza, você enche seu corpo de tudo, tipo você passa por um lugar e aqui eu não vou, ou não quer esbarrar em certas pessoas, nas pessoas de um modo geral, você se carrega de toda essa energia, por não passar por ela. Com o corpo do tai chi você leva seu corpo de um modo bem maleável, alguém te empurrou você meio que vai, você aprende a dançar com as energias e coisas, você vai indo nesse mesmo fluxo livremente, uma coisa que tem a sabedoria oriental mesmo, por exemplo, na batalha e no combate eles não bloqueando o golpe eles se utilizam dessa mesma energia para que ela aumente o poder deles, por exemplo, quando recebem um golpe eles não tesam o corpo, senão que vão com este golpe e se preenchem dessa energia para mandar também um golpe. Então, tem a ver com a cidade, esse corpo na cidade. Toda essa procura de se conectar com o corpo te conecta com uma arte mais sutil, até de sobrevivência mesmo. Seu corpo se adapta a qualquer realidade. Cidade, selva, natureza. Bogotá eu gostava de ir nas partes em que essas duas áreas se mesclam, onde entra natureza na cidade e onde a cidade entra na natureza, daí eu fiz um traje que minha pele era transparente e fiz meus órgãos em tamanho real, pensando nisso do corpo que se deixa ir, que vai e que é vivo.

Voltando um pouco, depois que eu fiz aquele trabalho do Solar, encontrei uma amiga que me convidou pra fazer uma peregrinação à Ilha do Sol, no Lago Titicaca, entre Peru e Bolívia, um dos umbigos energéticos da Latino-América e da Terra. Foi uma super viagem, que me mudou muito, até então eu tinha passado muito tempo procurando coisas para mim, muito pessoal e não tinha voltado para agradecer para terra tudo que ela me tem dado e o que ela me dá de energia, também. Daí minha arte foi ir lá dançar e cantar para a terra por meses, foram 18 meses no total, a gente viveu em comunidade, viajando por Bolívia e por Peru, chegamos lá na Ilha do Sol... essas coisas que fazem parte, também... Foi muito bom, uma necessidade de procurar uma religiosidade, também, nesse mundo que a religiosidade é a imagem e coisa e tal,

desde a imagem pela superfície das coisas pelo mesmo capitalismo que a gente vive, uma coisa muito material assim, então o espírito precisa muito crescer, ainda e para isso precisa muito se reconectar com o sagrado do religioso que tem muito a ver com a natureza, pra mim, muito mistério que está dentro da natureza mesmo e que também, às vezes, não é tão mistério, como a água, por exemplo. Sempre estou nessa procura, também, dentro da minha vida, dentro da arte, a escolha de fazer Pedagogia Waldorf, essas coisas, é também porque estou procurando um crescimento espiritual e de conectar essas coisas, sinto que minha vida aqui – na terra- está mais para coisas assim... não acho que vou ser uma pessoa com muito dinheiro, eu não me vejo assim, porque eu estou numa procura de outras coisas, também, sabe? Como sobrevivo? Minha família, por exemplo, fala que sou corajosa, mas você é doida, também, as pessoas de fora olham isso, porque não é tão normal, minhas decisões, porque eu pego minhas malas e saio fora, custa caro, também. Nunca me sinto numa terra muito firme, não me preocupo muito com uma estabilidade futura, então não estou preocupada em criar nome de trabalho e isso cria uma angústia nas pessoas que me querem bem, ao meu redor, mas me sinto uma pessoa completamente livre de escolher e ser quem eu quiser, nada está me atando. Não me moldaram, e nem eu me moldei, tipo que eu sou isto e que sou quem... isso compensa muitas dificuldades que se tem e também que eu sempre levei em conta uma coisa que me disse minha avó: você não precisa de dinheiro, nem de ser a mais estudada, você precisa de carisma na vida. Com carisma você consegue tudo. Ela falava isso. E eu sinto que é verdade, se você tem boa energia e vai se conectando com as coisas desde aí, você recebe do mundo, também. Me acontecem coisas que nossa, justo por não programar, por não me fechar para as possibilidades, a vida não teria muitas surpresas. Eu acredito que tem a ver com o que a gente deseja, também.

Acredito muito no poder do desejo e da palavra, acredito que o que você deseja e diz também e as coisas começam a se mobilizar pra isso. É importante ser consciente desse poder, ter um cuidado e saber o que você realmente quer. Tento chegar as coisas por outros planos, que não sejam programados. Não consegui ir além da graduação na academia, não tentei, tive oportunidade de fazer uma prova sem pagar para tentar entrar num programa, porque tinha notas boas da graduação, mas não consegui ir fazer a prova, minha linguagem nunca foi muito acadêmica, minha linguagem é a das vivências, do corpo. Tenho vivido muito o corpo nas festas, nos

Carnavais, e tem uma energia muito forte. A festividade, essas coisas, sinto que faz parte do humano e dessas resistências, né? Tipo, ah isso é a vida também. E tem muita religião, também, em você enxergar o mundo e se conectar com a vida, estar vivo, desfrutar disso. Na praticidade não é tão fácil, mas tem essas outras armas do carisma, também. Para sobreviver financeiramente eu fico numa espaço por um tempo, tipo dentro de uma cidade, produzo coisas, faço dinheiro e vou embora de lá pra outros lugares e gasto todo esse dinheiro, tem sido assim. Na hora que eu tenho que ficar quieta para fazer, eu fico e faço, nessa hora eu tento aproveitar essas coisas da cidade, do sistema. Por exemplo, ano passado que eu tava juntando dinheiro pra vir, eu morava do lado da universidade, então, porque a universidade é uma super ajuda, né? Mesmo que eu já não seja estudante lá o almoço é super barato. Eu tinha lá de graça aula de tai chi todas as manhãs, tinha um grupo de dança do ventre, que eu também ensinava nele, tinha minha bicicleta, eu não paguei mais transporte, também um amigo me ensinou uma receita de umas bolas de brownie de chocolate e o chocolate tem sido pra mim uma super sobrevivência. Vendia super bem, investia 20 reais e ganhava 150, um brownie que já vem pronto, pra onde eu ia eu carregava e vendia, no meu apartamento tinha um espaço que deu para fazer uma horta, então também me ajudava na alimentação, também tinha uns amigos que trabalhavam com comida orgânica e a gente fazia trocas. Na Colômbia tem muita gente que já está funcionando por troca. A mãe de uma amiga lá faz quase tudo por troca e eu vejo como ela tem tanta abundância, assim. E ela tem uma loja de trocas, e as pessoas levam coisas para trocar. Lá em Bogotá a troca está voltando a ser uma coisa válida e muito possível. Está sendo lindo esse processo, e eu acredito que é o que a gente precisa, eu tenho algo, você tem outra coisa – a gente vai trocando, né?

Então, nesse tempo, não precisava de muito, também, eu ganhava bem com essas bolinhas de chocolate. Nos primeiros meses, na verdade, trabalhei com o pai de uma amiga que é arquiteto, era um trabalho mais sério e esse deu para eu economizar um dinheiro e pagar o aluguel do segundo semestre do ano, já tinha todo o aluguel pago. Trabalhava com arquitetura, essas coisas, e ele me pagava bem, eu desenhava para ele e trabalhava só o fim de semana, era um super trabalho, mas eu sou uma pessoa que não dá os meus tempos de trabalho para algo que não goste, sabe? Afortunadamente eu nunca trabalhei para nenhuma empresa, nunca trabalhei para algo que eu ache que não está fazendo nada bom nem para mim, nem para o mundo, sabe? Gostaria de

continuar assim não tendo que trabalhar nunca para ninguém, nem com anda que não me toque... e aí, as viagens que tenho feito, eu não viajo quase com tanto dinheiro assim, porque eu não trabalho em coisas que dêem muito dinheiro, mas eu faço também mosaicos que é algo que me traz um dinheiro suficiente. Tem épocas que eu faço roupas, mas não gosto de ficar repetindo muito cada trabalho, porque de repente já não quero mais costurar, já costurei demais. Quando faço algo, faço muito obsessivamente, de repente encho o saco que já não quero fazer mais, assim tem sido com tudo, vou mudando de trabalho assim, sabe? Mas com mosaicos é legal, porque lá de onde vem minha mãe, que é Santander, lá tem uma galera que conhece que tem sítios, essas coisas, aí me sai muito trabalho de fazer murais, essas coisas... daí que saco grana, mas economizo muito para viajar, na hora de viajar eu viajo com pouco dinheiro, mas tentando não precisar ir pelos planos de turismo, vou conhecendo pessoas e fico muito agradecida com o amor que as pessoas demonstram nos lugares que eu vou, porque sempre é muita resposta linda das pessoas. Não sei se é alguma coisa peculiar da América latina, mas na Colômbia e no Brasil as pessoas são muito solidárias com os viajantes, né? Daí eu quando estou em Bogotá, sempre que vai alguém do Brasil, mesmo que não conheça, às vezes, recebo muito bem, também, porque já sei o que é estar na estrada e já recebi tanta boa coisa, quando estamos viajando as coisas acontecem sempre de um jeito meio mágico... por exemplo, aquela viagem que estava te contando pelo Cuzco, essa viagem pelo Titicaca, a gente fez um dia uma oferenda para a lagoa, eu sinto nessa viagem o importante de você fazer oferenda. Eu estava viajando com o dinheiro justo pra chegar lá, mas não com dinheiro pra voltar, mas eu fiz uns mosaicos superbonitinhos do Lago Titicaca para vender e era com isso que eu pensava em ter dinheiro pra voltar. Quando a gente fez as oferendas eu falei que essa era a única segurança que eu tinha para voltar, e simbolizava o dinheiro, também. Nessa hora eu não estava usando dinheiro, fiquei dois meses comendo das coisas que se davam nessa terra mesmo, natural, dois meses totalmente nada de pacote, sabe? Foi uma super experiência de limpeza super boa, assim. E eu ofereci em forma de oferenda isso e pensei seja o que tenha que ser e essa oferenda, e também, dar meu tempo para cantar para a terra tudo isso foi uma oferenda de mim para terra, cantando e dançando, todos os dias. Todo mundo numa onda super linda, lá. Graças a conhecer o Ayahuasca, enxerguei como o mundo cria você egoísta, sabe? E como você precisa dar também esse tempo seu para agradecer

essas coisas. E como não tinha dinheiro pra voltar eu senti que oferecer isso me daria coisas, também, como você dar suas coisas te abre os caminhos para que cheguem, também. Então eu dei muitas coisas, coisas que eu gostava eu dei lá e assim comecei a receber. E aí tinha um amigo espanhol que me disse que eu era muito boa para vender, e que ele tinha dinheiro pra investir, porque eu falo com as pessoas muito bem, então eu tenho habilidade para vender, as coisas que eu tenho sobrevivido é vendendo, também. Tipo, e na Bolívia é tudo muito barato, e a gente comprou muitos os ingredientes, quinua, chocolate, coisas muito saudáveis e potentes e os moldes e compramos tudo e fomos vender em Cuzco. Por isso que eu falo que tenho uma conexão muito grande com o chocolate, até porque na Colômbia, também, meu pai tem uma terra onde tem cacau orgânico e eu trabalho fazendo umas bolinhas de cacau, e é bem artesanal tudo, o chocolate é uma invenção para mim, sabe? Então fizemos dinheiro com o chocolate e meu amigo me convidou para ir a Machu Pichu, eu não tinha dinheiro pra voltar pra Colômbia e acabei indo pra Machu Pichu que é super gostoso, sabe? Estar lá, ter essa experiência nesse lugar que é super sagrado. E eu queria chegar na comunidade Chipiua, que é uma comunidade de ayahuasca que tem, eles entoam os cantos dos avôs dos avôs, eu queria fazer uma dieta lá, uma limpeza, porque já levava dois meses me preparando com isso que te falei, daí eu sentia que era o momento, eu queria muito. E meu amigo sonhava com isso, também, a gente terminou viajando junto por isso. E ele tinha o dinheiro para fazer a dieta, porque lá você aluga uma casa em frente a uma lagoa, tem uma infraestrutura com um banheiro perfeito, porque antes de tomar o chá eles te dão ervas pra você ter diarreia por dias, eles fazem muita coisa, banho. E eu cheguei lá e que queria fazer, mas estava sem dinheiro, só com o justo para chegar na Colômbia com o que fiz com os chocolates, e o cara falou: "seu amigo vai fazer, eu deixo você." Acabei fazendo essa dieta durante 20 dias e não paguei nada. Sabe essa recompensa que te falo das coisas, que as coisas também se mobilizam por aí, por esse caminho. Isso que a gente tá falando de como sobreviver nesse mundo e eu confio nesses caminhos, também. De você dar o melhor de você e você não ficar centrado só em si, no seu egoísmo, porque essas coisas começam a te chegar, isso pra mim foi uma resposta clara, tipo, da oferta, joga essa arte pra lagoa que essa arte é velha e não precisa receber dinheiro por isso que certamente você vai chegar em casa bem salva e cheia de experiências. E as viagens me trazem essas respostas sempre,

sempre me acontecem coisas assim. As aprendizagens do caminho de se arriscar, também e você sair daquilo que você acha que é sua vida. A gente cresce construindo um modelo de vida e pra mim essa saída me mostra que não e também que não tenho só uma mãe mais, tenho uma mãe de sangue um pai de sangue, mas muitos mesmo pelo mundo, a terra é a primeira, e é a mãe de minha mãe, a mãe de todas as mães. Assim eu senti como que muitos esquemas estabelecidos começam a cair, até o enxergar da América latina, como por exemplo, Colômbia, Brasil, esse patriotismo que fazem a gente acreditar nele, isso faz a gente se afastar do que realmente é, que são terras vivas, amorosas, não tem isso de eu sou de lá e você é daqui, somos de tudo, por isso que eu gosto muito de viajar pela América Latina e me sinto sempre em casa, não tenho aquele sentimento de estar longe de casa. Porque tem uma coisa emotiva, de uma criança emotiva que a gente precisa abandonar, pra avançar para outras ideias para esse futuro que vem, que eu acredito que muitas coisas precisam mudar pra isso, para uma nova possibilidade de conviver com esse planeta que a gente tem, que é super urgente, né? Então por isso que eu acredito tanto na educação nesse momento, como que se pode passar coisas aos que vem. Tem muito engano no mundo, também. A gente tem que estar alerta pra perceber se está fazendo o que quer que seja com amor, se tem a ver com você o que você está fazendo.”

Licença por interromper, Maria.

Mas, falo desse chão da nossa casa. E com suas palavras vou a Sapatoca Santander, passeio por entre insetos, pedras, astros.

As dimensões se com-fundem: seu corpo, sua arte de escorrer sólidos, montar vidros com cacos, cacotear a vida, em um processo à beira, à margem, sem, no entanto, se encaixar na beira, ou mesmo na margem.

Um soco, Maria. Uma ventania, Maria.

Um tropeço em uma vida planejada, feita para cumprir um futuro.

À beira, sim, de nossos abismos; fora dos modelos. É isso, Maria, você entoa um modo cigano, nômade de levar/de se levar.

Estranho, Maria. Uma sensação de vida extrema, que tem a dizer, mas sem palavras prontas... deixa-se ver e, não carrega um extremismo, uma unívoca sonoridade.

Maria que opera em sua vida os conceitos que a gente estuda na universidade, sem saber. E faz isso com tanta simplicidade, sem tê-los como parâmetros... “Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta”, canta Milton para você Maria. Maria que é força em suavidade, fluxo em movimentos sutis. Maria que é muitas, várias, tantas Marias, que entoa, em sua canção-vida, um canto tão belo que é capaz de alimentar a terra, de fazer-se comida e oferenda para a terra. Maria que canta para a natureza, que canta para nós, para todos que a quiserem ouvir.

Maria que traz os astros para as crianças, e que leva as formigas à atmosfera. Maria das grandezas, Maria das miudezas. Maria e suas aventuras por trilhas que lhe levam e que se deixa levar sem roteiros, pelas sensações. Um mover-se pelas sensações, sem tanta ansiedade, em seu tempo. Maria me faz suspirar, porque me toca lá no fundo, lá onde eu nem sei, fundo sem fundo, porque me toca de verdade com sua vida, com seu jeito.

Maria, que querida, sempre chega deixando uma lembrança e parte suavemente, quando liga é igualmente lenta e suave, não tem as pressas nem as monossílabas das conversas ao telefone. E nem as palavras demasiadas das tagarelices. Maria que nos ensina, sempre nos ensinando, sem ensinar. Gratidão, Maria.

Da terceira brecha: uma ética ciclística e um olhar com a cidade

Quando me forço a escrever sobre essas pessoas a primeira coisa que me vem, é: o que mais intensivamente ficou marcado? E não é simples lembrar logo em um primeiro momento, sem ler, só com a memória, mas é assim que opto por escrever essas linhas que antecipam a própria narrativa. Prefiro recorrer à memória, justamente, por esta me permitir ir além do que foi dito e escrito, por ela me endereçar, em um primeiro momento, aos gestos, ao timbre

da voz, às intensidades do olhar, às possibilidades de locomoção: onde vamos sentar, aqui na escada, aqui no chão do corredor, onde vamos conversar?

E este onde aberto, aberto mesmo em dia chuvoso, em que Filipe veio com capa amarela de chuva e uma bicicleta mais velha, porque ele tem umas três ou quatro em sua casa, inclusive aquela de carregar coisas. Filipe com *dread's* no cabelo, fala vagarosa, olhar intenso e amplo, ao redor, ao mundo, aos outros que passam pelas calçadas de corredores que nos cercam. Filipe que se fez disponível em gestos, para um conversa longa, que foi até à noite, para ainda, uma nova conversa, num outro dia, em sua casa, casa abrigo de intensidades, de muitos, vários Filipes e seus vários amigos, companheiros de vida, de insurgência.

Filipe, não cheguei até ele por acaso, com muitos amigos e conhecidos em comum, comecei a imaginar que uma figura tão interessante e polêmica poderia ser bacana para se ater a uma conversa. Convidei e ele aceitou. Antes desse encontro para conversa nos conhecíamos de um ou outro encontro casual, mas o que ficou mais marcado para mim foi o primeiro, onde estive com o Filipe gravando um filme-experimentação- na Fábrica 747, quando ainda era ruína, no ano de 2007. Nessa ocasião, um amigo queria filmar imagens da Fábrica, os escombros, o esquecido, o deixado de lado, enfim... lá tinha muita coisa, além disso queria construir cenas que problematisassem nossa relação com o tempo, com a loucura, seguindo as trilhas do cineasta russo Tarkovsky.

Lá estávamos nós, até os dejetos deixados nos cantos, filmávamos. E Filipe incorporaria o mito de Sísifo⁴⁰ e a pedra a rolar. Chico, amigo que teve as ideias, queria que Filipe tentasse empurrar continuamente e com todo o esforço uma enorme pedra, que nunca sairia do lugar e que no processo ele se soltasse. E assim foi. E foi longo, durou uma manhã inteira, de empurrões, pulos, subidas na pedra, sem roupa, nu, rindo, gargalhando. Filipe me lembra tantas coisas, me remete a tantas coisas. Ele tem uma gargalhada incrível,

⁴⁰ Sobre Sísifo: <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADsifo>

única, tresloucada. Filipe é o artista da vida, sem muitas questões com uma arte, no sentido de o que ele faz, suas feitura de arte, se dá por sensação, por vontade, por querência. Ele se move por desejo, pelo seu desejo e os outros que lhe atravessam.

O vejo como uma figura ímpar, louca, resistente, que não passa pela cidade, mas de fato a ocupa, interage e se apropria dela. Em cada sinuosa curva, em cada estreita viela. Ele se apropria da cidade porque se apropria de sua vida, porque vive afirmativamente. E entendo porque é considerado uma figura tão polêmica em meio à sociedade, porque tem contra si monção de repúdio e inúmeros processos, por isso mesmo que disse antes, ele ocupa, de fato ocupa, e esse ocupar atento, incomoda. Embora possa parecer um rapaz, talvez, duro, no seu contestar, é uma das figuras mais calmas e com uma meninice bonita, é um guerrilheiro da cidade, que luta a seu favor, sim; mas é um menino, também, um menino que não deixa o guerrilheiro sucumbir.

Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso
Não devo
Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração

Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão⁴¹

"Eu gosto daqui. Eu vim pra cá já tem uns 10 anos, um pouco mais. Eu sou de Resplendor, bem interior de Minas mesmo, roça. Aí eu vim pra cá pra fazer o Ensino Médio, do Ensino Médio, passei na UFES pra arte e fui ficando. Acho que a cidade tem muito a ver com as pessoas... o meu apego tem muito a ver com o apego que tenho com as pessoas daqui, as amizades que eu fiz aqui e tal... E eu procuro ficar bem com o mundo, não no sentido de salvador dele, mas um bem que me faz bem, também. Como usar a bicicleta... que não é uma questão de preocupação com o mundo, de diminuir a poluição do mundo. É porque eu gosto de bicicleta, de pedalar, então, na verdade acho que caminha junto, se a gente for analisar, analisar não, se a gente for ver um sentimento, parece que o que faz bem pro mundo, faz bem pra a gente, também. Eu gosto de estar bem pra ficar em paz, tranquilo, mesmo nesse tempo caótico. Eu também estou passando por uma experiência muito doida agora, eu tava trabalhando na minha área, com arte, mas assim, era um trabalho de carteira assinada, 8 horas por dia, aí eu me desdobrava pra fazer tudo que eu queria fazer. Fazia tudo, mas me desdobrava, às vezes ficava meio acabadinho, enforcava o trampo, e eu vejo que é muito doido essa vida de de trabalhar 8 horas por dia, dormir pouco, sabendo que tem gente que dorme mais... enfim, essa correria... eu me vi assim, trabalhar muito, dormir pouco. E nesse tempo do deslocamento pro trabalho, que é enorme, às vezes, a gente leva 1 hora ou mais, dependendo do lugar, só para chegar lá. Por causa disso que eu decidi parar de vez de andar de ônibus. Eu trabalhava em outro lugar, em Carapina, então era só aquela reta, e voltando pra casa eu peguei um congestionamento incrível e eu fiquei com muita raiva, saí do ônibus xingando tudo, e resolvi que não dava mais. Aí, no outro dia eu fui de bicicleta pra ver se seria tranquilo e se fosse, eu iria todo dia... e foi, aí eu parei de andar de ônibus. Aí uma outro relação nasce com a sua passagem pela cidade. No ônibus, me sentia perdendo tempo, de bicicleta eu vou acompanhando o que acontece na cidade, curtindo o percurso, me entroso com a cidade, com tudo, as intervenções, a arte, você enxerga os grafitis, vê os novos, da última semana, numa relação mais próxima com a cidade, mesmo. Era até engraçado, nesse último emprego, indo trabalhar de bicicleta, encontrava os amigos no percurso e alguns achavam que

⁴¹ Bola de meia, bola de gude. Acessado em: <http://letras.mus.br/milton-nascimento/102443/>

eu tava indo pra praia, eu ria, não, não, estou indo trabalhar, porque eu tirava a camisa pra não suar, sabe? Mas eu acabei de sair, aí tô no seguro desemprego, já. Tô amando ficar à toa. E agora meu objetivo, além de trabalhar com o que gosto, é trabalhar pra mim mesmo, eu faço meu horário, porque antes eu trabalhava com o que gosto, mas muito tempo, agora eu quero trabalhar na minha área, mas eu construindo o meu ritmo. Eu faço o meu tempo, mais independente do que eu já era.

Parece que quando a gente entra no ritmo fica difícil enxergar, tem até umas chargezinhas naquele livro "o apocalipse motorizado," aí tem o cara falando: "ah, não aguento tanto trabalho, mas eu tenho que pagar as contas do meu carro, eu não aguento esse carro, mas eu tenho que ir pro meu trabalho rápido." Tipo assim, você cai nesse modelão, você precisa de dinheiro, porque você tá gerando mais conta pra você pagar e você precisa de mais, então você não pode parar de trabalhar. Aí fica nessa espiral maluca, a gente pode parar de consumir um pouco pra não gerar tanta conta, pra parar com essa demanda de ter que trabalhar tanto, produzir tanto. E esse tipo de vida é viciante mesmo. Quando eu rompi, fiquei até com um frio na barriga, tipo: e agora, né? Porra nenhuma, é tranquilo, sabe? Igual, o seguro desemprego... é menos do que eu ganhava no trabalho, mas pô, faço minha comida em casa, como bem em casa, a comida que eu faço, que eu gosto de fazer. Trabalho em casa, também. Tipo ...atividades mais prazerosas, não deixo de produzir alguma coisa, mas eu ganhei em qualidade.

Hoje eu vi um filme de hardware livre, open source, aí o cara falava que as pessoas, de uma geração pra cá, foram afastadas do como. As pessoas simplesmente usam o controle remoto, mas não fazem a mínima ideia do que está acontecendo. Usam tudo e não sabem como funciona. E essa ideia do hardware livre é de aproximar as pessoas, mostrar que é simples, eles desenvolveram uma placa, mas eu acho que tem a ver com tudo, assim... dessa alienação da própria comida, a gente compra um negocinho enlatado que veio da Argentina, um outro que veio não sei da onde, o que a gente produz aqui está indo pra puta que o pariu, então essa globalização do agronegócio, cada país produzindo um determinado produto... enfim... a gente vive a abstração das coisas, eu acho. Teve um ano aí atrás, que por conta do preço, um produtor de batata teve que jogar sua colheita toda fora por conta da especulação, porque se ele fosse transportar ia perder dinheiro, porque o preço da batata não tava bom. Então, deixou apodrecer. Porque não é uma relação direta com o alimento. A gente come

uma parada que vem de outro país e tem as oscilações que entremeiam essa relação. Tudo em larga escala, o que a gente come vem de fora, o que a gente produz vai pra outro país... o trigo é quase todo da Argentina. As coisas mais básicas. Muito doido isso, mas voltando ...eu tenho sempre uma relação com o caminho, por andar de bicicleta, andar a pé, então a gente vai notando a cidade de uma outra maneira, vai notando tudo. E tem uma outra coisa que desperta, um tipo de agonia, de insatisfação e isso vem muito da publicidade. O lance dos outdoors, passar e ver tanta publicidade, aí dá vontade de brincar com isso, de dizer : “ô, se liga”, não é por aí, né?” E tem a ver com a bicicleta, essas percepções e brincadeiras, andar sempre de bicicleta e perceber uma cidade e se sentir cidade, autorizado pra intervir nessa cidade. Aqui é uma cidade pequena que a gente pode fazer tudo de bicicleta, mas, ao mesmo tempo, a gente corre um super risco porque não tem um lugar adequado, as pessoas não respeitam o ciclista. Quando eu me mudei pra cá em 2000, por aí, lembro que aqui não tinha trânsito. Hoje em dia ...trânsito, tudo fechado, e tudo tão perto, se tivesse via de bicicleta daria pra fazer tudo muito rápido, dá pra fazer Vitória de lado a lado em 20 minutos. Se tivesse uma estrutura mesmo, vamos arredondar pra cima, meia hora dava pra ir de qualquer lugar a qualquer lugar de Vitória, com uma bicicleta boa. E aí um pouco dessa insatisfação gera ação. De ter esse impulso, de escolher fazer arte e botar isso pra fora dessa maneira, seja com intervenção, seja na bicicletada, que eu entendo como um happening, uma grande performance no espaço da cidade, performance coletiva ...e brincar com isso tudo, então, brincar com a realidade. É aquela coisa das micropolíticas, e assim, micro mesmo, no sentido de fazer uma política quase subjetiva, que eu acho que tem a ver com isso mesmo, com a imaginação, com as referências que tem que ter. Igual alguém tava falando...as pessoas, às vezes, vêem milhares e milhares de outdoors e placas gigantes ... quando vêem algum grafiti tendem a achar aquilo agressivo. Agressivo é esse monte de coisa piscando na sua cara. Tem gente que se manifesta de forma agressiva, alguns pichozão e tal, mas eu não acho agressivo. Na minha intervenção na cidade eu goste de ser mais direto, de brincar com os sentidos, não necessariamente sendo tão agressivo. De ironizar mesmo com isso tudo, igual aquele outdoor da Vale, que a gente colocou um decalque em cima, com um cara cheirando pó de minério...Tem gente que vai achar agressivo intervir em outdoor, mas pra mim o agressivo já é a existência do próprio outdoor. Então, não estou sendo agressivo, eu estou tentando

fazer um pouco de poesia no meio da publicidade e dar visibilidade para certas coisas, como, por exemplo a poluição ferrada que a Vale faz na cidade, esse transtorno que deixa muita gente com alergia e outras coisas pulmonares ainda piores... e eles ainda têm coragem de botar outdoors... Essa coisa tão consumista que me incomoda, essa quantidade de propaganda, de tudo e de como isso é absorvido muito tranquilamente, por todos... essa falta de liberdade das pessoas intervirem, porque aquilo foi pago e envolve uma série de negociações e interesses. E acho que tem que intervir mesmo, mostrar nossa arte pelo descontentamento, transformar esses outdoors em outra coisa, alguma coisa mais inteligente que não só propaganda para a gente engolir.

E tem muita gente que faz muita coisa bacana pela cidade, mas é tolhido, por conta de determinada empresa, determinado interesse econômico que abre esses espaços só pra propaganda. Aí, um artista que é da periferia, que lutou pra comprar seu material, pode ser preso fazendo sua arte porque ele não tem direito de pintar na rua. Mas o outdoor tá lá, 3 metros de largura, pelo menos, e cada dia mais. Isso é extremamente podre, e tem a ver com essa desigualdade. As intervenções que eu faço vem dessa agonia, dessa agonia com esse excesso de publicidade, que disputa espaço para exibir consumo. Mas, nesse sentido de espaço comercial e espaço cidade, arte, de diálogo com as pessoas, o exercício é conceber a cidade de uma outra forma, não só numa relação de consumo, objetificante. Uma relação de reflexão sobre a própria cidade, do próprio viver a cidade, habitar a cidade. Vem daí a intervenção, a própria bicicletada, a marcha da maconha. Andar de bicicleta todo dia pra estudar, trabalhar, sair à noite, tem a ver um pouco com isso, de fugir dessa relação só de consumo e passar pra uma relação de cooperação, de reflexão. Esse lance da maconha é uma necessidade de desmistificação de uma visão social que já se tem. Digo por mim mesmo, trabalho, estudo, pago minhas contas, tudo que todo mundo faz, não passo a perna em ninguém e fumo meu bequezinho. Proíbem a maconha mas a cerveja é a patrocinadora da seleção brasileira de futebol... Aí, tem uns trabalhos que eu faço, que tem a ver com essa onda itinerante e com bicicleta, como O Circo pedalada, que é um projeto de um amigo, e que é juntar uma trupe de pessoas que viajam de bicicleta, parando de lugar em lugar pra fazer apresentações de contação de histórias, malabares, teatro e oficinas de iniciação a essas mesmas apresentações. Passar nos lugares fazendo isso, isso tudo de bicicleta.

Viajar de bicicleta. E foi uma coisa que eu amei, assim. Depois eu fiz uma viagem daqui pro Caparaó de bicicleta é foi muito massa, foi mágico. É muito demais, cada dia uma aventura, pára, acampa, curte com a galera e no circo pedalada ainda tinha o lance de fazer a apresentação e tal. Mas quando era com a galera a gente tava em 7 pessoas, então a gente não ia achar 'a boa' pra sete pessoas, tipo um amigo que ia abrigar os sete, cheios de bagagem, então, tinha todo o lance de chegar no lugar fazer o acampamento, armar a barraca, fazer a cozinha, bem mambembe, era massa.

Outro trabalho que eu fiz, que foi bem marcante, foi num projeto de arte, de liberdade assistida pra adolescentes que tinham muito problema de vício em crack e lá lá lá, aí você vê que as instituições públicas pra lidar com viciados são de igrejas e baseadas em todo aquele ensinamento. Só que aí você vê muitos desses jovens com uma lucidez, um pensamento racional tão grande, uma inteligência mesmo, que o cara fala: "a bicho, droga pra mim é ter que votar, é esse monte de político que tem aí". Os caras numa lucidez que não vai ser um papo de 'entregue sua vida pra Jesus', que vai tirar o cara do vício. Tem que se aprofundar um pouquinho mais na história do cara, não é falar 'entregue sua vida pra Jesus', que você vai se livrar das drogas, tem que ter outra abordagem. Não é essa abordagem que vai servir pra todo mundo, acredito que sirva pra alguns, embora ache que é uma grande lavagem cerebral, mas pra algumas pessoas é melhor estar nesse esquema, do que naquela doideira que estava antes, mas enfim... pra grande maioria das pessoas não vai servir, cê vai ter que ter um diálogo um pouco maior, que hoje em dia o crack também não está só na periferia, hoje em dia, tem advogado, médico, muita gente viciada. Eu sou considerado um cara polêmico, moção de repúdio na prefeitura, um processo na justiça federal, um processo no ministério público. Na justiça federal foi por conta da UFES, da ocupação do teatro, aí na época eles escolheram 5 pessoas pra tentar processar, aí uma delas fui eu. No ministério público foi ano passado na marcha da maconha, eles tentaram encaminhar o processo em meu nome, porque eu tinha dado uma entrevista e na entrevista eles quiseram me colocar com organizador da marcha. Aí, eles tentaram me multar em 200 mil reais, só que aí ano passado a gente tava cheio de advogado e eles derrubaram isso tudo. Aí, por conta disso, Ismael Silva, um vereador de Vitória, fez uma moção de repúdio a mim. Mas, pra mim, esses caras não gostarem de mim é um orgulho, não faço questão nenhuma.

Da quarta brecha: da moça que se faz... e atrapalha o fluxo

Alê, mulher incrível, que como os outros fazedores de arte, caminha em linhas impossíveis, buscando se equilibrar em meio às paisagens cinzas da cidade, tentando lhe colorir, lhe fazer fogo, fumaça, para trazer outros elementos e composições, que não só os carros velozes, as buzinas estridentes, os faróis e alarmes sempre a piscar nas nossas retinas.

Alê que é toda corpo, que toda é voz: em suas peças, em suas cenas, sempre questionadoras, sempre intrigantes. Em seu fluxo que abarca, que atrapalha, que segue incomodando, sutilmente, sem confronto, mas que se faz, que insurge. Alê, que não sabe ser sem grupo, sem coletivo, sem trabalho. Me recebeu em sua casa com os olhos grandes, atentos, sentamos sob o colchão, ao chão. Cheiro de incenso e café a se fazer, livros de Clarice, livros de yoga, amigos juntos preparando uma ação com fogo... fiquei encantada. O que ela disse, na conversa, estava ali, em sua casa, em sua vida.

Um fogo queimou dentro de mim
Que não tem mais jeito de se apagar
Nem mesmo com toda água do mar
Preciso aprender os mistérios do fogo pra te incendiar
Um rio passou dentro de mim
Que eu não tive jeito de atravessar
Preciso um navio pra me levar
Preciso aprender os mistérios do rio pra te navegar
Vida breve, natureza
Quem mandou, coração?
Um vento bateu dentro de mim
Que eu não tive jeito de segurar
A vida passou pra me carregar
Preciso aprender os mistérios do mundo pra te ensinar ⁴²

Comecei a pensar arte como trabalho, porque faz sentido para mim que eu me sustente daquilo que eu acredito. Desse olhar mais sutil pras coisas, esse pezinho na possibilidade de conhecimento que a arte dá. E o que me encanta, e talvez, a minha necessidade pra viver, é o grupo. Nas artes cênicas é possível viver esse trabalho em

⁴² Milton Nascimento, Mistérios. Acessado em: <http://letras.mus.br/milton-nascimento/808223/>

grupo, em equipe; ainda que seja um monólogo, tem uma equipe toda por trás, tem a direção, tem a iluminação, tem a sonoplastia, é um trabalho essencialmente de grupo.

Para mim, é difícil pensar no teatro fora dessa logística do grupo.

A vivência no Grupo Z, que nunca parou de me fazer pensar, me fez ver outras coisas também, e aí, por exemplo, mesmo na UFES, no curso de artes, que os trabalhos muitas vezes eram de uma única pessoa, ele era totalmente impregnado de todas aquelas as pessoas ao redor... Não tem como, nunca somos uma ilha. E, pessoalmente, mesmo quando eu desenvolvi trabalhos próprios, nunca fiz um trabalho sozinha, eu nunca consegui, eu não consigo mesmo. E acho que as pessoas fingem que fazem, mas elas não fazem.

Esse trabalho coletivo me forma enquanto pessoa, e, também, faz eu me perder um pouco de mim... um bem que é maior que o EU, né? É essa a resistência que nasce desse coletivo, que me chama. Talvez, isso fique mais forte nos tempos que a gente vive hoje, em que o isolamento é muito intenso, que a questão do individualismo é muito forte, por isso a importância fundamental dos grupos. E ter essa postura diante da vida é muito importante, e isso eu formo, né? Acredito que o EU é formado o tempo inteiro, a gente pode ir destruindo o EU, construindo outro. Ou outros. Não acredito nesse corpo que não muda, ou nesse eu que não muda...

No Grupo Z a gente tem falado muito disso, dessa poética de resistência, da poética de grupo, pro nosso fazer. Nosso trabalho vem desse encontro. A gente trabalha com processo colaborativo, que é um jeito de pesquisa onde todo mundo faz tudo, todo mundo cria junto, todo mundo escreve junto, todo mundo atua, é diretor, enfim, tudo misturado. Esse tipo de processo de grupo começou na década de 60, esse trabalho colaborativo, tudo coletivo, misturado, contra a Ditadura. É um jeito de trabalhar muito novo, é um jeito de trabalhar em que as pessoas estão se encontrando ainda, cada grupo tem ido pra um lado, cada um encontra seu modo...tem a sua maneira. O processo colaborativo não é hierárquico, mas horizontal, onde todo mundo é criador, então é essa coisa das funções entrelaçadas, e é de todo mundo se sentir criador e co-autor, de uma obra. Quando um trabalho está pronto a gente sabe que aquele trabalho foi construído coletivamente. E, Geralmente, quando a gente começa a pensar uma peça, a gente discute muito sobre o tema. O que a gente quer falar agora? Qual é a nossa questão agora?

Vou falar do O Instone, para ilustrar nosso processo de trabalho. Nessa época, acho que tava todo mundo num momento muito conturbado... Cada um, por um motivo diferente, mas todo mundo estava com questões, uns por atolamento no trabalho, outros por uma relação emocional com problemas, eu e o Boone muito lá na Casa 16, e aquele movimento incessante desse outro coletivo. A partir daí, dessa sobrecarga geral, percebemos que precisávamos fazer alguma coisa com isso; construímos a peça. As próprias falas do começo são falas nossas mesmo. uma parte em que falamos: “eu botei o tênis na mala, não botei...” e “não vai dar tempo”, “açúcar mascavo”; são falas que o dramaturgo só pegou, e depois devolveu pra gente mais amarradinho.

E mesmo antes da gente falar de processo colaborativo no grupo, já trabalhávamos com processo colaborativo, porque eu não lembro de nenhuma vez ter montado nada com Carla que ela primeiro não me olhasse, ela sempre quis a nossa atuação, a coisa do fazer junto mesmo; ela trabalha muito forte com a intenção do movimento. Não tem um trabalho de coreografia que ela chega e fala: olha, então vocês vão executar isso, três pra lá, dois pra cá e agora cai e levanta; não, ela começa com a intenção. Eu me lembro de quando a gente tava ensaiando...

Em Incessantemente, a Carla, que é digamos, a cabeça descentrada do Z, levou uma proposta pro grito, porque a gente ia começar a pensar a peça, a sentir a peça a partir disso. A gente sabia que íamos trabalhar com algumas palavras, e aí pro grito ela levou umas propostas pra gente criar a coreografia, que era em cima disso: o que você grita? o que você não grita? e o que você tem vontade de gritar?

E aí, a partir daí, a gente começou com o texto e depois foi transformando esses textos em movimento, aí ela vai pegando tudo isso, leva pra Casa e volta com a coreografia. E é muito bom, sabe... eu não sei viver sem isso do grupo, o Z, mesmo, não sei mais. Por que é essa coisa de não conseguir separar, então a gente vive aquilo que a gente quer e aquilo que também faz parte da filosofia de vida da gente, dessa resistência de grupo meio família também... É um amor... Como você pediu que eu te falasse da minha vida, já falei do Z, mas preciso falar um pouco de outro coletivo que eu participei, e que foi muito importante pra mim, a Casa 16. Começou dessa coisa que você tava falando... que as coisas vão se entrelaçando e a gente vai indo...

Quando eu entrei na UFES eu tinha um grupo de amigas, nas conversas pelos corredores a gente tava falando muito sobre o feminino. E os trabalhos nossos, mesmo sem querer, abordavam essa questão, a gente pensou numa exposição que ia chamar Casa de Bonecas e a gente pensou em ir pra uma casa em ruínas... Cada uma ocuparia um cômodo da casa abandonada e faria lá sua ação/exposição, o que achasse pertinente.

A casa abandonada era um desejo meu, desde a infância eu tenho essa coisa com a ruína, como meu pai sempre quebrou e levantou parede o tempo inteiro, eu brincava nos escombros das casas que ele ia construindo e quebrando, minha casa estava sempre arruinada... tipo esses prédios, também, que antes mesmo de serem terminadas já viram ruínas.

Aí eu fui morar com uma dessas amigas e quando ela estava saindo de lá, ia mudar pra Natal, e eu fiquei sem lugar pra ir... e a Carla falou: "Alê, por que você não vai morar lá na casa da mamãe?" Que estava abonada há seis meses e tinha muita gente entrando, e ela falou: "poxa fica lá, fica lá o tempo que você precisar, até você arrumar um lugar legal... minha mãe não tem intenção de alugar... E, quem sabe, você não desenvolve aquele projeto lá que você queria tanto da Casa das Bonecas..."

E veio muito a calhar, conversando com Luara, que era uma das amigas que pensavam esse projeto, ela: "você não quer mais uma moradora lá, não? eu vou com você pra lá" e eu falei: "opa, 'vão bora'!" A gente já foi com essa intenção... a casa era grande, a gente ia ocupar dois quartos, ia sobrar um. Ia sobrar aquele espaço todo, e a gente pensou: vamos fazer da casa um espaço pra produção, e se mais amigos quiserem, aqui eles têm uma plataforma. Então, a casa de bonecas morreu, mas, nasceu a Casa 16, que é um resquício, e veio também por causa dessa outra coisa que se transformou nisso. Dessas transformações. Já não tinha mais essa questão do gênero forte, era uma outra coisa, outras, na verdade.

E a Casa 16 não tinha uma atuação específica. Inclusive a Casa 16, o coletivo, desenvolveu muitos poucos trabalhos artísticos... Vejo a Casa 16 como um coletivo sem ações próprias, como um espaço para coletivos, eu sempre falo assim: A Casa 16 espaço. E ela servia pra n coisas bem diferentes, abrigou desde um evento de moda a uma exposição, a uma encenação do Grupo Z.

Era um espaço cultural. E o coletivo Casa 16 ele era um grupo de artistas que dava suporte pra esses outros artistas. Era uma casa abrigo de outros coletivos, que dava

espaço e mão de obra. Tinha trabalho do Rafa que todo mundo tava envolvido, ele tinha que fazer um ensaio fotográfico e a gente participava disso intensamente. O que chegasse, a gente abraçava. Era tipo uma casa mãe.

Quando a casa acabou, o coletivo também acabou, mas eu e a Lua, a gente continua trabalhando junto, sempre. E continuamos com essa vontade de dar suporte, essa vontade de fazer um espaço assim acontecer... Viabilizar isso, desse modo. De ser esse coletivo sem proposições próprias, mas abarcador e construtor, também, das proposições que chegam.

É aquilo do grupo que você falou...

Isso. Que é da necessidade de fortalecer os grupos.

É um trabalho muito bom, você entra em contato com os mais diversos tipos de coisas, de arte, de tudo... e entra mesmo, porque não tinha como, na proposta que a gente vivia na Casa, não mergulhar. Com isso, a gente estava o tempo inteiro se flexibilizando, se moldando com o que chegava. A gente fez um monte de coisa que eu achei muito bacana pro nosso crescimento, com outros coletivos mesmo. E poxa, estou gostando de falar isso aqui, é muito bom poder falar e partilhar as coisas boas que nos pegam.

E, já que estamos falando das coisas que nos pegam, vou falar brevemente do trabalho que a gente faz na cidade, com outros coletivos que eu participo, sem nome. A gente sempre pensa em criar uma obstrução de passagem, de fazer a pessoa encontrar um outro caminho, ou se ela vai passar por ali, ainda assim, vai ter que fazer um outro movimento, não vai ser mais sem olhar por onde anda, correndo... A intenção é atrapalhar o fluxo. Atrapalhar esse fluxo intenso, impensado. Todo mundo correndo, correndo, seguindo, seguindo; estão o tempo todo correndo, a gente também está nesse movimento, então a gente insere essas pausas forçadas, na cidade, até para se repensar mesmo... e ver o quão autômatos nós podemos estar... Às vezes, eu penso que todos estão correndo pro mesmo lugar, pra mesma direção... então a gente faz isso de várias maneiras, já fizemos com bombas de fumaça, com muitas, no Centro; já fizemos com fita adesiva, na UFES, isolando áreas e marcando outros caminhos, para que as pessoas tivessem dificuldade em passar, tivessem que inventar um outro caminho e mexer mais o corpo, fazer mais curvas, não andar só ereto, ter que se abaixar, curvar, essas coisas... e agora estamos querendo fazer nos

sinais, nas avenidas, com o fogo, atrapalhar mesmo o trânsito. Temos feito testes em lugares descampados para ver como funciona, tem sido legal...

O negócio é a resistência, e uma resistência de uma forma sutil, que não é na pancadaria...são essas construções...E aí a gente vê que até das coisas muito ruins que a gente vivencia, como esse nosso estar automático no mundo, pode nascer uma coisa bacana... uma rebelião artística... porque eu acho que a arte é isso... uma espécie de rebelião. E quando a gente se dá conta, parece que a gente tá abrindo as gavetinhas e deixando as coisas se misturarem... deixando as coisas saltarem dessas gavetas que a gente criou e aprendeu vivendo essas coisas.

Da quinta brecha: um duo que reverbera em toques à terra

Primavera e Esperança chegaram até mim como um presente, presente de Maria, que me falou dele, do Esperança. Quando estive em sua casa para conhecer o “cara legal” que fazia tambores e vivências, na Pedra da Cebola, já sabia que tinha acabado de ter um filhinho, de resto, nada sabia. Estive na casa deles duas vezes. A Primeira, em que conversei muito tempo com os dois, e eles tocaram os tambores e tudo ia se encaminhando espontaneamente, o gravador pifou. Na minha segunda ida, mais ou menos, duas semanas depois, conversei só com Primavera, o Esperança estava no Caparaó. Mas foi um relato lindo, e igualmente gostoso. Sua casa arejada, com dois gatos que rondam em busca de carinho, o tear logo na entrada e suas variadas linhas coloridas, os tambores, aos montes, no chão, muitos prontos, outros por fazer... era acometida pelas mais variadas sensações. E estava conversando com ela já me sentindo em casa, deitada em cima da palha, no chão, cercada de tambores. Primavera tão doce, tão leve, tão suave. Com a fala lenta, pontual, com a memória minuciosa, sempre retomando os pontos da conversa enquanto eu me perdia... enquanto eu me sentia cada vez mais em casa...

Conversávamos com seu filhinho no colo, mamando, cheguei a pegá-lo um pouco, um menino grande, gordinho, que mama só no peito. Um encontro com

uma família, mas não uma família tradicional, um outro tipo de família. Onde seus componentes são de uma flexibilidade muito delicada e de uma força marcante. Tive uma grande felicidade ao conhecer Primavera, companheira de Esperança. Primavera, que é na certidão Márcia, que é na capoeira, Pimenta, que é em casa e no yoga, Prima, que é tantas e, ao mesmo tempo, uma. Fiquei curiosa a respeito desses nomes, de onde eles vinham, como... Esperança vinha da capoeira, nome que recebeu de seu mestre, na roda. E Primavera, veio de uma outra Márcia que nascia após o acidente de moto, quando eles já começavam a se encaminhar para uma vida outra. E que, em cima de uma pedra, olhando o mar, ouviam Secos e Molhados, chegaram na *Primavera entre os dentes...* ali nascia Primavera, eles tiveram certeza.

Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra-mola que resiste
Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade decepado
Entre os dentes segura a primavera⁴³

Nossa história é vinculada (a minha e do Esperança), eu sinto em mim e eu percebo isso nele também, e em todas as pessoas que eu conheço, que andam nessa... que eu não considero uma contramão, considero uma via lateral... É, mas ela não é uma marginal, porque ela não entra em choque de frente, porque a gente vive em harmonia com esse mundo, não tem um ir contra "o sistema". Não é nada disso, é muito pelo contrário, simplesmente um modo de caminhar dentro desse sistema. Como vou andar contra? Porque o contra é sempre mais pesado... nadar contra a maré, tentar andar contra o vento...O que a gente tenta é conseguir andar sem ser manipulado, fazer seu próprio ritmo. Isso é uma coisa que eu sinto e penso sobre tudo, como você usufruir de algo sem ser dominado por aquilo, então eu penso isso... não só no campo social, não só em relação ao dinheiro...Não ser dominado, mas estar dentro, não estar fora. Por exemplo, aqui agora, nesse momento presente... moramos aqui, onde mora a minha

⁴³ Secos e Molhados, Acessado em: <http://letras.mus.br/ney-matogrosso/254769/>

família, em cima deles, então: dentro, mas fora. Em cima, do lado, em qualquer lugar,
mas não vivendo a mesma coisa.

E não viver a mesma coisa, começou em 2006, justamente quando eu e o Esperança resolvemos que íamos mudar de vida, largar tudo e procurar alguma alternativa para o nosso viver. Nós já vivíamos de uma forma alternativa, mas um pouquinho alternativa, porque ainda tínhamos emprego formal e “perdíamos” boa parte do nosso dia, nele. Só que para dar aquele empurrãozinho, que é, às vezes, só assim que a gente toma coragem para mudar mesmo, aconteceu uma fatalidade... A gente sofreu um acidente bem grave de moto... E eu tenho um filho especial, ele é autista, se chama Marquito, tem 12 anos hoje, mas na época ele tinha 5. E com esse acidente ele teve que ir pro Rio de Janeiro, ficar com o pai biológico, para que me recuperasse. E eu fui no fundo do poço, fiquei muito mal naquela época... deprimida... mas quando se sai do fundo do poço, sempre se traz uma oportunidade de fazer de outro jeito, de viver de outro jeito. Eu vi uma frase, naquele filme Clube da Luta: “na falta de esperança encontrei minha liberdade”; é mais ou menos isso... o fundo do poço sempre traz isso... assim, uma ânsia de viver melhor, se eu tiver outra oportunidade, eu vou viver bem melhor do que eu estou vivendo, agora... a sensação foi essa.

E aí, a gente deu um tempo pra eu me recuperar... fiquei muito machucada, minha tibia espatifou, minha perna abriu toda, quase tive que amputar... Nessa ocasião, por causa do acidente, tínhamos parado de trabalhar, e estávamos com nosso seguro desemprego. Fomos pra Bahia em busca da mudança em nossas vidas... não sabíamos fazer nenhum tipo de artesanato, e lá não tinha nada de concreto à nossa espera, eram possibilidades, riscos... e nós, naquele momento, estávamos topando o risco, o diferente. E foi em Março, de 2006. Escolhemos, como ponto de partida, Itacaré, antes, a gente passou por Ponta do Corumbau, sem pressa... demos um tempo no assentamento dos sem-terra, Unidos do Corumbau, depois, seguimos pra Itacaré e foi lá que demos a maior sorte. Foi essa série de acontecimentos que fez a gente virar, mudar por completo nosso tipo de vida e viver a busca de uma outra coisa, talvez, aquilo em que a gente acreditasse. Então, lá em Itacaré, a gente fez umas coisas bem mambembes, chegamos já com essa disposição de estar na rua e deixar rolar, de trocar com as pessoas. Nesse teatrinho de rua, ele bancando o palhacinho e eu a colombina, a gente

começou a brincar, à toa mesmo. Só que o pessoal gostou tanto, que chamou a gente pra fazer trabalho nos restaurantes, para chamar os clientes, e essas coisas foram acontecendo, lá. E as pessoas foram gostando tanto das brincadeiras que a gente fazia, e era uma coisa bem simples... E aí, Esperança descobriu que estava tendo um festival de música, descobriu ou foi descoberto, ou os dois, e fizemos uma audição pra o festival de música que ia ter, reunindo artistas da região.... e a gente conseguiu entrar...

Fizemos uma brincadeira com as crianças, com uma pecinha que eu fiz, chamada: a magia de uma nota só. E era o seguinte... “como falar com Deus? pra falar com Deus (aí chegavam as crianças), você não precisa mandar carta, não precisa de telefone, só precisa de uma nota”, e aí a gente tinha um pandeiro e uma flauta, e era a magia de uma nota só da música... enfim, fazia uma série de brincadeiras... eu contava uma estorinha, uma coisa bem interativa, lúdica... E quando chegou na hora da audição, o Esperança travou, porque tinha câmara, um monte de coisa que a gente não esperava, e ele que é o cara todo soltão... aí, quando ele travou, e eu me soltei, salvei o dia. Naquele dia foi legal, e depois ele voltou a si, e eles gostaram da gente, pediram pra gente fazer outra. Essa seria uma mímica, e essa mímica tinha que culminar na bomba atômica. Então, eu tive a ideia de fazer a evolução das armas, e a gente desenvolveu uma mímica toda baseada nisso, só que a gente só tinha uma vara de berimbau cada um, aí, primeiro era o arado, e a gente contava quando os homens eram amigos e, de repente, a gente encenava quando um conseguia um aipim e o outro não, gerou a cobiça e gerou o não partilhar, (isso tudo naquela mímica ali), eles começam a brigar, começa a briga com o arado, depois vira uma arma, depois um arco e flecha, uma arma de fogo, e aí, no final, os caras lá entram com a bomba atômica deles e todo mundo morria e começava o show de música. Muito doido! Já procurei na internet, mas cortaram a gente.

Depois disso, veio um texto que falava sobre o inconsciente conversando com o consciente... falando exatamente o que a gente estava vivendo...que tinha que deixar aquilo tudo que era dito como certo, para lá. Aí, no final, a gente colocava a música Além, do Raul Seixas, que fala que todo homem tem direito de matar todos aqueles que contrariarem esses direitos...

Então, nesse momento em que a gente fez essas coisas, nós conhecemos o Rodrigo Zapata, que é um grande artista chileno. E foi mais um evento super sincrônico em

nossas vidas e de muita sorte....Esperança, desde que a gente tinha saído daqui, queria alguma coisa com percussão, sempre quis. Ele tinha muito isso. E o Rodrigo convidou a gente para ir na Pousada Cristal, onde eles viviam, para poder conhecê-los ... e foi muito revelador em todos os aspectos, porque nós chegamos lá, e o primeiro impacto foi o tambor... muito impactante, mesmo. E, até então, eu nunca tinha visto, nem imaginado como se fazia tambor, como era isso... foi muito forte. E a forma como eles viviam e tudo, toda atmosfera daquilo ali foi muito impressionante, porque, na época, ele vivia com a companheira dele, a pousada, eles que tinham arrendado, mais dois chilenos e um senhor. E eles convidaram a gente pra morar lá, também, então, entrava e saía hóspede, mas ficava uma comunidade fixa ali dentro, e era uma outra dimensão que a gente estava vivendo lá, naquele momento... E um dia, a primeira vez que eu escutei os tambores, eu entrei em transe completo, eu vi o espaço sideral e eram só os três chilenos tocando, que era o Rodrigo, Rjco e o Hugo. Eles estavam tocando tambores que eles mesmos faziam, e não era nada parecido com candomblé, umbanda, capoeira, congo, maracatu, nada parecido com nada disso, nem com percussão artística, nada disso.

Quero te mostrar a base do que eles tocaram.

E da base vem as variações. A base do toque deles era só isso aqui...

(som de tambor)

Quando eu sentia isso... Tocado por três tambores...

Um fazia a base, e os outros variavam dentro disso. Nossa! Muito maravilhoso! E, pra mim, abriu um universo nesse momento, nesse dia, especificamente, que eu nunca tinha acessado - e pelo toque dos tambores, pelo som, mas mais ainda... por alguma coisa que eu não conseguia, e acho que ainda não consigo, discernir, mas que vinha daquela energia que acontecia ali, enquanto os tambores estavam sendo tocados. Esse partilhar foi da própria feitura do tambor. Porque o tambor se faz assim, em ritual, em comunidade, e, enquanto um está lapidando, esculpindo, os outros têm que tocar para concentrar as energias necessárias para o tambor que está se formando, ali.

E essa vida que a gente escolheu, se possibilitou, em primeiro lugar, a partir e por causa, do nosso encontro com os tambores. Porque a partir do momento que foi passado o ensinamento de como era fazer um tambor, os segredos da ritualística,

tudo... a gente começou a entender o propósito da nossa viagem, a energia que a gente estava, nossa mudança, mesmo...

Esse grupo de chilenos, com a descendência forte dos Mapuches, conduziam essas memoráveis rodas de tambores. A partir daí, a construção, música e vivências fazem parte até os dias de hoje, da nossa vida. Nós trouxemos para nossa cotidiano, o que aprendemos lá, fazendo, hoje, de um modo diferente, porque vamos incorporando outras coisas, outros aprendizados de tambor e tecelagem...que são dois trabalhos casados.Então nós temos o atelier em que fazemos nossa própria tecelagem e os tambores, que tem inúmeras utilidades e desutilidades, no sentido de não ser uma ferramenta utilitária, mas de conexão, não da utilidade que estamos acostumados. O tambor vem ritmando encontros, intercâmbios e diversas vivências e experiências alternativas, que a gente faz ...as vivências que realizo em grupo, que têm uma característica bem de ritual mesmo, de comunidade, de meditação.

Em harmonia com a natureza, com o mar, que é música; com a floresta e os pássaros, que são melodias... todos os animais são ritmos; e, se percebemos o mundo que nos rodeia, encontramos movimento e música.

Então, nosso movimento vem para fortalecer o simples, onde, em grupo, ritualizamos nossos sentimentos, percepções e emoções.Sabendo, que, o que buscamos já vem sendo feito por tribos e civilizações antigas há milhares de anos, e por pessoas, que assim como nós, buscam na simplicidade musical, o som interno. (Esperança). O material dos tambores é um conjunto, a gente faz com o que é possível, o que aparece... Então, por exemplo, esse aqui é de coqueiro, isso aqui é palmeira imperial, os menores são coqueiros. As árvores são cortadas o tempo todo... ele pega essas árvores, caídas. Já tem alguns anos que as pessoas procuram por ele... pra dar as árvores. Sempre tem alguém que fala onde tem e ele vai lá e pega. No asfalto do Caparaó, cortaram muita palmeira imperial... Um dia a gente tava passando, a palmeira tava cortada lá no chão, no dia seguinte tinha sido tudo aterrado... aí a gente pirou... “não, tem que pegar isso pra trabalhar! Deixar aterrar, de jeito nenhum.” As pessoas, às vezes, questionam de onde vem a madeira, e ele esquece de explicar que ele não corta as árvores, que elas simplesmente já estão caídas; na verdade, sobre o couro, a mesma coisaele dá um sentido pro couro, ele bota pra viver de novo. Porque nos tambores eles realmente revivem no som, na energia... e reviver é uma ponte. Esses tambores, como a maioria dos tambores, são ritualísticos,

desde a feitura, até o toque, tudo é ritual, neles. E esses que o Esperança faz têm uma característica dos tambores Mapuches. Que são povos indígenas, ainda existem numa parte do Chile e numa parte da Argentina, também, e geralmente, seus xamãs eram mulheres. Então, quando a matriarca tocava o tambor era algum tipo de ensinamento. Ela trazia algum ensinamento. Ela tocava, antes de fazer o ensinamento, no meio do ensinamento... Às vezes, o tocar era o próprio ensinamento. Só o som do tambor... E a tecelagem, outro modo que a gente encontrou de dar sentido à nossa subsistência, a gente aprendeu com outro mestre, no interior de Goiás, em Pirinópolis; num ashram, que uma espécie de comunidade espiritual, sem fins lucrativos, ao menos, este era, era autosustentável. O ashram se chama "Osho Live", que também o "Atelier Art Zen" e o mestre o "Jivam Latif", que o dono da casa... ele o Mestre Tecelo, o Sbio, o Cozinheiro... Meu Mestre. Com ele aprendi muito mais do que tecelar. Aprendi tanta coisa que não cabem em palavras. Esperança foi para lá, primeiro. E na praça da cidade, expondo os tambores, conheceu ele, por acaso. Engraçado, depois que a gente escolheu viver essa vida, parece que o acaso está do nosso lado. Então, mas o Latif é muito importante na nossa vida – que é feita desses encontros com figuras que nos ensinam muito e possibilitam com esses ensinamentos esse outro jeito de viver – e ele convidou o Esperança para ir para o ashram. Ele foi, lá o ashram funcionava em colaboração; se alimentava daquilo que era plantado e então, colhido e se fazia tecelagem para manter o espaço. E depois do Esperança, foi a minha vez de chegar até lá e foi outro grande acontecimento em minha vida. E a gente vive hoje, como vive, porque a gente teve coragem de largar tudo, coragem de se jogar, de tentar e apostar na incerteza, mesmo. E tudo deu certo. Claro que passamos por dificuldades financeiras, e chegamos quase a desistir, mas, graças aos deuses, não fizemos isso, perseveramos e as coisas foram acontecendo, fluindo. Encontramos o Latif, ele nos ajudou muito, também. Eu busquei o Yoga, hoje, ensino... então, esses encontros combinados formaram esse tipo de vida que a gente vive, e, até hoje assim... ainda contamos com o acaso. Temos alegria com a vida que a gente vive, porque, não sei... eu sinto que é o que é ...e não podia ser diferente. Qualquer outra coisa eu eu fizesse, que não fosse isso, seria por necessidade e não por vontade, a vontade profunda do meu ser é ser cada vez mais independente e livre.

Diários de borda: interstícios intempestivos

Com o intempestivo, Nietzsche deu à filosofia esse seu tempo próprio a partir do qual pode ela contrapor-se ao presente da cidade sem invocar o eterno. Porém de onde viria o intempestivo, se não do presente mesmo que ele combate? (PELBART, 1998, p. 108).

Capítulo IV:

Interstícios intempestivos – Do como contar um processo plural

Nesta seção, vamos lançar as muitas linhas que compuseram o processo escritural de pesquisa, neste trabalho. Datamos as entradas e propostas distintas para que o leitor se achegasse das sensações que nos perpassaram, durante esses quase três anos de imersão. Ao fim, teremos uma conclusão que não conclui, nem une, tampouco desune; não é binária, nem proferidora de qualquer sentença.

É, antes, o fim, ou, talvez, uma pausa, um respiro para mexer o corpo com as sensações que foram povoadas nele, por este trabalho. É, antes, um outro meio que se insinua, uma outra linha em abertura para outros devires.

Sendo assim, caro leitor, chegamos até aqui e agradecemos sua incansável e tonteante leitura, que insistiu em nos acompanhar por uma jornada sem roteiros, nessa assimetria que forma esta pesquisa desordenada. Agradecemos sua atenção, carinho, cuidado. Lhe deixamos, agora, o processo...

Acompanhando o caminhar das formigas

maio, 2011

Então eu ia começar de qualquer jeito, fosse o que fosse. E, confesso, já estava um pouco enfadada daquela história que se repete a cada início de dissertação: como começar? E olha eu aqui fazendo a mesma coisa. Repetição do mesmo. Mas como dizer desse começar? É chato se prender a isto, e é quase óbvia a resposta, ou melhor: não uma resposta, mas um percurso. É de um percurso que se fala, de um percurso que só pode ser dito a partir de passos, de caminhadas, de rumos. E falar de caminhadas é um pouco desnecessário; mais potente fazê-las. Por isso, o texto começa não necessariamente pelo começo, talvez começasse pelo fim, mas acho que não, se encaminha pelo meio - já que o pesquisador está; ainda que tenha estado,

e que ainda venha a estar; portanto é no presente que a pesquisa prolifera, ressoa.

De início, inventar um outro berçário, que embale o bebê de outro jeito, sem excesso de proteções azuis ou rosas, para que as forças da vida, carne e sangue, possam ungi-lo, comemorando com entusiasmo esse nascimento. E que ao rebento se dê a oportunidade de nascer pelo meio, em reconhecimento ao M talhado em sua mão, um visível signo que insiste nesse recado (PRECIOSA, 2010, p. 37).

De todo modo, não queria começar de um jeito qualquer, era necessário que houvesse um ponto de partida, fora dada a largada, meu cavalo estava lá atrás, mas ainda não estava fora da corrida. Sim, era uma corrida, uma corrida contra o “tempo”.

Mas como falar de um tempo não cronológico com tantos prazos, pressões, datas determinadas e bancas? Também não saberei dar uma resposta; logo, caminho tateando, em busca de pistas, aos solavancos.

Há mesmo um tremendo desassossego em realizar essas pesquisas, em dar-lhes corpo, encarná-las. Parece-nos - e aí utilizo o plural porque sei que vários colegas compartilham de uma certa angústia nesta jornada - que nunca saberemos fazer direito, não seremos bons o suficiente. E aí percebemos que existe um determinado padrão, um padrão acadêmico - ao qual devemos nos dirigir. Como manter o padrão sem cair em clichês? Às vezes, sinto como se estivéssemos colecionando enigmas...

Bem, mas há que se ir a algum lugar, ainda que para atravessar na diagonal algum padrão, ainda que para jogar ao sabor do vento os direcionamentos e direções que insistem em nos manter enraizados. Escolho que é por essa via incerta que quero seguir. Precisei criar um outro tempo, que aqui nomearei de transbordamento.

Voltando, precisei inventar um transbordamento no meu cotidiano que coubesse, ou melhor, que extravasasse, que se esvaísse: em que eu pudesse me dedicar: transbordar, escrever!

E mais uma vez me vi na escrivaninha de meu pai, percurso que fiz há sete anos, quando escrevia minha monografia de graduação. Padaria Espiritual, este era o nome. Tema sugerido pelo Kleber, nosso professor de psicologia. E de volta a 2011, vejo num cantinho à esquerda, fitando de viés a janela, os mais de 15 livros que arrumei ordenadamente, no escritório de meu pai. Ao sair de casa e vir para cá, saí catando tudo quanto é livro que poderia me servir, quando me vi cheia de livros, uma caixa com muitos CDs de música e um aparelho de som portátil, pensei: vou mesmo conseguir escrever ou estou fazendo cena? E o que seria pior: fazendo cena pra mim mesma...

Era uma imagem engraçada: eu quase deixando cair aquele tanto de coisa, os livros enfiados dentro do carrinho da feira, outros numa bolsa que levo pro supermercado, os CDs numa grande caixa preta, o netbook amassado entre livros e rascunhos, e eu pensando que deveria me esforçar ao máximo para conseguir acabar a qualificação no mês de maio, porque não teria mais “tempo”.

Mas faltou dizer o porquê tive que sair de casa. Ocorre que engravidei ao entrar no mestrado e hoje tenho um lindo pequenino chamado Ayam Ravi, de seis meses. O caso é que se fico em casa não consigo fazer mais nada, sou toda ouvidos, olhos, boca que beija e amassa, sou capturada por aquela fofa e deliciosa criatura “minha”.

Então, tive que arrumar um outro espaço, um outro espaço pra falar do tempo. De um tempo, ou de vários tempos. Estes mesmos que transbordam: (trans) bordam.

Meu pai, pessoa generosa e com mania de arrumação, logo me disse: vem, mas não bagunce nada. Fico pensando como ele vai reagir quando der o fim do dia e vir o tanto de coisas que trouxe pro seu escritório asséptico, esvaziado de coisas e cheio de organização.

Agora me vem um lampejo: me lembro que esqueci. Como Manoel de Barros, também trago em mim um atraso de nascença⁴⁴. E tenho essa coisa de esquecer, e esses esqueceres vão se tornando visíveis, ao longo... vácuos, espaços e vãos em que me perco, em que alguma coisa que escapa e se resvala por outros rumos, outros meios. Mas, o que esqueci, desta vez, lembrei. Tem uma amiga minha que sempre diz: “como vou saber se estou esquecendo? Se soubesse, não esqueceria.” Mas desta vez não esqueci por completo, no meio do esquecimento veio, então, a lembrança: por que só tenho o mês de maio? Além do cronograma restrito exigido pelas agências que financiam as pesquisas, tem o próprio cronograma do Programa e, agora, com os acontecimentos dos últimos dias, o meu. A Vanda, babá do meu filho, anunciou que vai ter de ir embora, só fica comigo até início de junho; a creche da prefeitura, lotada, só terá vaga ano que vem e em sorteio; Vitor, meu companheiro, está de férias agora, em maio. Logo, me parece que as coisas confluíram para que fosse neste mês: do trabalho e da iluminação de Buda. Disse-me, por torpedo, meu amigo Felipe: “A lua cheia de hoje é consagrada a Buda. Maio é o mês da iluminação de Buda”. Associei isto a um certo labor, a um exercício de si.

Ih, acabo de constatar que atraí formigas à mesa limpa de meu pai. Será que foi a conclamação ao trabalho ou foram os 12 cajuzinhos que devorei nesta manhã ensolarada que já se torna tarde? Vou fazer os costumeiros procedimentos de limpeza, pegar o álcool em gel que ele utiliza e passar na bancada. Por sorte o álcool continua no mesmo lugar. O paninho, não. Porém, enquanto busquei o paninho pude constatar que meu pai já não é tão obcecado assim por limpeza, concluo que ele é mais discursivo do que qualquer outra coisa. Ih, restam ainda formigas, será que vieram me ajudar? Penso que se fosse budista, teria um problema sério com meu pai. Elas sobem em mim, nos textos, nos restos de doce, nos livros, se espalham por todos os cantos... bem-vindas, formigas, preciso mesmo desse contágio!

⁴⁴ “Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença.” (BARROS, 2003, p. IX).

Percebo que elas formam figuras com seus passos rápidos e incertos, as formigas vão sendo guiadas pelos acontecimentos⁴⁵, não parecem ter um roteiro, nem mesmo planos, vão se encaminhando conforme surge, conforme sentem vibrar, no que acontecem. Formam, assim, desenhos, formas sem forma, contornos rapidamente desfeitos, nada que se fixe por mais de um segundo, as formigas pulsam, contornam as coisas, se insinuam por entre tudo. Lá estão elas, sempre estão elas. Formam e desformam, desenham desdesenhando. Num encontro de luz e sombra: surgem os riscos das formigas, seus registros cartográficos: traços, pontos e tantos outros elementos, sempre mesclados nesta dança entre claro e escuro, nesta mutação constante. Michel Serres e o Terceiro Instruído: mística pura, desafiadora do academicismo, mais uma formiga que fez cartografia fora das autoestradas: visão do acontecimento.

Então, assim nasceu Zilá, personagem sombra de uma narrativa que se insere pelo meio, no meio da pesquisa, na troca de cartas. Assim nasce Polímnia, personagem musa grega, de muitos hinos, que se insere pelas trocas de cartas com Zilá e Clio. Assim nasce Clio, personagem irmã de Polímnia, filha de Mnemósine e Zeus, a memória e o deus cronos, estabelecendo, aqui, um contato: cartas que digam, que abram janelas, portas, brechas, que rachem. Assim nascem os textos, as vidas, as palavras, as formas desformes das formigas: nestes vãos, nestes espaços carcomidos, neste transbordamento necessário ao nascimento, à gestação, no entre. Por isso, prefiro eticamente o parto natural à cesariana, não por uma evidente oposição de um a outro, sendo que em alguns casos só é possível cesariana mesmo, mas pelo fator imprevisto que compõe o parto natural: não tem hora determinada, nem precisão da duração. No parto natural estamos à mercê do acontecimento.

⁴⁵ “O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera [...], o angustiante do acontecimento puro está, justamente, em que ele é alguma coisa que acaba de ocorrer e que vai se passar, ao mesmo tempo, nunca alguma coisa que se passa. [...] Cada acontecimento [pode ser entendido] como o menor tempo, menor que o mínimo de tempo contínuo pensável, porque ele se divide em passado próximo e futuro iminente. Mas é também o tempo mais longo, mais longo que o máximo de tempo contínuo pensável, porque ele não cessa de ser subdividido pelo Aion que o torna igual à sua linha ilimitada” (DELEUZE, 2000, p. 66).

Zilá veio ao mundo de um parto natural, estive prenhe e, por incrível, não sabia; logo que me “apercebi”, de cócoras, começou a vir ao mundo Zilá, personagem que convoco para esta dissertação, no intuito de “fugir” ao que poderia ser interpretado como uma certa personalidade, que viria através da escrita informal, que coloca o mim mesmo⁴⁶, em cena. Aqui, Zilá, híbrida que só, caminha no entre: da ficção à “desficção”: produção laboriosa por um sempre mais. Zilá se insinuará por entre ruas, livros, filmes, músicas, trazendo um pouco do que passa por seu corpo, como um registro de si, uma construção de si, como fazem as formigas no seu ininterrupto caminhar. Ouso dizer que Zilá tem alguma coisa de Frida, a Kahlo, outra musa inspiradora desta pesquisa. E quando digo alguma coisa é daquela coisa mesma mexicana, dramática e visceral, que ao mesmo tempo se torna superfície, nesse duo, nessa coexistência de sensações. Um vibrar singular de um corpo inventado, que se reinventa a cada instante, aberto aos devires.

Diário de borda: de como cheguei aqui

outubro, 2009.

Apesar de não ser graduada em psicologia, nem em belas artes, nem em cinema, e ainda em flerte com a diversidade de conceitos filosóficos, acreditei e apostei nos rompimentos das barreiras dos saberes e no investimento num saber híbrido, na diluição das fronteiras, na invenção, na ousadia: o risco. Meu trajeto profissional, apesar de incipiente, é marcado por essas misturas, por essa diversidade de áreas e atuações. E foi para “fazer honra” a essas marcas que resolvi me candidatar a uma vaga no mestrado de Psicologia Institucional, cavalcando mais uma linha rizomática que atravessava a vida. O mestrado já

⁴⁶ “Tomar a mim mesmo como espaço-tempo ocupado por multidões intensivas capazes de fluir com prudência por linhas de fuga, de resistir ao controle das Potências e de estabelecer relações ardilosas com o duplo incontrolável que me atravessa. Não vejo nisso uma constatação psicológica e nem um programa moral, mas sinalizadores ético-políticos que me ajudam a avaliar, a propósito da minha participação em cada ocorrência o que estou ajudando a fazer de mim mesmo a cada instante em face da inovação que brilha num acontecimento, seja ele pequeno ou grande. Não se trata, portanto, do trajeto curto que se acomoda entre uma ética da intimidade e uma moral da objetividade. O que pulsa nesses sinalizadores é uma ética-política da singularização, na qual incontáveis diagonais tramam o contínuo das metamorfoses” (ORLANDI, 2007, p. 237).

me era familiar sem mesmo conhecer os professores, o espaço, e participar de suas práticas. Era-me familiar porque amigas muito caras e queridas estavam neste Programa e me passavam excelentes referências. Aline Morschel, uma gaúcha aracajuana, foi a primeira querida que tentou me carregar para o PPGPSI. Na época em que veio morar no ES para fazer o mestrado, ficou hospedada em minha casa e em suas idas e vindas das aulas, das orientações, Aline me instigava a conhecer o espaço dizendo que o que era discutido, os embates, as práticas, tinham muito a ver com o que ela sabia de mim, do meu percurso e buscas. Cheguei a ir em uma aula seminário de Beth Barros com Aline, e, na época, elucubrando, já me apontavam possíveis orientadores. Bem, passou-se um pouco mais de tempo, isso foi em 2008. Só fui resolver de fato tentar quando Rubiane Maia, minha muito querida amiga, entrou para o mesmo Programa. A história é interessante, por isso a conto. Rubi estava querendo fazer mestrado no PPGPSI, mas sendo de outra área não estava tão segura, um dia na casa de meu pai, estávamos reunidos eu e muitos amigos chegados em torno de um delicioso almoço vegetariano regado a um bom vinho, Rubi e Aline tiveram a oportunidade de se encontrar, conversaram sobre o Programa e Aline deu o incentivo do qual Rubi precisava para ir em frente. Deu certo! Depois de Rubi, foi minha vez, resolvi ficar perto de minhas amigas.

Setembro, 2012

Com o Programa aprendi muitas coisas para além dos livros... acolhimento, ensinamentos. E fico grata pela paciência e compreensão que tiveram com o meu processo longo, aos sorrisos fáceis de todos, ao ambiente de amor e labor que é construído cotidianamente, ao fato de não transformarem problemas e dificuldades em muros e barreiras, mesmo que em alguns casos tenhamos obstáculos, pedras no meio do caminho acabam servindo como argamassas para a construção de pontes para a abertura de muitos diálogos impossíveis. Gosto da palavra impossível, ela me lembra Alice no país das

maravilhas⁴⁷ quando fala que pensa em seis coisas impossíveis antes de tomar o café da manhã: uma prática eficaz para deflacionar nossos pequenos-grandes-problemas. Sinto isso no PPGPSI, um lugar de lutas, de resistências, de força!

Dos tateios e tropeços: um pouco do corpo/trajeto desta pesquisa(dora)

setembro, 2009

A busca de material acerca do tempo começou, ainda na época da pré-seleção do mestrado, com a seguinte frase digitada no google: os tempos em deleuze, como resultado: achei *Tempo não-reconciliado*, de Peter Pál Pelbart. E aqui começou a jornada mais marcante da minha vida. Este, levou-me a outro livro de P. P. Pelbart: *A Nau do Tempo Rei*; que me sugeriu Virilio, Foucault e tantos outros. A jornada estava só começando, minha cabeça, meu corpo, tudo estava imerso numa explosão gostosa de conceitos, tinha, quase literalmente, pirado. Era toda uma outra perspectiva sobre o tempo a que via no livros do Peter Pál Pelbart... parecia aquilo que vem com a sensação de uma expressão que os cientistas usam ao descobrir algo fantástico: EUREKA! Estava me sentindo com a EUREKA por perto, uma sensação EUREKA. Era bom, vinha junto uma euforia desconhecida, algo que subia pela pele, arrepiava os pelos, causava certos tremores e muita emoção. Como foi bom sentir de outra forma o mundo – essa havia sido a primeira descoberta da jornada: as coisas não eram tão fixas e determinadas como a maior parte do tempo pareciam ser, existiam outras possibilidades, poderiam ser criadas. Tínhamos, temos, no mundo, uma infinidade de tempos, temporalidades, e em cada uma deles/as há uma natureza. Isso era lindo e era isso que me movimentava a seguir investindo naquela pesquisa que ainda seria aprovada por uma banca.

Estava me sentindo em casa com o tema, num tipo de casa que você decora, que se sente acolhido, aquela casa em que se sente prazer de habitar. Após estar em casa, acolhida, já não estar; já num outro ponto extra-casa, casa-

⁴⁷ Carrol, L. Alice no país das maravilhas, disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>

outra, sem formas, com os adornos de pernas pro ar, uma casa com contornos flexíveis e mutáveis. “Uma casa muito engraçada, que não tinha teto, não tinha nada.” Era assim que sentia ao me deparar com cada conceito de tempo, eram tantos, eram tantas aberturas, quando achava que havia “pescado” um, já aparecia outro que me pescava, e depois, outro e o tempo inteiro – eram todos muito interessantes, pois diversos. E já podia entrever uma pesquisa em constante mutação e abertura. Os conceitos falavam de outras coisas, outra forma de sentir o mundo. Essa foi a maior marca dessa *pesquisa* pra mim: *uma outra forma de ver o mundo*.

O primeiro caminho proposto (fragmento do anteprojeto de pesquisa, 2010)

Falava da sensação de estar em casa e, logo, fora dela; em termos conceituais: outros territórios produzidos; penso ser necessário colocar isso em relação ao tempo – desterritorializações e territorializações do tempo, alinhadas ao pensamento de Deleuze e Guattari (1995), buscando produções de outros “lugares”, outras vivificações-tempo, interstícios, inventividades, poesias. Não se trata de falar de tempos ocultos, que precisem vir à tona, mas tempos coexistentes, tempos da diferença, que estão no entorno, e que também surgem, aparecem, brotam, vivem.

E o que aconteceu? Nada de demasiadamente grande ou pequeno e que faz toda a diferença. Nada que antes estava oculto e agora se mostrou. Nada de especial, antes algo que faz parte do cotidiano e sempre esteve ali: ‘a luta da vida com aquilo que a ameaça (MACHADO, 2002, p.12).

Seguindo os caminhos das linhas propostas até aqui, tendo esses autores como referência, penso em divagar, conceituar, criar, rever, inventar, arriscar com o tempo, *nos* tempos, pela cidade. Um tempo que é muito mais criação do que fatalismo, um tempo próximo ao conceito de rizoma, biopotencializador, localizado na fissura, atravessado e atravessando, um tempo no/do entre, *tempo-rizoma*:

Assim, o cinema deixará de ser o cinema do Uno, que por associação de imagens (montagem) visa o Todo do Tempo, para instalar-se no interstício, entre as imagens. O Tempo não mais como Ser, porém como Entre, não mais regido pelo verbo É, porém instalado na conjunção E... (PELBART, 1998, p. 25).

Pensando na vertente do fazer audiovisual, mais particularmente em vídeo, parto da experiência própria e específica, realizada em outubro de 2008, na cidade de Salvador - BA. Tratou-se de um trabalho com vídeo e cineclubismo, resultando no curta-metragem "*Ilumia eu*": que tem como condutores as singularidades e o tempo de algumas pessoas que habitavam o Centro, de uma equipe que utilizava a imagem daquelas pessoas, de um olhar-outro que entrecruzava e capturava (produzindo um *outro olhar*), das forças das múltiplas subjetividades que se atravessaram e se justapuseram e do tempo em si, virtualidade pura que subverte fundamentos e produz uma *cronoilógica* no filme. Entre a captura e roteiro e edição e recaptura e reedição e várias faces do tempo e vários tempos em faces e cristais e fissuras e frestas e nuances e *entres*: interstícios temporais – Tempo rizoma/câmera rizoma.

O caminho aqui proposto, como um dos conceitos de tempo em Deleuze, é igualmente modulável, é massa – tempo terra. Portanto, o que prevalece na pesquisa é a inquietação, que vem da dúvida, do transitório, da incerteza, bem como da potência; e para levá-la adiante, sabe-se que nessa massa se encontram apontamentos *éticos-estéticos-políticos* consoantes ao pensar esquizoanalítico.

Um transbordamento: uma certa escuta do tempo⁴⁸

maio, 2011

*Sou o seu bezerro gritando mamãe*⁴⁹

⁴⁸ Neste transbordamento muitos nomes vão ser citados, nomes sem rosto, que, de fato, não dizem desta ou daquela pessoa, mas da paisagem que compõe com ela.

⁴⁹ Caetano Veloso, *Qualquer Coisa*, 1975.

Vou passando pelas ruas, dirigindo, ouvindo Caetano, vendo as pessoas de manhãzinha em seus mais variados afazeres. Um mergulhador meio careca voltando do mar, o corpo ainda molhado, pinga; um olhar embaçado das águas, e vermelho do sal, *mexe qualquer coisa dentro doida, já qualquer coisa doida dentro mexe*. Um homem sério e seu cachorro, compenetrados, passeiam na calçada, olho pro homem, olho pro cachorro: se parecem; como se, numa espécie de simbiose, compartilhassem dos mesmos pensamentos.

E você tá pra lá de Teerã.

Meu campo é a cidade, a cidade é meu campo - tenho até um jardim lá no 13º andar. Planto umas hortaliças, amiguinhas do Ayam. O Manjericão, batizamos de Vida, ontem no supermercado comprei sálvia, absinto e erva-cidreira: ainda estão sem nome; a arruda, que era Verdade, morreu. Mas antes entrou pro livro de *recuerdos* do Ayam Ravi, com direito a ilustração e historinha: a esplêndida história de Vida e Verdade, tipo *Amelie Poulain*. Tudo se torna mais interessante quando é divertido.

Penso em esmiuçar outras linhas de tempo que não estejam sedimentadas por um determinado modo de vida, pretendendo, com isso, uma visão e uma escuta que “contrariem” a própria tendência contemporânea: que pende para a maximização da velocidade e a minimização do tempo, associando tempo e velocidade, como se sinônimos fossem, por, talvez, ganharem, nos dias de hoje, essa dimensão. Mas como fazer emergir do “tempo contemporâneo”, o seu extemporâneo?

Berro pelo aterro pelo desterro, berro por seu berro pelo seu erro, quero que você ganhe que você me apanhe, sou o seu bezerro gritando mamãe. Venho dirigindo. Danço junto com a música, me lembro do Rio, da cartografia, da Lu, querida Lu e seu cabelinho bonito, recalcitrante: curto; lembro da Virginia, da Laura, das boas lembranças e afetações que este encontro me fez, me faz – decididamente, um bom encontro! ⁵⁰

⁵⁰ “Quando eu faço um encontro de modo que a relação do corpo que me modifica, que age sobre mim, combina-se com a minha própria relação, com a relação característica do meu próprio corpo,

Seguir duas linhas distintas, mas que se justapõem e, em boa medida, fundem, tornando-se uma mesma linha com muitas ramificações. Estas linhas, aqui chamadas de apontamentos, se multiplicarão, qual um rizoma, em tantas outras, que as atravessarão e certamente desviarão seu curso, sem aviso prévio - tendo este desvio como interlocutor e potente aliado neste percurso que se assume não linear. Numa tentativa de invenção⁵¹ de outro tempo, ou outros tempos, através da escrita, no encaço do pensamento, tento uma *tropicália*⁵² temporal. “Os sistemas em rizoma ou ‘em treliça’, [...] podem derivar infinitamente, estabelecer conexões transversais sem que se possa centrá-los ou cercá-los.” (DELEUZE, 1995, p. 387-388).

Eu e Ayam passeando pelas calçadas, tomamos nosso sol da manhã, *não se avexe não baião de dois deixe de manha, deixe de manha*, tudo parece tão colorido, tudo parece tão cinza, invariavelmente, muitos carros correndo, *sem essa Aranha, sem essa aranha, nem a sanha arranha o carro, nem o sarro arranha a Espanha, meça tamanha, meça tamanha. Esse papo seu já tá de manhã.*

É preciso se jogar sem travas e inventar o mar. É preciso se tornar leve, marola... inventar o amor e sabe a dor de se lançar⁵³. Nesse meio tempo, outro tempo, nesse meio escrita, escrita como meio; um tempo; outro, possivelmente, ombreando com o mesmo, se esquivando, capturando, sendo capturado. “[...] o ponto mais intenso das vidas, aquele no qual se concentra sua energia, é exatamente onde elas se chocam com o poder, se debatem contra ele, tentam utilizar suas forças ou escapar às suas armadilhas” (DELEUZE, 2005, p.101).

Se cada corpo traz em si um tempo, como sugeriu Galli, quando aqui estive para uma defesa, como seria o encontro de muitos corpos com propósitos,

o que é que acontece? Eu diria que minha potência de agir é aumentada; ela é aumentada ao menos sob aquela relação” (DELEUZE, 1978, p. 8).

⁵¹ “Essa potência de invenção de espaços e de tempos é o patrimônio de todos e de qualquer um [...] não está reservada a gênios em laboratórios do primeiro mundo. [...] Tem uma potência de vida e de invenção de formas de vida, de espaços e de tempos, que dribla um certo poder hegemônico” (PELBART, s/d). Disponível em http://www.opovoempe.org/?page_id=380

⁵² Sobre o movimento da Tropicália, ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tropic%C3%A1lia>

⁵³ Cais, Milton Nascimento, Clube da Esquina, 1972.

pela cidade? Tal afirmação me pôs muito a pensar... movimentou/a os pensamentos que perpassam a pesquisa na qual me embrenho e acredito. Instintivamente, começo a caminhar rumo às intervenções urbanas. Muitos corpos, muitos tempos juntos, muitas sobreposições, transversalizações de tempos, se reverberando, logo, num outro tempo – uma grande potência do tempo, tempo rizoma.

Penso que a concepção de outros tempos pode ser apreendida como um dispositivo⁵⁴ para uma atenção/produção de outras subjetividades: compreendendo tempo e subjetividade como territórios existenciais imbricados, que se atravessam, são atravessados – por vezes se desterritorializam e criam outros territórios e, por vezes, se reterritorializam e voltam ao Mesmo. É preciso *desadjetivar* o tempo, sair do Mesmo.

Caminhar ao Outro, com ele. Tirar-lhe os inúmeros significados que são imputados, para que se anunciem outros possíveis de tempo.

[...] Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. [...] pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'. [...] sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. [...] desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. [...] A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante (GUATTARI, 1996, p. 388).

Seria, então, como acompanhar um tempo rizoma, que não apenas se define em suas diversas ramificações; que é pulsão, sem contornos fixos, é ruptura, imprevisibilidade, variação, emaranhado, descontrole. Tendo esta proposição como disparadora, brotam algumas possibilidades de *fazer ver e fazer falar*.

⁵⁴ “Um dispositivo é de início um novelo, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente. [...] Máquinas de fazer ver e de fazer falar” (DELEUZE, 1990, p. 2).

*Que bela sopa, de osso ou aveia a ferver na panela cheia!*⁵⁵ Um pouco do osso da sopa, que nem no Partimpim, da Adriana, para dar concretude ao trabalho. Sinto meu corpo indo, já sem travas, a escrita podendo ser água, fluida, se insinuando pelas gretas mais inusitadas, estranhas, endoidecidas, produzindo pequenos córregos, fazendo jorrar fontes. Fontes que entram em sexualização com as pedras, águas empedrando, pedras escorrendo... atravessamentos de entres e perda de contornos...

Nesta pesquisa de atravessamentos, seguimos na transversal, um diálogo recalitrante... um diálogo que se espraia por muitas vias, por outras veias, no limiar, na tentativa de mudar os fluxos, de inserir outros, de produzir, talvez, uma pesquisa sem órgãos, um corpo sem órgãos na pesquisa.

Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. [...] Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide (DELEUZE, 1996, p. 9-11).

E ora vem o medo, a trava, censura que atrapalha o fluxo... destempero de um escritor que ao se perder é convocado a se encontrar, produzir bons encontros nesta escrita/pesquisa e, ao mesmo tempo, ser inteligível, trazer territórios, corpo.

Onde está o corpo da sua pesquisa? Faltou território, que agonia! E o tempo cronológico se impõe: corra, você não tem “tempo a perder”! Você tem pouco “tempo”, corra contra o “tempo” que você tem, ou, que talvez te escape, não o deixe escapar, não o deixe.

E ironia: como falar de um tempo outro com tantos cronômetros e exigências programáticas? Como prever o acontecimento, como mapear o futuro? Correr contra o tempo? Mas é de outra coisa que está se falando, - outra que este trabalho se propõe. É a favor do tempo, talvez, algum favor. “Contudo, nem por isso o futuro passa a ser figurado como um presente situado adiante de

⁵⁵ Adriana Calcanhoto, *Canção da falsa tartaruga*, Adriana Partipim, 2006.

nós. Num segmento do tempo que virá; Deleuze o concebe antes como iminência no seio do devir, como a diferença emergente, como a atualidade imanente, como a urgência extemporânea que cabe ao Intempestivo desentocar, sempre e em toda parte, do seio do próprio presente. Isto vale para a filosofia ou para a arte, para a política ou para a clínica, enfim, para o pensamento e a vida. O futuro parece como o incondicionado que o instante afirma.” (PELBART, 1998, p. 187). *A tua presença entra pelos sete buracos da minha cabeça, a tua presença pelos olhos bocas narinas e orelhas, a tua presença desintegra e atualiza a minha presença. Se espalha no campo derrubando as cercas.*⁵⁶

Logo, irrompem as intervenções urbanas como uma parte de um corpo, com um tempo. E a pergunta: alguma intenção com elas? Ressoa nas bocas e pensamentos que pedem ordem – necessário se faz! E logo recorro aos aliados que transitam neste processo: Rubiane e suas sementes lançadas ao asfalto: “possibilidades que vão se construindo em diálogos sobre a intensa aventura que é sair da condição de observador para experimentador do mundo” (MAIA, 2010 p.11). E, acrescentaria, ainda: para a produção inventiva de outros mundos, logo, de outros tempos.

Vai mais adiante, e traz em seu trabalho, Castañeda: “tudo é um entre um milhão de caminhos.”

E, o mais prudente, ao seguir este caminho, se perguntar: “Esse caminho tem um coração? Se tiver, o caminho é bom; se não tiver, não presta. Ambos os caminhos não conduzem a parte alguma; mas um tem coração e o outro não. Um torna a viagem alegre; enquanto você o seguir, será um com ele. O outro fará maldizer sua vida. Um o torna forte; o outro o enfraquece (CASTAÑEDA, 2004, p.141).

Por isso, penso que intervenções urbanas são uma possibilidade de dar corpo à construção de outros tempos, necessariamente, um corpo sem órgãos,

⁵⁶ A tua presença morena. Caetano Veloso. Qualquer Coisa, 1975.

caminhante do limite. Um corpo que é todo coração⁵⁷, que é tudo e não é nada, que não tem função, nem periodicidade.

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora” (DELEUZE, 1995, p.12).

Pensar intervenções urbanas não é negar, de forma alguma, outros tempos que se constroem, a todo o momento, à revelia de nosso labor para isto. No entanto, se há uma intenção/intervenção, a que aqui se coloca é da ordem da experimentação: construir um outro tempo nesta potência do encontro de muitos corpos: muitos tempos. Sem, contudo, ter definido, a priori, o que sucederá de modo escalonado, mas, trazendo, na bagagem, apontamentos/proposições que norteiem a proposta. Acredita-se, que, por mais que tudo esteja aparentemente controlado na cidade, na vida, na pesquisa, no tempo, há sempre algo que se esvai, displicentemente - algo não é passível nem de dominação, nem de previsão. E, nas vias deste pensar, nos deparamos com um outro tempo, uma outra escuta do tempo. “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE, 1995, p.12).

⁵⁷ “Comigo a anatomia ficou louca, sou todo coração” (MAIAKOVSKI, s/d).

Conclusões inconclusas: do nosso modo de fazer⁵⁸

Uma miscelânea desgovernada. Desgovernada de tempo, de espaço, de modo, de escrita, de vida, de experimentação, solavancada. Uma dissertação que se construiu por sensações moventes, que traçaram as linhas que se emaranharam de uma forma estranha, fazendo formas estranhas. Como uma espécie de patchwork vivencial, manto do Arlequim⁵⁹. Com retalhos, em retalhos: partes distintas, costuradas juntas, mas, ainda assim, distintas em proposições. Contudo, esta diferença não as distancia, visto que, primeiramente, elas diferem de si mesmas.

Do trabalho, emerge uma escrita, emerge um coletivo. Num primeiro olhar, estranha mistura: escrita e coletivo. Estranha, se pensarmos que a escrita traz a necessidade de alguma solidão⁶⁰.

Num segundo olhar: sim, foi uma solidão - que falou, também, de uma multidão. Uma solidão que não é de um gênio pensante a se isolar do mundo, e esperar a tão idolatrada inspiração lhe chegar por entre a nuca, em epifania. Mas uma solidão que se colocou como necessária na tarefa laboriosa de dar forma, de juntar os fragmentos, de colocá-los numa cadência, de modo que pudessem ser compartilhados, uma solidão de esvaziar-se, de desfazer-se um tanto – desmanchando os “eus”, dando lugar ao que devém. Para, então, mais uma vez, voltar ao coletivo de onde emergiu, com o qual emergiu.

Sozinha, sem esforço, a língua fala através de várias vozes e narra sem contar comigo a desfolhagem do prelúdio. Eis aqui o manto, centão remendado, e depois o relato simplesmente acrescentado e compósito do cair das sucessivas partes do manto ou das páginas que descrevem o acto de se despir, com o Imperador da Lua no centro, tornando motivo de risota do público e logo depois a sua cabeça de turco, por entre graçolas e assobios, mas, finalmente, o Arlequim coloca-se bem no seu próprio centro, com todos os pedaços das suas roupas, ou

⁵⁸ “[...] Ao fazer isto ou aquilo, cada euzinho está sempre fazendo algo mais ou até algo menos. [...] o fazer está sempre em desdobramentos, em dobras e redobras e mesmo em sobredobras” (ORLANDI, 2007, p. 218).

⁵⁹ “Mas antes de se designar essa tal mistura de fragmentos escolhidos, para recitar, cantar ou citar, chamava-se cento a um pano remendado, a um retalho de tecido de várias cores, que depressa se tornou no manto de Arlequim” (SERRES, 1994, p. 50).

⁶⁰ “O viajante está aí sozinho, precisa, pois, fazer a travessia para conhecer a solidão. E poderá reconhecê-la no desaparecimento das suas referências” (SERRES, 1994, p. 21).

debaixo de tudo o que traz por baixo: ou seja, ele é um e vários ao mesmo tempo (SERRES, 1994, p. 51).

Como se uma atualização dos *hupomnêmatas*⁶¹, dos gregos antigos. Onde se misturam conceitos e uma escrita assumidamente informal, cartas, vivências, músicas, personagens, textos, citações, numa sopa bem saborosa, com um tempero único: um desejo.

Como se uma mistura⁶² da qual não se pôde abrir mão, com muitas mãos construindo, juntas, um outro corpo, um outro tempo: vidas em meio ao fluxo.

Tentamos, aqui, uma tarefa um tanto delicada, usando o texto e o corpo, como um artesão, como um artista. Artista de uma arte qualquer, de uma arte desgovernada, tonta, tola, delirante. “Um artista só conta com as estrelas, como disse Nietzsche” (CORTÁZAR, 1999, p. 133).

Tendo nas palavras e nos corpos e na cidade matérias, com as quais inventamos outros mundos/tempos, frestas, rachaduras, portas e janelas. Valendo-nos do que diz Deleuze:

Não há palavras certas [...] Só há palavras inexatas para designar exatamente alguma coisa. Criemos palavras extraordinárias, mas na condição de as utilizarmos de modo vulgar e de fazer existir a entidade que designam com o estatuto do mais comum dos objetos. Hoje temos novas maneiras de ler, e talvez de escrever. [...] Não há nada a compreender, nada a interpretar. Gostaria de dizer o que é um estilo: é a propriedade daqueles de quem habitualmente se diz ‘não tem estilo...’. Não é uma estrutura signifiante, nem uma organização refletida, nem uma inspiração espontânea, nem uma orquestração, nem uma musiquinha. É um agenciamento de enunciação. Um estilo é conseguir gaguejar na sua própria língua (DELEUZE, 2004, 13-14).

⁶¹ Escrita de si, que “nada mais é que subjetivação do discurso, constituição de si. Nesta ética os objetivos são claros: ‘recolher-se em si, atingir a si mesmo, viver consigo mesmo, bastar-se a si mesmo, aproveitar e gozar de si mesmo’” (RESENDE, 2008, p. 68).

⁶² “A aprendizagem consiste numa tal mestiçagem. Estranho e original, já misturado nos genes de seu pai e de sua mãe, a criança apenas evolui através desses novos cruzamentos; toda a pedagogia retoma o gerar e o nascimento de uma criança: nascido canhoto aprende a servir-se da mão direita, mas permanece canhoto, renasce destro, na confluência dos dois sentidos” (SERRES, 1994, p. 60).

E, nessas quebras, pelo meio, levamos em conta que “*a verdadeira passagem tem lugar no próprio meio*” (SERRES, 1994, p. 21), nossa pesquisa se instaurou com uma proposta que é uma e muitas: um-muitos, um-vários, o arlequim.

Quebra da língua: nessas misturas de tempos verbais, tempos vivenciais, nessa torção da forma já dada de escrita e pesquisa, manuseando-as sempre em tentativa, num rascunho, tropegamente.

Quebra do ritmo: nessa mistura de corpos e cartas, que juntos criaram um outro ritmo, talvez “desritmado”, desarmônico, trazendo na cidade e na escrita sua potência de agir, de se inserir pelo meio. Um trabalho que veste uma vírgula, e pôs como uma vírgula no fluxo urbano; um momento, um tempo.

Diário de borda: caminhamos pela transversal

junho-novembro, 2012

Preciso de fôlego para escrever essa dissertação.

E sim, falo no presente.

Presente porque este trabalho não tem conclusão, nem fim, não se pretende um ponto no espaço, mas uma vírgula no fluxo, uma abertura.

Preciso de muito fôlego, porque preciso de muito tempo, muitos tempos diferentes para dar conta de tantos fluxos, demandas, dissertações possíveis, muitas vidas, pesquisas distintas que se insinuam a todo momento, que quase foram, que quase são...mas daí então se desmancharam, se desmancham, já não são mais... seguem infinitamente a se desmanchar, se refazendo a todo tempo, tentando juntar peças distintas do que não se configura como um quebra-cabeça, mas que quebra a minha cabeça... Em dois anos: muitos acontecimentos em uma vida.

Preciso de fôlego para seguir este ritmo, que nada tem de ritmado, ou que talvez se apresente como um novo/diferente modo de musicalizar, fazendo

marcações aqui e ali, com um suingue bem suave e molejado; por vezes, lento em demasia; por vezes, mudo; por vezes, parado.

Durante meu período no mestrado: muitas paradas, talvez mais paradas do que movimentos, talvez mais gestações do que partos, alguns abortos...

Muitos bons encontros, muitos maus encontros, muitos desencontros, alguns reencontros, outras reentrâncias, possibilidades variadas se desenhavam, e a sensação sem fim de que logo se apagavam – mas daí surge algo imprevisto, impensado, até então.

Surge? Ou será que há um grande esforço para que isso se faça, estabeleça, como um artesão insensato e cego... como um bêbado iluminado e maldito... pequenas epifanias construídas, destruídas, esculpidas...

Então, esta dissertação se construiu no quase, no entre, no absurdo... não é um tratado, não é nenhum esmero, nem tampouco o virtuosíssimo trabalho de um aluno dedicado que com afincos passou horas e horas e horas de leitura, estudo e escrita. O que foi construído até aqui, foi o que foi possível.

Muita coisa foi feita rapidamente, como um jorro, como num gozo; num tempo encontrado como possível, num tempo criado para dar conta de tantas coisas que atravessavam uma vida – a desta pesquisadora, neste processo gestacional de pesquisa.

Mais uma vez parei, precisava, novamente, de fôlego, respirar.

A parada se transforma, muitas dessas vezes, em quase coma... respiração muito fraca, lenta, cansada... não sabia se voltaria, não sabia se me reergueria, não sabia se seguiria, se continuaria vivendo esta pesquisa. Queria, mas será que conseguiria? Consegui, aqui estamos, fim, conclusão, junção do processo de pesquisa como conclusão de um trabalho que não pretende concluir...

Tentei criar meios, saídas, alternativas... precisei de me fazer estas perguntas e aos outros:

Quem me ajuda? Quem vem comigo?

Quem entende?

Quem vem comigo?

Me senti muito só, boa parte do tempo e, por vezes, desesperada, sem saída...

Quem sentiu comigo?

E percebo, ao longo de minhas caminhadas tropeçantes, de minhas longas caminhadas lentas ao passo das gueixas, curto, porém gracioso, que o que me move aqui é da força das sensações, fiz um caminho que me leva de um lado a outro por sensações variadas. Um trabalho que não é só processo, nem fluxo, nem desfluxo. O modo como ele seguiu: sempre, sempre tantas coisas no meio...

Um ser se mexia dentro da minha barriga, estava no oitavo mês, da segunda gestação, desde minha entrada no mestrado...

Muitas vidas se construíram junto com esse trabalho, se transformaram e cresceram ao seu modo, em seu tempo.

Por tempos tive que parar, e isso é uma marca forte deste trabalho, um trabalho que começava e parava, e então começava outra vez e, de novo, parava... e seguia com paradas longas, que quando retomadas já se constituíam por outros vieses. Uma pesquisa que parava por muito tempo, que precisava parar, que precisava do tempo da parada para se refazer, para existir, para criar seus contornos...

um pouco mais de fôlego.

Uma pesquisa que se perdeu, também. Porque várias pesquisas existiram aqui e se perderam por conta das longas paradas necessárias ao caminhar que se estabeleceu neste processo. Quantos tempos foram desejados?

Quantos outros foram esquecidos? Como e o que mudou, desde o anteprojeto arrojado e intelectualizado, apresentado à banca de seleção?

Um trabalho mais simples se forjou e fez-se necessário esta simplicidade, como se fosse um ensinamento da vida que pede passagem e grita e bate e quebra e mostra que as coisas não seguem cartilhas, nem leis universais – o caminho se faz com o caminhar. Aprendi isto...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas: a infância**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BORGES, Jorge Luis. **Poesia**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CASTAÑEDA, Carlos. **A Erva do Diabo: os ensinamentos de dom Juan**. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol 1**. São Paulo: Ed.34, 2009a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Ed.34, 2009b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol 3**. São Paulo: Ed.34, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio d'água, 2004.
- DELEUZE, Gilles. A Literatura e a vida. In: **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed.34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política. Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- GUBERMAN, Mariluci. **Provocações da cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- LEMINSKI, P. **La vie em close**. São Paulo: Brasiliense, 2004.p.23.
- LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MACHADO, Leila Aparecida Domingues. Subjetividades Contemporâneas. In: Maria Elizabeth Barros de Barros. (Org.). **Psicologia: questões contemporâneas**. Vitória: EDUFES, 1999.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia** da UNESP, v. 8, p. 110-117, 2009.

MAIA, Rubiane Vanessa da Silva. **Desvios, sobre arte e vida na contemporaneidade**. Dissertação de mestrado: UFES, 2011.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: SENAC, 2004.

PELBART, Peter Pál. **A Nau do Tempo Rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELBART, Peter Pál. **O Tempo Não-Reconciliado**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade – sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010.

RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: D P & A Editora, 2005.

RESENDE, Catarina. A escrita de um corpo sem órgãos. *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. 2008, vol.20, n.1, pp. 65-75. ISSN 1984-0292. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922008000100010>.

ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. In: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>

SANTOS, Edna Maria. Cidades irmãs: Luanda e Rio de Janeiro - cultura urbana, relações de poder e meio ambiente. In: GUBERMAN, Mariluci. **Provocações da cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SCHÖPKE, Regina. **Matéria em movimento a ilusão do tempo e o eterno retorno**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SCHÖPKE, Regina. O eterno eterno de Nietzsche: seleção ou repetição? ORLANDI, Luis B. L.; (Org.). **A Diferença**. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

SERRES, Michel. **Terceiro Instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

VIRILIO, Paul. **Guerra Pura: a militarização do cotidiano**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.